

LEIA O LIVRO. SIGA AS PISTAS. VENÇA O JOGO

INFINITY RING



LIVRO 3

O ALÇAPÃO

LISA McMANN

SEGUIR#E

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





LIVRO 3
O ALÇAPÃO
LISA McMANN

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

SÉQUINTE
O só livro da Competição das Letras

Para Casey

Um mar de... milho?

— Pelo amor! — Sera disse, olhando para suas sapatilhas elegantes mas nem um pouco funcionais, que até pouco tempo ainda eram vermelhas. — Meus pés estão congelando.

Ela olhou para trás para ver se Riq e Dak também estavam lá, de preferência sem companhias indesejadas — afinal, depois de terem viajado no tempo pelas terras vikings levando uma cachorra chamada Vígi, grande demais para ser considerada... bem, uma cachorra, era sempre bom garantir.

Os pés dos três estavam cobertos de lama. Chovia — ou melhor, caía um temporal, com ventania e tudo, e eles estavam no meio das terras devastadas de um milharal. O milho havia sido colhido meses antes, e só restavam os caules secos. De um lado, Sera via uma cidadezinha e um rio caudaloso onde despontavam embarcações; do outro, as sedes imponentes de grandes fazendas, cercadas por casas menores, perdidas em meio à imensidão de plantações.

Sera guardou o Anel do Infinito na bolsa presa à cintura. Eles tinham acabado de usá-lo para sair de Washington em 1814, onde haviam corrigido uma Fratura na Casa Branca e conhecido a primeira-dama dos Estados Unidos, Dolley Madison. E os escravos dela.

Aquela parte tinha sido meio estranha.

— Cadê o SQuare? — Sera perguntou. Ela sabia que eles estavam em algum lugar de Maryland no ano de 1850, mas para descobrir *por quê*, precisava consultar o tablet que haviam recebido dos Guardiões da História. — Se você fizer a mesma gracinha de novo e disser que guardou dentro da calça, Dak, vou ficar muito brava. Estou avisando.

Dak era o melhor amigo de Sera, mas tudo tinha limite. Passar o tempo todo na companhia de dois meninos fedorentos estava se tornando cada vez mais desagradável para ela, sem dúvida alguma. Se pelo menos tivesse dado tempo de tomar banho na Casa Branca... Essa, sim, teria sido uma boa história para contar em casa.

Em casa... Ela fechou os olhos ao ser tomada por uma Reminiscência — uma quase memória de algo que não aconteceu, mas deveria ter acontecido. Ela não sabia se era apenas coincidência o fato de as viagens no tempo terem tornado as Reminiscências mais frequentes, nem se essa hipótese estava em conformidade com a Teoria da Não Localidade, mas parecia haver uma clara relação entre uma coisa e outra. E como as Reminiscências de Riq também

estavam cada vez mais presentes — apesar de ele nunca comentar a respeito —, Sera tinha quase certeza de que as duas coisas estavam ligadas. Talvez as Reminiscências se intensificariam antes de finalmente desaparecerem.

— O SQuare? Eu guardei dentro da calça — Dak respondeu, caindo na risada e batendo com força na perna.

Riq, que era alguns anos mais velho, revirou os olhos.

— Parem com isso. E fiquem quietos. Pode haver alguém nas redondezas — ele falou e soltou um suspiro. — Já estou cansado de ser a babá de vocês dois. Não é à toa que eu me queixo.

— Você disse “queijo”? — Dak perguntou e caiu na gargalhada de novo. Ele se virou para Sera. — Ele disse “queijo”, não disse?

Os últimos dias estavam sendo longos e exaustivos.

Sera estava acostumada às piadas sem graça de Dak, mas não gostou nada do comentário de Riq sobre ser a babá dos dois. Principalmente depois do que haviam passado na França medieval, quando Dak desapareceu no meio da missão. Não fora ela que bancara a imatura. Ela não fora capturada pelos vikings, não perdera o SQuare, não comera o queijo do rei da França — na verdade, não havia feito nada nem remotamente parecido com isso. Sera virou a cara e cruzou os braços para se proteger do frio e da chuva, enquanto o vento balançava seu vestido ensopado, que se enrolava em suas pernas. Ela parecia uma boneca de pano descartada pela dona, atirada pela janela de um carro em movimento sobre uma poça de lama.

Riq franziu a testa.

— Desculpa — ele murmurou. — É que... eu estou cansado. Todos nós estamos. Vamos sair logo do meio desta tempestade e descobrir o que viemos fazer aqui.

Ao passar por Riq, Sera esbarrou nele de leve — já que ele havia pedido desculpas —, e depois empurrou Dak com bastante força, por ele ser tão irritante. Ela tentou pisar duro no chão, mas sua sapatilha saiu do pé e sumiu no meio da lama.

— Mas que porcaria — murmurou, olhando para o lugar onde a sapatilha inútil havia desaparecido. Então seguiu com um pé descalço, o barro frio se acumulando entre os dedos. Sera também teria tirado as luvas brancas que iam até os cotovelos, caso não fossem a única coisa impedindo suas mãos de congelar.

Quando chegaram à beira do milharal, Sera avistou um depósito velho e seguiu em sua direção. Com a cabeça baixa e arrependida por ter esquecido de pegar um guarda-chuva na Casa Branca, ela tinha um único objetivo em mente: abrigar-se lá dentro.

O silêncio era interrompido apenas pelo rugido do vento. O depósito parecia abandonado. A porta sacudia e um lampião balançava, pendurado em uma pilastra do lado de fora.

Sera entrou aos tropeções, sentindo os pés dormentes. Conforme sua visão foi se ajustando à mudança de luminosidade, ela viu que Dak já estava com os olhos vidrados na tela do SQuare.

— E então? — ela quis saber. — Qual é a Fratura?

— Ainda não sei. Precisamos resolver mais um enigma — Dak respondeu. — Desta vez são umas figurinhas.

Ele passou o SQuare para Riq. Enquanto Riq examinava as imagens, Sera espichou os olhos

por sobre o ombro dele para dar uma espiada.

Sera olhou para a primeira linha e começou a falar sozinha.

$$A + (\text{🌀} - A) + I + (\text{🦋} - \text{ÍL}) + N + (\text{📄} - L) \\ (100 - C) \quad (\text{👉} - \text{NA}) + (\text{👇} - \text{UMB})$$

— Uma centopeia... Alguma coisa a ver com insetos?

Riq lançou um olhar meio irritado para ela.

— Você precisa falar bem na minha orelha? Meu autotradutor está enlouquecido tentando decifrar o seu blá-blá-blá.

Sera cerrou os dentes e se afastou.

— Desculpa.

A expressão do garoto mais velho se atenuou.

— Tudo bem — ele segurou o Square de modo que Sera e Dak também pudessem ver a tela.

— Vamos lá. Estamos no mesmo barco. Somos todos viajantes do tempo.

— Só que alguns de nós valorizamos mais o trabalho em equipe do que outros — Dak resmungou.

Sera respirou fundo e virou a cara, impaciente. Ela não aguentava mais ouvir aquele tipo de alfinetada entre os dois. Se esforçando para enxergar no meio da penumbra, ela procurava algum lugar para sentar ali no depósito sem que ficasse completamente imunda.

Era uma construção pequena. Apesar da escuridão, ela conseguiu esquadrinhar os quatro cantos do lugar. E foi por isso que se surpreendeu quando notou que tinha algo se movendo ali.

Ela ficou paralisada por um instante, e então recuou para abrir um pouco mais a porta, permitindo a entrada da luz.

— Quietos! Estão vendo aquilo ali? — Sera perguntou, apontando para o canto do depósito, onde o chão parecia se mover. Era um alçapão, e estava sendo aberto. — Nós não estamos sozinhos.

Amiga entre aspas

O chão se ergueu alguns centímetros, e depois mais alguns.

— Corram! — Dak sussurrou.

Ele não hesitou em seguir seu próprio conselho, e Riq e Sera saíram porta afora logo em seguida. Eles correram desesperadamente por um minuto ou dois, com os galhos e a lama castigando o pé descalço de Sera, até atingirem uma distância segura e se esconderem atrás de uns pinheiros.

— Por que nós fugimos? — Riq perguntou, arfando.

— Cara, o chão estava se mexendo. Tinha alguma coisa lá embaixo!

— É, mas se a gente não quisesse que a pessoa saísse, era só ficar em cima do alçapão.

— Como você sabe que era uma pessoa? — Dak rebateu.

— Ah, claro — Sera disse. — Podia ser um monstro — ela abriu um sorriso sarcástico.

— Ei, nunca se sabe. Com a nossa sorte, poderia ser o Sasquatch — Riq disse.

Dak sacudiu a cabeça e soltou um suspiro, aborrecido.

— Você claramente não sabe nada sobre o Sasquatch. Em 1850, ele nunca tinha sido visto nessa região. No começo, as aparições se resumiam ao noroeste do país. E ele nem tinha nome nessa época.

— *Enfim* — Sera interrompeu. — Isso é sério, e se eles ouvirem a gente? Riq, você disse com todas as letras que nós somos viajantes do tempo!

Riq abriu a boca como se fosse protestar, mas logo desistiu.

— Foi mesmo? — ele perguntou baixinho.

— Riq! — Dak o repreendeu. — Você estragou tudo.

— Ah, qual é? Não estraguei nada — Riq desdenhou. Ele olhou para trás, apreensivo. — Mas se alguém tiver uma ideia do que devemos fazer agora, sou todo ouvidos.

Dak começou a balbuciar.

— Mil oitocentos e cinquenta. Maryland. A centopeia e alguma coisa com “ista” — ele coçou a cabeça antes de continuar: — Tinham muitos insetos naquele depósito...

Ele interrompeu o que estava dizendo e olhou para cima. Uma folha amarelada carregada pelo vento pousou sobre seu rosto.

— Dã, é claro — Dak disse. — Abolicionista. Vamos logo, antes que um raio caia na cabeça

da gente.

Ele se pôs a andar, arrancando a folha grudada em seu rosto. Riq foi atrás.

Sera parecia hesitante.

— Pessoal — ela falou. — Não entendi. Aonde estamos indo? Ainda não resolvemos a pista inteira.

Ela desviou de um galho que vinha voando em sua direção.

— Porque a resposta é óbvia. Precisamos encontrar os abolicionistas — Dak respondeu. — É pouco provável que os Guardiões da História fossem favoráveis à escravidão, não é? Então o que precisamos fazer é encontrar um deles e descobrir como podemos ajudar.

Dak estava ficando cada vez mais ranzinza, arrastando os pés encharcados pelo mato molhado.

Sera os seguiu, mancando.

— Mas como vamos conseguir encontrar um abolicionista no meio de um furacão? — ela questionou.

Dak franziu a testa.

— Tecnicamente, com uma temperatura tão baixa, não pode ser um...

— Dã — Sera interrompeu. — Eu sei disso. É uma tempestade *nor'easter*, típica da Costa Leste dos Estados Unidos. Só não estava a fim de entrar em detalhes...

Riq olhou para o céu como quem clama por ajuda, sacudiu a cabeça e tomou a direção da casa mais próxima.

Sera e Dak se entreolharam e partiram atrás dele.

— Nós somos estranhos por aqui, não se esqueça — Sera alertou quando alcançou o garoto mais velho. — As pessoas podem desconfiar.

Ele olhou para as roupas que vestia.

— Eu sei. Mas não poderemos fazer muita coisa para evitar o Cataclismo se o seu pé for amputado.

— Own, você está preocupado com o meu pé — Sera disse, abrindo um sorriso.

A expressão de Riq continuou impassível.

— Estou preocupado com a missão dos Guardiões da História.

Isso bastou para que todos se calassem pelo resto do caminho.

A primeira casa a que chegaram estava às escuras. As cortinas estavam fechadas e não havia nada sobre o parapeito das janelas, nem na varanda. Dak sacudiu a cabeça.

— Alguma coisa está errada — comentou.

Eles foram até a casa seguinte, que também pareceu estranha aos olhos de Dak.

— O que você está procurando? — Riq perguntou.

— Quando eu encontrar, eu explico — Dak disse.

Sera abaixou a cabeça para se proteger do vento e saiu mancando atrás deles.

Vários minutos depois, eles se aproximaram da terceira casa, o vento e a chuva castigando bastante seus rostos.

Ao notar que havia um lampião na janela, Dak subiu cautelosamente os degraus da varanda.

— Pode ser aqui. Eles usavam lampiões como sinal.

Dak deu mais uma olhada no milharal, avistando o depósito à distância e se perguntando se a plantaçoão pertenceria ao dono daquela casa. Em caso afirmativo, a existênciã do alçapão faria um pouco mais de sentido.

Riq parou no meio da escada e franziu a testa. *Lá vem o Riq fazendo cara feia de novo*, Dak pensou.

Sera se virou para o garoto mais velho.

— Você acha muito arriscado? — ela perguntou.

Riq não disse nada. Em vez disso, soltou um gemido, deu alguns passos trôpegos, agarrou-se ao gradil da varanda e fechou os olhos.

Sera foi até ele e o segurou pelo braço. Dak demorou um pouco para se dar conta do que estava acontecendo: Riq estava tendo uma Reminiscência.

— Foi muito forte? — Sera sussurrou.

Não houve tempo para resposta.

A porta se abriu um pouquinho, depois mais um pouco, e uma mulher com um vestido preto e pesado de lã e uma touca na cabeça apareceu.

— Entrem — ela convidou, mas se mostrou um pouco hesitante ao reparar na aparência dos três. Depois de um instante, porém, abriu um sorriso e repetiu o convite com um pouco mais de urgência: — Ahh, que interessante. Entrem, entrem — a mulher disse e fez um sinal com a mão para eles se apressarem, que foi obedecido sem questionamentos.

Dentro da casa, o fogo crepitava na lareira. Riq, Sera e Dak ficaram um tempo parados junto à porta, tremendo e molhando todo o chão, mas a mulher não parecia se importar. Ela entregou uma toalha a cada um para que pudessem se secar.

— Ora, ora — ela falou, olhando para Sera. — Suas roupas são bem incomuns.

Sera a encarou sem piscar.

— Nós estávamos em uma festa na... hã...

— Na fazenda vizinha — Dak continuou. — O tema da festa era o período pós-Guerra da Independência. Quando estávamos voltando para casa, um dos nossos cavalos, hã... — ele olhou para baixo e notou o pé descalço de Sera — perdeu uma ferradura, e saímos andando no meio da tempestade para procurar um lugar para passar a noite.

Sera sentiu vontade de dar um chute na canela de Dak.

Riq ficou em silêncio.

A mulher abriu um sorriso largo.

— Não é preciso inventar histórias. Sou Hester Beeson, uma Amiga. Creio que estavam procurando por mim.

Ela olhou Dak e Sera nos olhos ao falar com eles, mas se limitou a um aceno de cabeça na direção de Riq.

Dak encolheu os ombros de leve, e então concordou com a cabeça.

— Certo — falou. — Então você é uma... — ele se interrompeu propositalmente.

— Ah, sim, nós estamos do mesmo lado — ela falou, ainda sorrindo. — Ser útil a vocês é uma alegria para mim.

O rosto de Dak se iluminou. Uma Guardiã da História? *Maravilha!*

A sra. Beeson não perdeu tempo.

— Então vamos entrando. Temos uma sala secreta aqui... Nunca se sabe quem pode estar por aí em uma noite como esta... — ela comentou enquanto os guiava pelo interior da casa.

Dak lançou um olhar de interrogação para Riq, que se mantinha impassível, olhando para a frente.

— Vocês querem me entregar alguma coisa? — a sra. Beeson perguntou, virando-se com as mãos estendidas. — Para guardar no cofre?

Sera ergueu uma sobrancelha.

— N-não, obrigada. Preferimos manter tudo ao alcance da mão.

— Muito bem, então.

A mulher não pareceu notar a expressão estranha no rosto de Riq, mas Dak reparou muito bem. Só não entendia o que aquilo significava.

Ela arrastou uma cadeira de madeira e afastou um tapete para revelar uma porta quadrada no piso. Abriu o trinco e puxou a porta para cima, colocando-se ao lado da abertura revelada com muito orgulho.

— Parece mágica — ela disse, sorridente. — Vocês dois e seu escravo ficarão bem confortáveis aqui embaixo.

Dak e Sera se entreolharam, perplexos. Dak arriscou uma olhadela para Riq, que parecia furioso.

— Sra. Beeson — Sera começou, vermelha de vergonha. — Riq *não é* nosso...

Um rápido chute na canela a fez se calar a tempo.

— Fico feliz por terem chegado em segurança — a sra. Beeson disse, e começou a cantarolar à medida que desciam a escada para um porão pequeno e gelado, iluminado por lampiões. — Aqui vocês encontrarão roupas secas para vestir e água e sabão para limpar esses cortes no pé, mocinha. A comida vem em um instante.

— Certo... Obrigada — Sera disse, um tanto insegura. Ela fez uma cara de interrogação para Dak e Riq, que retribuíram com o mesmo tipo de olhar. A garota se inclinou na direção deles e murmurou: — Ela é bem esquisita. Vocês acham mesmo que ela é a Guardiã da História local?

Dak fez que sim com a cabeça. Mas de fato parecia haver alguma coisa errada.

— Com licença — ele gritou lá para cima. — A senhora sabe quem é Aristóteles, não é?

— Não, querido — a sra. Beeson respondeu. — Nunca conheci ninguém com esse nome.

Um instante depois, a porta do alçapão foi batida.

E o trinco foi fechado com um clique.

Eles ouviram a cadeira ser arrastada de volta para o lugar.

Três adolescentes com uma inteligência muito acima da média haviam sido trancafiados por livre e espontânea vontade em um porão no meio do nada. Eles se entreolharam enquanto Dak dizia:

— Espera aí. O que acabou de acontecer?

Quacres

— Ela pode até ser abolicionista, mas Guardiã da História com certeza não é — Riq concluiu, sentindo um nó no estômago.

— Mas... mas ela disse que estava do nosso lado — Dak argumentou. — Por que ela diria isso?

Sera soltou um grunhido.

— Ela acha que Riq é um escravo e que nós viemos aqui para escondê-lo — ela disse e sentou no chão de qualquer jeito, totalmente desanimada. Depois espirrou, limpou o nariz com a luva e olhou para Dak. — Por que você me chutou? Eu não posso deixar as pessoas pensarem que Riq é nosso escravo. É ridículo, não podemos permitir isso.

— Eu não chutei você — Dak respondeu.

Riq se apoiou contra a parede.

— Fui eu — ele confessou, e coçou os olhos com as mãos espalmadas. Parecia exausto e desanimado. Além de furioso. Completamente furioso.

— Por quê?

— Porque... Bom, estamos em 1850, e as coisas são complicadas. Não sei bem por quê. Só sei que não podemos ficar trancafiados aqui — ele falou e ergueu o queixo. — Pelo menos *eu* não estou disposto a ficar aqui parado.

Ele tomou o SQuare da mão de Dak, que pareceu feliz por se ver livre do aparelho. Depois respirou fundo e soltou o ar bem devagar.

— Muita calma — Riq murmurou tão baixinho que ninguém ouviu. A tela do SQuare se acendeu, espalhando um brilho pálido pelo porão mal iluminado.

— Onde nós estamos, exatamente? — Dak quis saber. — Em que cidade?

— Cambridge, Maryland. Dezembro de 1850. — Um instante depois, acrescentou: — Estamos nos Estados Unidos. O pessoal fala a nossa língua por aqui.

— Muito engraçado. Bom, então isso significa que não vamos precisar de você.

— Ótimo — Riq devolveu o SQuare para Dak. — Boa sorte.

Dak ficou de boca aberta.

— Ótimo, boa sorte para você também — ele falou, apontando para o teto. — A porta está bem ali.

— Já chega, vocês dois — Sera interferiu, apoiando a cabeça na parede. — Riq, ignore as provocações dele.

Riq sentiu o rosto queimar, o que na verdade era bom, já que o porão era tão gelado quanto o lado de fora da casa.

O olhar de surpresa no rosto de Dak não se desfez quando ele questionou Sera:

— Como assim? Você acha que *eu* estou provocando?

Sera o encarou.

— Vai me dizer que não está?

— Já deu. Vamos todos parar com isso — Riq pediu. — Eu peço desculpas, tudo bem? Sera está certa. Essas alfinetadas não vão ajudar em nada.

— Agora é tarde demais. Você já me deu tantas que eu pareço um queijo suíço — Dak disse, com uma risadinha, mas logo se recompôs. — Quer dizer, desculpa aí, Sera.

Sera terminou de enxugar o rosto com as luvas e depois as arrancou das mãos.

— Certo. Agora... Virem de costas. Não aguento mais essas roupas ensopadas de boneca.

Os garotos se viraram para a parede enquanto Sera lutava para se livrar do vestido e pôr uma roupa seca. Enquanto se trocava, ela murmurou:

— Só espero que a gente não tenha caído de novo no meio de uma maldita guerra... — Ela agitou os braços no ar. — Desculpem a demora. Estou esperando meu corpo secar um pouco.

Dak soltou uma gargalhada.

— Claro que não estamos no meio de uma guerra. Em 1850, nos Estados Unidos? Bom, em teoria houve uma guerra entre índios e garimpeiros em Mariposa, na Califórnia, na segunda metade do ano. Mas todo mundo sabe que a Califórnia mal era considerada um estado na época, e que os garimpeiros tomaram conta do vale de Yosemite sem dificuldades. E isso está acontecendo lá do outro lado do país! — ele afirmou antes de se interromper. — Ah, acho que você estava pensando na Guerra Civil Americana. Isso seria só na década seguinte. Mas... Espera aí. Você disse que estamos em Maryland, certo? — Dak perguntou para Riq.

— Umás oitenta e cinco vezes — ele respondeu.

Dak franziu a testa.

— Bom, as coisas estão ficando feias entre o Norte e o Sul. Durante um tempo, os escravos conseguiam fugir para o Norte passando exatamente por Maryland — ele explicou com um ar professoral —, mas pelo relato histórico, os fazendeiros eSQuartejaram essa tentativa de resistência, se é que vocês me entendem.

Riq olhou para ele com cara de quem não tinha entendido.

— Você sabe, eSQuartejar. Com S e Q maiúsculos. Nossos velhos conhecidos, sabe? A SQ. Estudiosos de história acreditam que o movimento a favor da escravidão não era composto só por pessoas avulsas que compartilhavam da mesma opinião. Havia grupos altamente organizados trabalhando nos bastidores. E esses grupos tinham objetivos muito maiores em mente, como impedir que aquele cara chamado Lincoln se tornasse presidente, segundo Brint falou. Grupos altamente organizados agindo por baixo dos panos? Pra mim, isso tem cara de SQ. Esses grupos “anônimos” eSQuartejaram as casas que podiam servir de abrigo para os escravos fugidos e depois capturavam a eles e a todas as pessoas que os tinham ajudado, para

vendê-los em leilões. Era grana fácil! Afinal, um escravo poderia ser vendido várias vezes. Além disso, *algumas* pessoas acreditam — ele continuou, claramente se referindo a si mesmo — que a Guerra Civil não teria durado quinze anos caso os escravos pudessem se comunicar com os abolicionistas do Norte e os abolicionistas fossem tão organizados quanto os grupos a favor da escravidão — Dak concluiu e olhou de soslaio para Riq. — Vocês linguistas sabem o que significa a palavra “abolicionista”, creio eu.

Riq olhou feio para Dak.

— Tudo indica que sim.

Por dentro, Riq desejava torcer o pescoço de Dak, mas conseguiu se controlar para não piorar ainda mais a situação.

— Pronto, já me troquei — Sera anunciou. — Agora é a vez de vocês.

Ela estava usando um vestido marrom simples e comprido, com um lenço combinando no pescoço e uma touca de aba larga na cabeça. Nos ombros ela usava um xale um pouco mais claro que o vestido, e também encontrou meias grossas e botas resistentes para pôr nos pés.

— Agora está melhor — ela disse. — Mas o que eu queria mesmo era poder usar calça de novo.

Já Riq respirava aliviado por estar em uma era em que pelo menos os homens podiam usar calça. Não tinha sido nada fácil se adaptar à túnica que tivera de usar na Paris medieval. Ele vestiu uma camisa branca de manga comprida, uma calça marrom, um colete da mesma cor e sapatos pretos. E um chapéu também. Quando terminou de se trocar, olhou para Sera na meia-luz. Ela estava de olhos fechados, com a cabeça colada à parede para não ver os garotos trocando de roupa. Apesar de finalmente estar seca, ainda tremia no porão gelado. Riq tirou o casaco, pôs sobre os ombros dela e sentou para mexer no SQuare.

— Obrigada — Sera agradeceu depois de abrir os olhos e se virar para ele. Ela sentou no chão. — Tem certeza de que não vai precisar?

— Estou bem — ele disse em um tom seco. — A minha masculinidade é mais do que suficiente para me manter aquecido.

Era para ser uma piada, mas como ele não era dado a esse tipo de coisa, pareceu apenas uma afirmação pretensiosa.

Dak soltou uma risadinha irônica e também se sentou. Seu traje era parecido com o de Riq, mas ficou um pouco grande demais, e fazendo-o parecer meio gordinho. Riq estava concentrado no SQuare, analisando a pista que não conseguiram decifrar por completo no meio da tempestade. A resposta surgiu em sua mente. Ele ergueu a cabeça, triunfante. E então seus olhos se arregalaram.

— Abolicionista... em perigo? — ele disse. — Ah, não.

Será que a SQ já tinha eSQuartejado os refúgios dos escravos? Será que aquela mulher no andar de cima era mesmo uma abolicionista?

Dak limpou a garganta em alto e bom som, despertando Riq de seus pensamentos.

— Então, pessoal, descobri por que não estou gostando nada deste lugar — Dak anunciou.

— Ah, é? — Riq perguntou, apesar de não esperar uma grande revelação. Afinal, o fato de ele ter sido confundido com um escravo já não era suficiente?

— Aquela mulher não é uma Amiga de verdade.

— Claro que não — Sera disse. — A gente acabou de conhecê-la.

— Eu quis dizer uma Amiga com A maiúsculo. Da Sociedade Religiosa dos Amigos.

— Como é?

— Ele quis dizer uma quacre, pertencente a uma ordem religiosa conhecida por ser contrária à escravidão — Riq esclareceu. — Ela disse que era uma Amiga quando abriu a porta, lembra? Era isso que estava implícito — ele continuou, um tanto surpreso ao constatar que estava seguindo a linha de pensamento do garoto mais novo. — Por que você acha que ela não é uma quacre?

Sempre que Dak sentia que tinha algo de valor histórico a acrescentar à conversa, o que acontecia com bastante frequência, ele assumia um ar bizarramente filosófico para seus meros onze anos de idade.

— Permita-me começar dizendo que acho que estamos, sim, na casa de uma quacre. Podemos concluir apenas pela decoração do ambiente. Mas ela não é uma quacre. A maioria dos quacres se referia às pessoas como “vossa mercê” até meados do século XX. Ela está usando um vestido preto, o que ao longo da história os quacres sempre evitaram, porque poderia ser visto como sinal de luto ou vontade de seguir a moda. Eles eram muito modestos. E ela provavelmente não iria se apresentar como Amiga a desconhecidos, sem ter certeza de que também eram quacres. Para completar, ela se mostrou muito satisfeita em ver a gente, e isso não me parece muito... quacriano.

— Por que ela fingiria ser uma quacre? — Riq questionou, temendo pelo pior. — Tem certeza de que você não está levando em conta só o estereótipo?

Ele quis acrescentar um “como ela fez comigo”, mas preferiu não dizer nada.

Sera franziu a testa ao encarar a tela do SQuare.

— Só há uma razão para ela ter mentido. Ela queria prender a gente aqui embaixo. Você tem razão, Riq: ela não é uma Guardiã da História. Nem mesmo uma abolicionista. — Ela deu uma olhada no alçapão lá no alto e depois enterrou o rosto nas mãos. — Ela é da SQ.

E ponto final?

— Que ótimo — Riq grunhiu. Mas ele sabia que Sera provavelmente estava certa. — Dak, o que foi que você disse antes sobre a SQ? Que eles acabaram com as casas que serviam de abrigo para escravos? Quando foi isso?

— Hã, foi em, é... mil oitocentos e lá vai pedrada — ele murmurou, cobrindo a boca com a mão enquanto falava.

— Quê?

Dak batucou o dedo no queixo com um ar professoral, e então disse, com uma tossida:

— Mil oitocentos e qualquer coisa.

— Dak! — Sera protestou. — Qual é?

Dak ficou todo vermelho.

— O problema é que, vocês sabem, *qualquer* Fratura que nós já corrigimos pode ter mudado o mundo em 1850. Não é? Pensem um pouquinho. Será que o que nós fizemos para Dolley Madison não surtiu nenhum efeito? Ou o que aconteceu com os irmãos Amâncio e Cristóvão Colombo? Não dá pra ter certeza — ele garantiu, balançando a cabeça de forma solene. — Não mesmo.

— Ah, Dak — Sera soltou um suspiro, bateu no joelho do amigo e então falou, sem esconder a surpresa: — Você não sabe a resposta, não é? Coitadinho.

Dak franziu a testa, mas se recusou a olhar para ela.

— Não tem problema — ela continuou. — Acontece. Lembra quando eu tirei 9,7 na prova de química no ano passado? Aquilo foi... — ela balançou a cabeça, com olhos marejados — foi de cortar o coração. Entendo o que você está sentindo.

A expressão resoluta de Dak desmoronou.

— Está na ponta da língua. Sei que já li sobre isso em um livro lá em casa. Às vezes só preciso consultar um livro, sabe. Todas essas datas... é muita pressão — ele murmurou, olhando para o chão. — Tenho certeza de que foi depois de 1850, senão teria dito alguma coisa antes.

— Bom — Riq disse, em um tom de voz que esperava que soasse simpático —, pelo menos sabemos qual é a Fratura a ser corrigida.

— Sabemos? — Sera perguntou.

— Pra mim tudo parece bem claro — Riq respondeu. — Precisamos impedir a SQ de tomar os abrigos para escravos e restaurar o... qualquer que fosse o nome desse movimento antes de ser derrotado.

Dak continuou de cabeça baixa, mas Riq o ouviu resmungar:

— O nome era Ferrovia Subterrânea, mas nunca pegou.

— Na verdade, essa Fratura acaba de ficar muito mais interessante do que era vinte minutos atrás — Riq disse, sorrindo. Mas de repente cerrou os punhos: outra Reminiscência o invadia, tão forte, fria e implacável que parecia que toda sua vida estava sendo sugada por um buraco em seu peito. Ele agarrou o colete com as mãos e gemeu de dor.

Quando abriu os olhos, Riq encontrou Sera e Dak o encarando, preocupados.

— Eu estou bem — sussurrou, abrindo um sorriso tímido. — Agora precisamos descobrir onde deveríamos estar em vez de presos no porão de uma falsa abolicionista. Certo?

Felizmente, ele podia se valer do SQuare para desviar o assunto, e voltou a atenção para o dispositivo, clicando no link ENCONTRE UM GUARDIÃO DA HISTÓRIA. Logo em seguida, a tela mudou. Ele examinou o que apareceu e depois levantou os olhos.

— É um tipo de jogo de palavras — Riq explicou, começando a se sentir melhor. — Tem tudo a ver comigo.

— Então a pista é a palavra “bobalhão” em dezesseis línguas diferentes? — Dak provocou.

— Dak... — Sera repreendeu. Seus olhos estavam fechados, e ela não parava de tremer.

— Desculpa.

Sera abriu um dos olhos e lançou um olhar para Riq.

— Não dá bola pra ele. Isso é só cansaço. Depois de dormir um pouco ele melhora.

Dak lançou para Sera um olhar que parecia dizer “Quem você pensa que é para dizer isso?”, mas que depois se transformou, com alguma relutância, em um “É, acho que você está certa”. Como Sera fechara novamente os olhos, Dak se virou para Riq.

— Então, o que temos aqui, dr. Linguista?

Riq sentou entre os dois. Ele pôs o braço em volta dos ombros trêmulos de Sera, que caía no sono, ciente que era fundamental que ela melhorasse, e virou o SQuare para Dak.

— Parece um telegrama à moda antiga — ele disse, e começou a ler a mensagem em voz alta:

Não adianta só procurar fogo no lampião a querosene ou forno PT Amigos se revelam após traumas PT Feira reúne gente amanhã PT Vamos visitar a mesma agência de entrega postal PT Para depois sem pensar seguir diligência ou carro que estiver de partida PT

David

— Hein? — Dak disse, e deu mais uma olhada na mensagem. — O que é isso, um almanaque de ditados populares que não vingaram? “Amigos se revelam após traumas”? Qual é! Parece frase de biscoito da sorte — ele comentou e deu risada. — “Feira reúne gente amanhã”? Que tipo de mensagem é essa, manchete de jornal do interior?

Riq permaneceu em silêncio, observando o SQuare em seu colo. Seus lábios se moviam, e seus dedos iam batendo um a um no polegar enquanto ele lia e contava ao mesmo tempo.

— Ainda não sei — ele disse depois de um instante. — Está codificada.

Dak tagarelou até cansar sobre algoritmos e códigos secretos usados por espiões em diversas guerras. Quando enfim ficou quieto, Riq olhou para ele e viu que o garoto estava dormindo.

Riq sorriu para si mesmo, contente por ver que os dois tinham conseguido dormir. Depois de tantas mudanças de fuso horário, ele não sabia nem quantos dias haviam se passado desde sua última noite de sono. Sempre havia um inimigo por perto ou... Bem, às vezes o inimigo estava dentro dele. As Reminiscências eram como uma guerra travada em sua mente. E ele tinha a sensação de que aquela Fratura era crucial. Aquela Fratura tinha o poder de mudar sua vida para sempre — e talvez não para melhor.

A árvore genealógica

Quando Riq era pequeno e seus pais estavam ocupados com as atividades dos Guardiões da História, eles o deixavam na casa da vovó Phoebe. Ele ficava tanto tempo por lá, e gostava tanto, que era praticamente sua segunda casa. A avó o ajudava a estudar línguas estrangeiras e fazia todo tipo de jogo de palavras com ele. Ela sempre mencionava suas viagens durante a juventude, quando percorrera o mundo inteiro, mas dizia que a melhor parte de viajar era voltar para casa. Sua família era seu bem mais precioso.

Foi quando Riq decidiu que também valorizaria a família acima de tudo. Parecia uma ideia interessante, principalmente quando seus pais estavam longe... o que acontecia muito. Riq se lembrou de quando ficava deitado no sofá com a avó vendo filmes antigos japoneses e russos sem legenda, e ela lhe pedia para traduzir as partes que não conseguia entender. Ele gostava de se sentir útil, e não hesitava em dizer que ela também fazia muito bem a ele.

Antes de dormir, a vovó Phoebe pegava seus álbuns, com imagens de todos os lugares que visitara, fotos e esboços da família que remontavam até onde sua linhagem podia ser traçada, em meados do século XVIII — antes disso, seus antepassados tinham vivido em algum lugar da África até serem capturados, acorrentados no porão de um navio e vendidos como escravos nos Estados Unidos. Essa parte sempre fazia Riq se sentir muito mal.

Mas seus ancestrais eram fortes e corajosos, a vovó Phoebe garantiu, e ele devia ter orgulho de pertencer a uma família como aquela. Alguns eram inclusive Guardiões da História, ela contou, e os mostrou no álbum. Era muito legal ver aquelas fotos antigas e imaginar como seus antepassados tinham vivido. Riq estudava a árvore genealógica da família e tentava adivinhar quais de seus tataravós eram os caras legais que viajavam o mundo e quais eram os preguiçosos que passavam o tempo inteiro em casa enrolados em um cobertor bebendo chá.

Uma noite ele disse isso em voz alta para a avó, e ela sorriu.

— Não acho que nenhum de seus tataravós tenha tido uma vida tão pacata, querido. Eles foram obrigados a trabalhar duro por séculos. Está vendo este homem? Ele se chamava Jacob, e lutou ao lado do Exército Continental na Guerra de Independência dos Estados Unidos. E esta mulher aqui — ela apontou para outra página — era Minty, que conseguiu escapar da escravidão, mas desapareceu pouco antes da Guerra Civil. E a sobrinha de Minty, Kissy Bowley, que era minha tataravó, foi capturada como escrava fugida. Seu marido, John, que foi

liberto, tentou comprá-la, e a tia Minty tentou ajudar, mas não teve jeito. Kissy foi capturada e comprada por outra pessoa. John também acabou capturado e vendido como escravo de novo.

— Mesmo depois de ser liberto? Isso não é justo!

A avó de Riq assentiu.

— Mesmo depois de ser liberto — ela confirmou, franziu a testa e concluiu a história que já tinha contado tantas vezes. — Kissy nunca mais viu John. Anos depois, ela se casou de novo e teve outro filho, o meu bisavô.

— Nossa — Riq dizia toda vez que ouvia a história. Ele imaginava o trabalho exaustivo na lavoura, em jornadas de dezesseis a dezoito horas por dia. Os feitores cruéis com seus chicotes, apesar de a vovó Phoebe dizer que alguns donos de escravos eram pessoas decentes. As crenças, as canções tradicionais e as famílias, quase sempre dilaceradas.

No meio da madrugada, bem depois de receber o beijo de boa-noite, Riq se escondia sob as cobertas com uma lanterna e ficava vendo aquelas imagens, memorizando os nomes de seus antepassados e repetindo para si mesmo suas histórias. Ele adorava aprender sobre o passado da família. E gostava muito de história: era uma coisa que, além de estar em seu sangue, também estava em seu coração. E ele queria muito ajudar a consertar aquilo tudo, para que todo o trabalho duro e o sofrimento de seus antepassados não tivessem sido em vão.



Enquanto tentava decifrar a pista, Riq não conseguia esconder a sensação de que aquela Fratura seria importantíssima para ele, pois alguns de seus antepassados certamente haviam sido afetados pela SQ naquele período. E o que aconteceria com Riq se eles conseguissem corrigir a Fratura? O que aconteceria com seus pais? Com a vovó Phoebe? Como poderia se arriscar a interferir na história sem saber quais seriam as consequências?

Talvez a única forma de Riq garantir que a história de sua família permanecesse intacta fosse sabotando a missão — não toda a missão, mas aquela em especial.

Ele olhou para a bolsa onde Sera guardava o Anel do Infinito. Seus olhos iam de um dorminhoco de onze anos de idade para o outro. Será que ele conseguiria programar o Anel sem acordar Sera e Dak?

E de que adiantaria? Os outros ficariam furiosos com ele por causar um desvio de rota desnecessário, e eles teriam que voltar de qualquer jeito — só poderiam partir para a Fratura seguinte quando aquela estivesse corrigida. O Square era a única forma de descobrir para onde iriam depois, e estava programado para ceder informações sobre o destino seguinte apenas depois da correção da Fratura atual.

Talvez se ele contasse para Dak e Sera que estava preocupado com suas Reminiscências e com aquela Fratura em especial, eles entenderiam.

Riq soltou uma risadinha amarga ao pensar nisso.

— Sem chance — decretou. A última coisa de que precisava era que os dois pirralhos ficassem com pena dele, ou pior: que sacrificassem a missão para tentar salvá-lo. Ele não suportaria viver com esse peso pelo resto da vida.

Riq examinou mais uma vez as palavras no SQuare, e elas começaram a oscilar na sua frente. Ele também estava cansado. Quando estava quase adormecendo, algumas palavras ganharam vida diante dele. Riq se sentou para examiná-las outra vez, e começou a mexer os lábios enquanto lia e contava nos dedos ao mesmo tempo.

— É isso! — ele sussurrou.

Quando ouviu a cadeira ser arrastada lá em cima, Riq enfiou o SQuare na bolsa e escondeu dentro do casaco de Dak. Depois se esgueirou até a escada para espiar.

O trinco foi aberto, e o alçapão se abriu.

Riq olhou desesperado ao redor e sussurrou:

— Sera! — E depois, chutando o pé do outro garoto: — Dak!

Eles quase despertaram, mas caíram no sono de novo enquanto o rosto da sra. Beeson aparecia logo acima de Riq. Seus óculos pincenê, pendurados na ponta do nariz, eram uma espécie de desafio à gravidade.

— Trouxe pão para vocês. Venha aqui em cima buscar, menino.

Riq cerrou o maxilar, determinado a não dizer nada. Eles estavam com fome, era 1850, e Hester Beeson estava acostumada a dar ordens para afro-americanos. Aquilo estava bem claro. Sem dizer uma palavra, ele subiu as escadas e por um momento pensou em afrontá-la e fugir, mas chegou à conclusão de que com sua cor de pele não conseguiria ir muito longe, e além disso não podia deixar os outros para trás. Por outro lado, se pudesse prendê-la, digamos, em um armário, teria tempo de acordar Sera e Dak para escaparem juntos dali.

Esse era o plano. Ele subiu mais alguns degraus e pôs metade do corpo para fora do porão, pronto para dar o bote e surpreender a mulher.

Ele estendeu as mãos para pegar o pão: com uma, agarrou o alimento; com a outra, o punho da sra. Beeson. Ele jogou o pão para baixo e subiu os degraus que ainda faltavam. A mulher gritou e o golpeou na cabeça com a mão livre, e foi quando Riq sentiu mais quatro mãos sobre seu corpo, agarrando-o por sob os braços e pelo colarinho. Ela não estava sozinha.

— Socorro! — Riq berrou. Ele tentou jogar o corpo para trás e desequilibrar seus agressores, mas os homens eram fortes. Eles o imobilizaram rapidamente, puxando seus braços para trás e atirando-o de bruços no chão.

— Pronto, pronto! — eles gritaram. — Pegou mais um, hein, Mary? Você vai receber uma fortuna amanhã cedo por esse aí.

Riq virou para encará-la. *Mary?* Aquela senhora tinha dito que se chamava Hester Beeson, e não havia nenhuma outra mulher ali. Será que alguma coisa do que ela tinha dito era verdade?

Riq notou um sorrisinho de triunfo no rosto da mulher, e percebeu que ela só fora sincera em uma coisa: estava mesmo feliz em encontrá-los. Eles caíram direitinho em sua armadilha.

Dois grandalhões o puseram de pé enquanto um terceiro amarrava suas mãos na frente do corpo. Riq deixou o pânico de lado por um momento quando se lembrou da pista.

— Sera! Dak! — ele gritou o mais alto que pôde. — Uma a cada três! Uma a cada três!

Ele berrou sem parar até um dos homens cobrir sua boca com a mão. Riq a mordeu com força, e quando a mão se afastou aproveitou a última oportunidade para gritar:

— Dak, Sera, escutem! Leiam uma palavra a cada três!

O homem mordido, no entanto, afastou um pouco o pulso e depois deu um soco no nariz de Riq. Depois disso ele só viu estrelas.

Ganhando o pão com o suor do rosto

O impacto de algo batendo em seu rosto acordou Sera do sono profundo, acompanhado pelo som de homens gritando e passos no andar de cima. Ela precisou de um momento para se lembrar de onde estava, e um tempo ainda maior para perceber que fora atingida no queixo por um pão, agora caído a seu lado. Uma das vozes que berravam lhe pareceu familiar, mas nada em seu cérebro parecia estar funcionando direito.

Dak também acordou.

— Mas o que... — ele olhou ao redor. — Cadê o Riq?

Os olhos de Sera estavam cheios de lágrimas — lágrimas inevitáveis depois de ter sido atingida em cheio na cara.

— Eu ouvi os gritos dele. Será que ele fugiu sem a gente?

A garota se esforçou para ficar de pé, e mexeu o maxilar de um lado para o outro para ver se o pão duro não tinha causado nenhum dano mais grave.

— Ele disse que não ia ficar aqui parado, mas acho que não deixaria a gente pra trás desse jeito.

— Ele se mandou? — Dak perguntou, pondo-se de pé. — Que babaca! Por que ele fez isso? Ah, mas eu vou contar tudo pro Brint e pra Mari.

Eles ouviram botas pisoteando o chão no andar de cima e uns ruídos abafados. De repente, houve uma agitação barulhenta, seguida pelo grito de Riq:

— Dak, Sera, escutem! Leiam uma palavra a cada três!

Não parecia exatamente uma fuga — tinha mais a cara de uma captura. Sera e Dak seguiram aos tropeções até a escada. Sera foi a primeira a chegar perto da abertura, e estendeu a mão para alcançá-la.

Bem nesse momento, o alçapão se fechou sobre seus dedos, e ela tirou a mão às pressas, gritando de dor enquanto a tampa era trancada. Furiosa, Sera socou a porta de madeira. Ela e Dak protestaram:

— Ei, grandalhão! Abre essa porta! O que você está fazendo? Tire a gente daqui! O que você fez com o nosso amigo?

O único som que ouviram em resposta foi o do tapete e da cadeira sendo arrastados de volta para cima do alçapão, e passos se afastando.

— Argh! — Sera ainda socou o teto uma última vez, frustrada e furiosa. Agora sua mão também doía, e as pontas dos dedos latejavam. Ela examinou o trinco: daquele lado, o mecanismo estava só parcialmente coberto por uma chapa metálica. Sera tentou enfiar o mindinho na abertura para abrir a fechadura, mas seu dedo era grosso demais para alcançar. Ela deu uma olhada geral no porão, procurando algo que pudesse ajudá-los a sair dali.

Dak saltou do último degrau da escada para o chão, e Sera desceu a escada atrás dele.

— Você ainda está com a chave mestra que ganhamos do rei Luís? — Dak perguntou.

— Para esse trinco não serve — Sera lamentou. — A tecnologia das fechaduras se desenvolveu bastante desde 1792.

— Então o que a gente faz?

— Vamos começar pelo começo — Sera respondeu, com toda a seriedade. Ela encarou Dak e pôs as mãos sobre os ombros dele. — Vou fazer uma pergunta muito importante, por isso nada de gracinhas. Certo?

— Acho que sim — Dak falou, se encolhendo um pouco.

— Muito bem, lá vai: — ela molhou os lábios antes de lançar a pergunta — O SQuare ficou com você? Porque comigo não está.

Os olhos de Dak se arregalaram. Sua expressão assustada era uma prova de que ele não estava brincando.

— Estava com o Riq... — ele falou com a voz trêmula antes de desviar o olhar e começar a vasculhar o porão com os olhos.

— Ah, não, de novo não — Sera murmurou. Ela foi até a pilha de roupas sujas e começou a espalhá-las pelo cômodo.

— Cuidado — Dak disse ao apanhar uma garrafa de refrigerante que Sera havia jogado de lado. — Esta é uma das primeiras bebidas gasosas já fabricadas. É um souvenir valiosíssimo.

Sera continuou a procura pelas prateleiras de suprimentos do porão, parando apenas para lançar um olhar de soslaio para Dak.

— Você roubou isso da Casa Presidencial?

— Eu salvei essa coisa! — Dak argumentou. — Esqueceu da invasão?

— Foco, Dak! Você olhou nos bolsos? — Sera perguntou, com a voz cada vez mais aguda à medida que as opções de lugares para procurar o SQuare iam se esgotando. Ela foi até o garoto e começou a revistá-lo, sem a menor delicadeza.

— Calma aí! — ele protestou.

— Ei! — Sera gritou ao bater em algo sólido no peito dele. — O que é isso no seu casaco?

Ela se afastou para que ele mesmo pudesse verificar. Dak puxou a lapela do casaco e descobriu um bolso interno.

— Uau — Dak comentou ao olhar dentro dele. — Cabe um pedaço inteiro de gouda aqui dentro. — Ele enfiou a mão no bolso e sacou a familiar bolsa de couro lá de dentro.

Sera abriu um sorriso de alívio.

— Ufa... Seu tonto! Você me assustou. Como conseguiu esquecer que tinha guardado o SQuare no bolso?

— Não fui eu que guardei aqui. Deve ter sido o Riq. Antes que eles... — ele mordeu o

lábio. — É. Ele foi esperto.

Sera estreitou os olhos, o que fez seu maxilar doer um pouco.

— E ele jogou um pão aqui para a gente ter o que comer.

Dak assentiu.

— É, acho que ele não é tão ruim assim.

Sera olhou para o garoto que era seu melhor amigo desde sempre e sorriu:

— Como eu já disse mais de mil vezes, não tem nenhum problema com ele. O Riq é um cara muito legal. E então — ela falou, respirando fundo —, como é que a gente vai descobrir onde ele está?

— Não sei se você percebeu — Dak comentou, sentindo-se muito mal por Riq ter sido capturado enquanto eles dormiam —, mas ele gritou outras coisas além de *socorro*.

— “Uma palavra a cada três” — Sera confirmou. — Pois é, eu ouvi. O que isso significa?

— Acho que ele descobriu a chave para o jogo de palavras.

Dak tirou o SQuare da bolsa, redigitou a senha (que era “Senha”) e a pista apareceu de novo.

— Olha, é um telegrama. Esses PT significam “ponto final”.

— E por que eles não punham o ponto logo de uma vez?

— Existia um código unificado para a pontuação desse tipo de mensagem. E, além disso, em um telegrama, um ponto custa a mesma coisa que uma palavra inteira, mas é bem mais fácil errar um pontinho do que um código com mais de uma letra, então as pessoas pe-tro-pe-ca-pe-vam pe-a pe-pon-pe-tu-pe-a-pe-ção — ele explicou e desviou os olhos da tela com um sorriso no rosto. — Ei, se eu sei a língua do pê, então eu sei falar mais de uma língua! Só quero ver a cara do Riq quando eu disser isso pra ele. Porque a gente *vai* se ver de novo, pode ter certeza — Dak disse bem sério, e mostrou o telegrama para Sera.

Não adianta só procurar fogo no lampião a querosene ou forno PT Amigos se revelam após traumas PT Feira reúne gente amanhã PT Vamos visitar a mesma agência de entrega postal PT Para depois sem pensar seguir diligência ou carro que estiver de partida PT

David

Sera leu a mensagem várias vezes.

— Faria bem mais sentido se tivesse pontuação.

— Não é essa a questão. É um código. Só vai fazer sentido quando conseguirmos decifrá-lo.

— Eu sei disso, Sherlock — Sera respondeu e estreitou os olhos para examinar as palavras.

— Muito bem, uma palavra a cada três... isso inclui os PTs?

Dak deu de ombros.

— Vamos supor que sim, então o que temos é: Só no querosene ponto revelam ponto gente vamos mesma entrega para pensar ou... — ela sacudiu a cabeça. — Isso não faz sentido.

— Então tira os pontos.

— Só no querosene... Espera aí, eu tiro o ponto só se cair nele?

— Sei lá. Eu sou um historiador, não um linguista sabichão.

Sera o olhou feio.

— Pois é... Falei sem pensar — justificou-se Dak. — Vou guardar esses comentários sobre linguistas pra mim mesmo daqui em diante. Desculpa.

— É, às vezes as pessoas falam sem pensar. No seu caso, isso acontece toda hora.

Ela continuou analisando o telegrama por um tempo.

Dak partiu um pedaço do pão e começou a comer.

— Um queijinho agora cairia bem.

Ele ofereceu o pão para Sera, ela pegou um pedaço e ficou mordiscando enquanto pensava.

— A-há! — ela disse depois de um tempo, com a boca cheia. — A gente precisa ler a primeira palavra e começar a contar de três em três a partir daí. Ele não tinha dito isso.

— Que absurdo ele não ter explicado melhor enquanto era surrado e capturado.

Ela mastigou e engoliu.

— Vamos ver se dá certo.

Sera leu uma vez em silêncio e depois em voz alta, tentando adivinhar onde a pontuação se encaixava.

— Não procurar lampião ou Amigos. Após feira amanhã, visitar agência postal! — Ela lançou um olhar empolgado para Dak antes de concluir: — Depois seguir carro de David.

Dak bufou.

— “Não procurar lampião ou Amigos”. Ha, ha, ha. Que grande ajuda dizer isso agora.

— A gente devia ter decifrado a pista *antes* de vir pra cá — Sera comentou, franzindo a testa. — A culpa é toda minha.

Dak pôs a mão no ombro dela.

— Cara, isso acontece. No meio daquele temporal, a gente ia acabar morrendo congelado antes de decifrar isso.

Sera se voltou mais uma vez para o texto, tentando memorizá-lo.

— “Após feira amanhã”. Então precisamos encontrar essa tal feira amanhã.

— E depois ir até a agência postal, ficar lá por um tempo e então seguir o carro de um cara chamado David.

— Acho que é isso.

— Parece interessante. Só espero que a gente não tenha que esperar demais.

— Esse não é o nosso maior problema agora. Se ficarmos presos aqui, nunca encontraremos essa feira. E muito menos o Riq.

— Bom — Dak disse —, ninguém disse que corrigir os rumos da história seria fácil. Acho que vamos ter que partir para o plano B.

Capturado

Riq já tinha quebrado o nariz antes, quando estava no primário e levou uma bolada no meio da cara em um jogo de queimada, de um maluco chamado Matt que na verdade estava mirando uma garota. E agora, sem dúvida nenhuma, o nariz estava quebrado de novo. Ele tinha certeza disso porque era capaz de ver a própria pele inchada, no nariz e perto dos olhos. Além disso, claro, havia todo o sangue. E a dor. Quando os três homens o arrastaram porta afora para a tempestade, jogaram-no em uma carroça e o acorrentaram, Riq tentou ao máximo ignorar a dor e manter o nariz protegido de mais pancadas.

Mas, mesmo ferido, ele era um Guardião da História. E dos bons. Por isso, ficou de olho no caminho percorrido pela carroça, para o caso de surgir alguma chance de escapar. Ele tentou afrouxar a corda ao redor dos pulsos e forçar a corrente que o mantinha preso à carroça, mas ambas estavam bem presas.

Depois de uma hora avançando em meio à escuridão, eles pararam. Os homens desceram e entraram em uma casa, deixando Riq sozinho. Ele puxou e forçou a corrente mais uma vez, empurrando os pés contra a lateral da carroça com todas as forças, sem sucesso. O esforço serviu apenas para mantê-lo aquecido — mais uma vez, ele estava ensopado de chuva. Riq se arrependeu de ter deixado o casaco com Sera.

Dez minutos depois, os homens voltaram.

Riq conseguia se sentar apenas o suficiente para espiar por cima da beirada da carroça. Os homens traziam uma mulher e um menino. Eles os acompanhavam em silêncio, mas Riq ouviu o choro de um bebê quando chegaram mais perto. Surpreso, ele percebeu que a mulher carregava uma criança nos braços.

Seguindo as ordens da mãe, o menino subiu na carroça, e ela foi logo atrás. Riq estendeu as mãos atadas o máximo possível para ajudar o pequenino a se equilibrar no meio do vendaval enquanto a mulher entrava com o bebê. Ela manteve a cabeça erguida e a boca fechada enquanto os homens a acorrentavam pelo pulso bem na frente de Riq. Ela se esforçava muito para proteger o bebê da chuva.

Riq se virou para o menino, que parecia ter uns cinco ou seis anos e fazia uma careta ao sentir o corpo castigado pela chuva torrencial.

— Se você deitar bem aqui na lateral, vai ficar seco — Riq falou. — A chuva está caindo na

diagonal, e a lateral da carroça vai proteger você. Ficaré mais confortável assim.

O menino olhou para a mãe, que concordou com a cabeça. Ele se aninhou ao lado de Riq, tentando não chegar muito perto.

A carroça começou a se mover de novo e, à medida que as rodas iam quicando pelo terreno encharcado e desnivelado, uma dor reverberava pelo crânio de Riq. Ele se inclinou para a frente.

— Minha senhora — ele falou —, peço perdão pelo incômodo, e também pela minha aparência, mas a senhora sabe para onde estão nos levando?

A mulher encarou Riq, medindo-o de cima a baixo.

— Você é um alforriado?

Riq hesitou. Ele conhecia a palavra, e apesar de saber que ela não se aplicava ao seu caso, respondeu que sim.

— Então você foi capturado pela nova lei?

— Humm, que lei seria essa?

A mulher ficou boquiaberta.

— Você nunca ouviu falar da Lei dos Cães de Caça?

Riq sacudiu a cabeça.

— Não, senhora. Não sei nada a respeito.

— Foi aprovada uns meses atrás. Antes o Norte era um lugar seguro para quem deixava de ser escravo. Mas agora os negros podem ser capturados no meio da rua em qualquer estado do país e vendidos de volta para o Sul, sem qualquer julgamento. Por isso todo mundo está caçando.

Riq mal podia acreditar naquilo.

— Isso é... terrível.

— Está longe de ser justo, mas agora é lei — a mulher afirmou. — E não é só isso. Qualquer um que for acusado de ajudar um escravo fugido a burlar a lei pode ser punido. Chegamos a um ponto em que ninguém confia em ninguém.

— Vocês... foram capturados? — Riq quis saber.

— Não. A sra. Brodess decidiu nos vender. Nós vamos todos a leilão — ela explicou, séria.

— “Nós” você quer dizer a senhora e as crianças?

Ela sacudiu a cabeça, e seu tom de voz se tornou ainda mais severo.

— Nós. Todo mundo nesta carroça. Amanhã mesmo. Eles não perdem tempo.

Riq ficou boquiaberto e depois cerrou os dentes, furioso. Ele engoliu em seco, sentindo a raiva incendiá-lo por dentro e lançar brasas fumegantes em sua garganta à medida que uma onda de desesperança tomava conta de seu corpo. Ele fechou os olhos e bateu a cabeça contra a lateral da carroça, sentindo a nuca ser atingida pelas gotas de chuva que caíam como pequenas pedras. Uma lágrima quente escorreu pelo seu rosto antes que ele pudesse contê-la.

— E qual é exatamente nosso plano B? — Sera quis saber. Ela percorria as prateleiras de suprimentos e de vez em quando apanhava um item ou outro para examinar mais de perto.

— Ainda não sei.

Sera sorriu ao ver um saco de juta com as palavras *Saltville, Virgínia* estampadas. Ela tirou a touca, deixando-a cair sobre as costas, presa pela fita, e coçou a cabeça. Então pegou o saco e olhou o que tinha dentro.

— A-há! — ela falou baixinho, antes de virar para Dak. — Mas *eu* sei.

— Sabe? — Dak perguntou. — Que maravilha! E o que vai ser?

— Está na hora de fazermos um experimento químico.

Os olhos de Dak se arregalaram e ele recuou.

— Sem chance. Não vai ser que nem daquela vez que...

— Não, não, não — Sera interrompeu, impaciente. — Você nunca vai esquecer essa história, Dak? Poxa vida, foi na terceira série.

— Mas as minhas sobrancelhas demoraram um século para crescer de volta.

Sera garantiu que não havia o que temer.

— Não vai acontecer nada com as suas sobrancelhas. Mas preciso que você faça um sacrifício por mim.

Os olhos de Dak se arregalaram ainda mais.

— Tipo um, hã... sacrifício *humano*?

— Ah, para com isso. Eu só preciso daquela garrafa de refrigerante francês que você pegou na Casa Presidencial.

Dak engasgou e tossiu.

— Que blasfêmia! Isso é ainda pior! Você sabe *quantas* dessas sobreviveram até a nossa época?

— Não sei e nem quero saber. Mas falando sério — continuou Sera —, se a gente não sair deste porão, sabe pra quantas pessoas você vai poder mostrar essa garrafa francesa cheia de frescura?

— Bom, posso mostrar para a sra. Beeson.

— Na nossa época, animal.

Dak franziu a testa.

— Ninguém.

— Pois é. Ninguém. Mas se me ajudar a salvar o mundo e nós voltarmos para a nossa época como heróis, vamos conseguir empregos que pagam superbem, ganhar zilhões de dólares por sermos o máximo, e você vai poder comprar uma garrafa igualzinha a essa.

Dak exagerou tanto em sua reação que quase teve um treco.

— Mas é exatamente disso que estou falando, Sera! As últimas garrafas autênticas do século XVIII foram destruídas em um terremoto! Não sobrou nenhuma para comprar em lugar nenhum do mundo.

— Dak.

— Quê? — ele resmungou.

— Relaxa.

— Tá bom, tudo bem — Dak concordou, desolado. — Espera aí. Relaxar por quê? Estou muito chateado com tudo isso.

— Porque se a gente corrigir as Fraturas e fizer o mundo voltar para o rumo certo, esses terremotos nunca terão acontecido.

Dak ficou pasmo por um instante, depois deu uma risadinha.

— Ah, é — ele riu mais um pouquinho e depois parou. — Tem certeza?

— Absoluta — mentiu Sera. — Agora passa a garrafa pra cá. E vamos tentar descansar um pouquinho. Quando dermos o fora daqui, é melhor que aquela falsa abolicionista esteja em sono profundo.



Eles deixaram os lampiões acesos, cientes de que precisariam deles mais tarde, e tentaram dormir. A cabeça de ambos, no entanto, estava a mil. Pouco antes de pegar no sono, Dak sussurrou:

— Precisamos mesmo é de uma palavra secreta para alertar um ao outro quando estivermos em perigo.

Sera virou e se apoiou sobre o cotovelo.

— Que tal “mil-oitocentos-e-qualquer-coisa”?

Dak deu uma risadinha.

— Perfeito.

Uma longa noite

Finalmente Riq se viu abrigado da chuva. Ele, a mulher — que se apresentou como Kessiah — e as duas crianças foram enfim retirados da carroça e levados à senzala de uma fazenda. Eles tinham viajado bastante para buscar a pequena família, mas Riq percebeu que agora não deviam estar muito longe do milharal onde ele e os outros viajantes do tempo haviam ido parar quando chegaram àquela época. Ele reconheceu as embarcações nas docas. Isso acendeu dentro dele a esperança de que, caso escapasse, conseguiria reencontrar Sera e Dak.

Mas ele continuava acorrentado, confinado em um cômodo minúsculo com Kessiah e seus filhos e, por mais que forçasse a corrente, ela não chegava nem perto de ceder.

Quando eles chegaram, uma mulher negra de avental apareceu para limpar as feridas dele e lhe entregar uma camisa limpa, o que Riq apreciou imensamente.

— Obrigado pela camisa — ele disse. — Eu devia estar péssimo.

A mulher lançou um olhar de surpresa para Riq e depois baixou os olhos. Parecia que ela tinha algo a dizer em resposta, mas achou melhor se calar. Ela parecia assustada. Riq decidiu não forçar a barra.

Mais tarde, Kessiah explicou que a mulher não tinha agido em solidariedade.

— Você precisa estar com boa aparência para o leilão, por isso mandaram limpá-lo — ela explicou. — Se estiver coberto de sangue, ninguém vai querer comprá-lo. Vão achar que você é um encenqueiro.

— Talvez eu devesse ser.

Kessiah abriu um sorriso desanimado.

— Esse tipo de comportamento não costuma durar muito.

Riq franziu a testa.

— Como assim?

— Eles costumam resolver a rebeldia na base da pancada. E sempre funciona.

Riq se recostou na parede à qual estava acorrentado e sacudiu a cabeça.

— Sabe de uma coisa? Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo de verdade.

Kessiah balançou a cabeça também.

— Nem eu. E olha que nunca fui livre — ela disse baixinho.

Enquanto as crianças dormiam, Kessiah olhava pela janela, para a escuridão. Parecia

agitada. Nervosa.

Riq também não estava nem um pouco tranquilo, mas apesar da ansiedade e do vento uivante, não conseguiu manter os olhos abertos por muito tempo e caiu no sono.



Quando acordou, a tempestade tinha passado e o sol já estava nascendo. Kessiah estava dormindo, e seu filho havia se aconchegado bem perto de Riq. Ele olhou para o menino adormecido e sentiu um nó se formar na garganta mais uma vez. Riq pensou nas histórias que sua avó lhe contava e nas canções que ela tocava e cantava quando ele tinha a idade daquele garotinho. Aquelas histórias já eram repletas de significados para ele, mesmo que não tivesse idade suficiente para entendê-las direito. Naquele momento, porém, ele estava na pele de seus antepassados, acorrentado como um animal apesar de não ter feito nada de errado, prestes a ser vendido em um leilão como um cavalo em uma feira agropecuária.

Era uma situação estranhíssima, e apesar de Riq não ter conseguido pensar muito bem no que estava acontecendo durante a noite, tudo se tornou mais claro e assustador com o despertar da manhã. E se Dak e Sera não conseguissem fugir? E se não conseguissem encontrá-lo depois de escapar? E se ele mesmo não conseguisse se libertar? Passaria o resto da vida daquele jeito?

O menino que dormia ao seu lado provavelmente não conhecia nenhum outro modo de viver. Riq se perguntou se algum dia ele chegaria a ser livre.

O garoto acordou quando a mulher de avental chegou. Ela entregou a Riq uma tigela de comida e um copo d'água. Serviu também o menino e depois deixou a refeição de Kessiah perto dela, para que pudesse comer quando acordasse.

— Obrigado — Riq disse. Na tigela havia uma broa de milho e algum tipo de peixe. Ele a equilibrou sobre os joelhos e comeu de bom grado. O garotinho devorou a refeição como se estivesse de jejum havia um bom tempo.

— Você quer mais? — Riq ofereceu o resto da broa a ele.

— Sim, senhor — o menino aceitou.

— James — Kessiah interveio. Seus olhos estavam abertos, mas ela permanecia imóvel. — Você tem alguma coisa a dizer ao Riq?

— Obrigado — James disse.

Riq sorriu.

— Não foi nada.

— Foi muita gentileza sua — Kessiah disse a ele.

Algumas mulheres cantavam do lado de fora — escravas que trabalhavam duro na lavoura. Riq conseguia ouvir tudo através das fendas nas portas e janelas. Kessiah se endireitou para ver e ouvir melhor. Elas entoavam a canção enquanto trabalhavam.

Cantamos aqui

Cantamos acolá

Sempre do fundo da alma

Cantamos em todo lugar.

Corram, corram, lamentosos!

É isso que diz a palavra,

Corram, corram, lamentosos!

É esse o único caminho...

Quando ouviu melhor as palavras, Kessiah respirou fundo. Ela fechou os olhos por um momento, e então virou para eles com a expressão serena.

— Nem tudo está perdido, no fim das contas — ela disse baixinho.

Riq franziu a testa.

— Como assim? — ele sussurrou.

— Essa foi uma canção que o meu... que alguém criou para servir como sinal — ela disse, alternando o olhar entre James e Riq. — Não tenho como explicar isso agora. — Ela fez um aceno de cabeça para o filho e desviou o olhar. — É mais seguro se ele não souber de nada.

Quando a canção foi entoada mais uma vez lá fora, Kessiah se juntou ao coro e cantou um dos versos da segunda estrofe de maneira belíssima:

— Corram, corram, lamentosos...

Riq sentiu uma fagulha se acendendo dentro dele. Apesar de não entender o que estava acontecendo, nem o que a canção significava exatamente, ele se lembrava do que a vovó Phoebe havia dito sobre o poder das cantigas religiosas entoadas em coro pelos escravos do Sul. Pela primeira vez desde que fora capturado, Riq sentiu esperança.

Eles ouviram vozes de homens se aproximando.

— Não reaja agora — Kessiah sussurrou. — Faça como eu.

Segundos depois, os três homens da noite anterior apareceram, desacorrentaram Riq e Kessiah das argolas de metal na parede e os algemaram um ao outro. Kessiah pegou o bebê no colo e Riq segurou a mão de James quando foram conduzidos para a rua. Eles caminharam oitocentos metros pela cidade, deixando para trás as vozes das escravas que cantavam. Quando chegaram à escadaria de um tribunal de justiça, os homens pararam e mandaram Riq e Kessiah subir. Na parede estava pregado um cartaz que fez Riq perder o fôlego.

À VENDA

EM LEILÃO PÚBLICO

Na segunda-feira, 9 de dezembro de 1850
Em frente ao TRIBUNAL DE JUSTIÇA
Estes quatro

ESCRAVOS

KISSY, cerca de 25 anos, ótima

trabalhadora, e seus filhos:

JAMES ALFRED, cerca de 6 anos

ARAMINTA, bebê; e

RICK, cerca de 16 anos, inexperiente, apto
para o trabalho na lavoura ou doméstico

A mulher pertence a Eliza Ann Brodess,
e o homem, a Mary Lockett

Dando o fora

Sera subiu a escada com um punhado de sal grosso retirado do saco de juta em uma das mãos e a garrafa de refrigerante aberta na outra. Ela havia vestido as roupas bufantes de 1814 de novo, com um lenço amarrado no cabelo.

— Posso pelo menos dar um golinho primeiro? — Dak perguntou.

— Claro, mas anda logo — Sera disse. — E nada de barulho. Ela pode acordar.

— Entendido, chefe. Vou manter a maior distância possível do seu experimento maluco. Pode apostar — ele falou, deu um gole e deixou o líquido percorrer sua boca, como via seus pais fazerem com o vinho. Logo em seguida, fez uma careta. — Eca — ele disse, e devolveu a garrafa.

— Agora chega de palhaçada e se prepara.

— Como isso daí vai explodir a porta, aliás? Vai ser que nem quando a gente joga balas de menta no refrigerante?

— Exatamente a mesma coisa, só que com sal grosso. Esses buraquinhos no sal criam a pressão e depois uma explosão. E a porta não vai sair voando, só o trinco é que vai ser destravado.

— Nada de fogo, então?

— Nada de fogo. Isso seria perigoso demais em um ambiente fechado e sem janelas — Sera comentou e abriu um sorriso malicioso. — Se bem que se você tivesse um pouco de queijo em spray... com esse lampião a querosene daria pra fazer uma explosão e tanto.

— Pode parar de desrespeitar meus alimentos prediletos — Dak protestou. Ele revirou os olhos, desceu a escada e foi para um cantinho do porão. — Muito bem, estou pronto. As nossas coisas estão todas no meu casaco, inclusive suas roupas de quacre. Eu adorei este casaco, aliás. Tem um monte de bolsos.

— Ótimo... e tenta manter as minhas roupas secas, tá? — ela engoliu em seco. — Vamos fazer uma baita sujeira aqui, mas não tem outro jeito.

Dak fechou o bico e encostou na parede, pondo o chapéu de quacre na cabeça para se proteger melhor.

Sera olhou pra ele e posicionou a mão acima da garrafa.

— Fica esperto... eu posso cair.

Dak assentiu. Sera se deu conta de que ele não estava muito disposto a ampará-la caso caísse.

— Três, dois... — ela murmurou. Sera envolveu a beirada da escada estreita com uma das pernas para não perder o equilíbrio, e apontou a boca da garrafa para o buraco da fechadura. — Um.

Ela jogou o sal grosso no gargalo da garrafa o mais rápido que pôde e apontou para cima. O líquido saiu em um jorro poderoso a poucos centímetros do buraco, mas Sera não conseguia enxergar nada por causa da chuva de bolhas que caía sobre seu rosto. A única coisa que podia fazer era torcer para que a pressão do líquido fosse grande o suficiente para acionar o mecanismo giratório da fechadura.

A espuma jorrou por dez segundos antes de perder a força.

— Aqui — Sera disse. — Sua garrafa está a salvo.

Dak correu para pegá-la e logo recuou de novo. Sera examinou a fechadura. Toda a madeira ao redor estava encharcada. Um tanto sem jeito, empurrou a porta do alçapão.

Ela se moveu.

Sera fez uma dancinha silenciosa de comemoração na escada, depois desceu correndo. Dak se virou para a parede, ela se livrou das roupas de 1814, enxugou o rosto com elas e pegou os trajes de quacre com o garoto, que os tirou do casaco e os lançou por sobre o ombro. Ela se vestiu apressada e, apesar de ainda se sentir meio grudenta, a situação podia ser pior. Além disso, não devia haver abelhas por ali em pleno inverno — o que era um grande alívio para alguém que estava coberta de açúcar.

— Não esquece — ela disse baixinho — que tem um tapete e uma cadeira bem em cima da porta. Mas com um pouco de sorte você consegue pôr um braço para fora antes que ela caia. Se ficar difícil abrir o alçapão, a gente vai ter que derrubar tudo e sair correndo — Sera avisou e passou a mão na bolsa que carregava sob o xale. — Estou com o Anel.

Dak bateu no casaco.

— E eu, com o Square.

— Ótimo — eles sussurraram ao mesmo tempo, ao que Sera acrescentou: — Agora vamos encontrar Riq e seguir nossas pistas.

Dak empurrou o alçapão de leve. Ele continuou subindo até chegar a um ângulo de quarenta e cinco graus e esbarrar no assento da cadeira. Dak se esticou até a abertura, colocou a cabeça para fora e olhou ao redor. Logo em seguida, enfiou a cabeça de volta no porão.

— Acho que dá para a gente sair sem nem mexer a cadeira — ele murmurou.

Sera arregalou os olhos, concordou com a cabeça e fez um sinal de positivo com a mão.

Dak retribuiu o gesto e se esgueirou pela abertura. Um de seus bolsos quase ficou preso em um prego, mas Sera desenroscou o tecido antes que rasgasse. Uma fração de segundo depois, ele estava deitado no chão da sala. Dak saiu do caminho para que Sera pudesse subir. Ela, por ser um pouco menor, não encontrou dificuldades para passar, apesar do acréscimo de volume causado pelo vestido e o casaco de Riq.

No entanto, assim que ela tentou ficar de pé, o cadarço da bota enroscou no mesmo prego que havia dificultado a vida de Dak. Ela puxou o pé e conseguiu se soltar, mas com isso a

porta se fechou de novo com um estrondo.

Sera prendeu a respiração e olhou para Dak. Ele a agarrou pelo braço e os dois saíram em disparada pelo corredor, ouvindo o som de alguém se aproximando.

— Quem está aí? — a sra. Beeson perguntou, seus passos cada vez mais próximos.

— Corre! — Sera gritou.

— Estou correndo! — Dak disse.

Sera chegou à porta da frente, abriu e continuou correndo, seguida de perto por Dak. A sra. Beeson, ou quem quer que fosse, correu atrás deles pela varanda e depois pelo jardim, mas não foi capaz de alcançá-los.

— Obrigado pelo pão! — Dak gritou por cima do ombro.

Sera deu uma cotovelada em suas costelas.

— Rápido. Por aqui.

Eles contornaram o milharal na direção do depósito em que haviam entrado na noite anterior. A porta estava fechada e o lampião não estava mais lá — poderia ter sido carregado pelo vento. Sera deu uma olhada dentro do lugar para o caso de Riq estar ali escondido. Não havia ninguém.

— Pelo menos a tempestade já passou — ela comentou. — Se você fosse o Riq, para onde iria?

Dak olhou ao redor.

— Se eu fosse confundido com um escravo fugido e capturado — ele ironizou —, acho que estaria trabalhando na lavoura, ou então...

— Ou então o quê?

Dak se virou para Sera.

— Ou então estaria morto.

Sera estremeceu e cerrou os dentes de raiva.

— Eu não entendo. Como podem tratar outro ser humano desse jeito?

Dak não soube o que responder.

A feira

Dak e Sera passaram pelo milharal primeiro, pois concordavam que, caso Riq tivesse conseguido fugir, poderia ter ido para lá — era uma espécie de regra tácita entre os viajantes: o lugar da chegada era um bom ponto de encontro caso alguém se perdesse. Mas Riq não estava lá.

Eles tomaram o caminho da cidade.

— Podemos sair perguntando por lá, quem sabe — Dak sugeriu. — Descobrir se ele foi visto por alguém.

Sera concordou.

— Vamos bater de porta em porta se for preciso.

À medida que se aproximavam da cidade, a agitação ia aumentando. As pessoas caminhavam pelas ruas, entrando e saindo de casas e tavernas, rindo e conversando. Havia quase um espírito de aventura no ar. Dak perguntou pelo canto da boca:

— Você acha que a feira é aqui?

Sera deu de ombros.

— Talvez. Olha só, deve ter um artista de rua ali ou coisa do tipo. Tem uma multidão se reunindo. Precisamos agir com naturalidade. E ficar atentos para o caso de aquela mulher horrível aparecer.

Ela jogou o cabelo para trás e pôs a touca na cabeça.

Eles se aproximaram da aglomeração e tentaram olhar por cima dos ombros do povo da cidade, mas havia muitas toucas e chapéus pela frente, então eles deram a volta na multidão para tentar ver o que acontecia.

— Com licença — Dak disse, batendo no ombro de um homem de pele escura à sua frente.

O homem deu um passo para o lado.

— Não é isso, eu queria fazer uma pergunta — Dak informou. — O que está acontecendo aqui?

O homem se virou para Dak.

— É um leilão.

— Legal. E o que estão vendendo? Alguma garrafa de refrigerante francês, digamos, do século XVIII? Ou coisa do tipo?

Sera deu um cutucão em Dak.

A expressão do homem ficou séria. Ele inclinou a cabeça e estreitou os olhos.

— Não que eu saiba. É um leilão de escravos — ele disse, e tirou um velho relógio de bolso do colete, que guardou depois de consultar. — Vossa mercê sabe ler?

— Sim — Dak respondeu.

— Pois há cartazes espalhados por aí detalhando tudo. Ao que parece, há um escravo a mais que o previsto — o homem comentou, parecendo nervoso. — E com sua licença — ele disse para os dois —, eu preciso ir.

O homem deu meia-volta e atravessou a rua, afastando-se da multidão.

— Um leilão de escravos? Que horror! — Sera exclamou. — Vamos lá. Precisamos ver o que está acontecendo. Vai ver foi por isso que viemos parar aqui.

Dak deu de ombros e seguiu Sera, que abria caminho pela multidão.

Pouco depois, uma voz se levantou acima das outras, e a plateia ficou em silêncio.

— Bem-vindos! — o homem falou. — Atenção: deem uma boa olhada nesses belíssimos escravos e preparem seus lances. Temos uma ótima trabalhadora com dois filhos, que não podem ser separados. Imaginem o potencial. Um menino de mais ou menos seis anos e uma bebê. Duas gerações de trabalhadores pelo preço de uma. E temos um jovem robusto de cerca de dezesseis, apto para a lavoura e para o trabalho doméstico. Quem quiser dar um lance, a hora de examiná-los é agora. O leilão começa em trinta minutos!

Sera e Dak foram abrindo caminho adiante, para irritação dos adultos que queriam ver os escravos mais de perto. Enfim, Dak conseguiu desviar da aglomeração e encontrar um espaço aberto um pouco mais ao lado. Ele olhou para a pequena plataforma armada na frente do tribunal e quase perdeu o fôlego.

— Por mil gorgonzolas! — gritou, virando-se para Sera. — É o Riq!

Kissy Bowley

Riq releu o cartaz quando ele e Kessiah foram posicionados na plataforma para exibição pública. Era uma forma de desviar sua atenção de todos os olhos voltados para eles. Quando leu da primeira vez, Riq se concentrou mais em seu próprio nome, escrito na grafia da época, mas agora outra coisa lhe saltava às vistas. O texto dizia que o nome da mulher era Kissy.

— Kessiah — Riq murmurou. Eles estavam acorrentados pelos tornozelos, com as mãos livres. Ela inclinou a cabeça bem de leve, indicando que estava ouvindo. — O cartaz diz que seu nome é Kissy Bowley. É isso mesmo?

— O pessoal me chama de Kissy, mas meu nome é Kessiah.

Riq ficou em silêncio por um instante. Como poderia fazer aquela pergunta sem parecer estranho?

— Por acaso você tem uma tia?

— Tenho mais de uma dúzia de tias.

Riq enfiou a mão no bolso e olhou para o mar de rostos, em sua maioria brancos, que o encaravam. Ele teve vontade de chutar cada um deles.

— Você tem uma tia chamada Minty? — ele perguntou tão baixinho que não tinha certeza se Kessiah tinha ouvido.

— Quem é você? — ela questionou, desconfiada.

— Eu... — Riq fechou os olhos ao sentir o vazio gelado de uma Reminiscência invadir seu peito. Ele não conseguiu terminar a frase. Não sabia o que dizer.

— Quem é você? — ela insistiu. — De onde conhece a minha tia?

O garoto arriscou uma rápida olhada para ela e tentou de novo.

— Eu... Eu acho que nós somos... parentes.

— Quietos — um dos feitores ordenou, batendo nas costas de Riq com um porrete, ou uma bengala, ou alguma coisa do tipo.

Ele não ousou abrir a boca de novo.



Sera ficou chocada. Lá estava Riq, de pé sobre uma plataforma de madeira, com os ombros

encolhidos e um olhar vazio que cortou seu coração.

— Mas o que é isso? — ela murmurou e foi abrindo caminho até a frente da multidão. — Saia do caminho — Sera dizia para quem tentava detê-la. — Esse rapaz não é um escravo.

— Sera! — Dak gritou, tentando alcançá-la. Quando conseguiu, disse: — Eu sei que isso que está acontecendo é muito errado, mas a gente não pode se expor desse jeito, esqueceu? Isso só vai piorar as coisas para o Riq e atrair a atenção do pessoal da SQ. Com certeza aquela tal Beeson já deu com a língua nos dentes...

A essa altura eles já estavam bem na frente da multidão. Uma simples corda os separava da plataforma, e Sera pôde ver Riq acorrentado à mulher ao seu lado. A garota forçou a corda o máximo possível, até ficar a poucos metros de Riq e sem ninguém entre eles.

— Riq — ela chamou com um sussurro.

Ele ergueu a cabeça. Ao ver Sera e Dak, seus lábios se abriram de leve, seus olhos se fecharam e ele respirou fundo, soltando o ar bem devagar. Quando abriu os olhos de novo, eles recaíram diretamente sobre Sera, e ela reparou que estavam marejados. Riq apertou os lábios e desviou o olhar.

Sera o observou com atenção.

— Ah, não... Eles quebraram seu nariz?

O golpe sofrido no rosto pelo pedaço de pão pareceu ridículo diante daquilo. Ao ver que Riq não responderia, Sera murmurou para Dak com os dentes cerrados:

— Ele não pode nem falar com a gente — ela comentou com lágrimas de raiva nos olhos. — Isso é um absurdo.

— É horrível — Dak concordou. — Precisamos tirá-lo daqui. Mas temos que ser espertos para não estragar tudo. — Ele apontou com a cabeça para os grandalhões que vigiavam a plataforma, prontos para reagir com violência contra qualquer um que ousasse se aproximar demais deles ou dos escravos.

Sera passou os dedos pela lapela do casaco que queria desesperadamente devolver a Riq, mas não tinha certeza do que aconteceria se tentasse. Havia cinco homens enormes cercando a plataforma, e ela não queria meter ninguém em encrenca — muito menos Riq.

Ela abaixou as mãos e cerrou os punhos ao lado do corpo.

— Não tem ninguém aqui que pode ajudar a gente? — ela murmurou para Dak. — Não é possível que ninguém esteja ao nosso lado.

Sera olhou ao redor. A escrava ergueu a cabeça, trocou um olhar com ela e imediatamente desviou o foco para um ponto qualquer à distância, mantendo-se imóvel.

— Será que ela me ouviu? — Sera cochichou com Dak. Ela tentou enxergar o que havia na direção em que Kessiah estava olhando, mas tudo o que conseguiu ver foi um homem de cara amarrada, narinas dilatadas e olhos vermelhos. Ao olhar um pouco mais para cima, viu um pequeno campanário do outro lado da rua.

Sera sorriu educadamente para o homem, depois se virou de novo para a plataforma.

— A igreja? — ela sussurrou.

Sera teve a impressão de que a mulher assentiu, mas foi um gesto tão sutil que não dava para ter certeza. Por outro lado, Sera sabia que ela não tinha balançado a cabeça negativamente, o

que a fez pensar que talvez seu palpite estivesse certo.

A multidão começou a pressionar Sera para seguir em frente, e ela se agarrou à corda enquanto tentava pensar no que fazer antes que fosse forçada a sair dali. Dak estava conversando com algumas pessoas atrás dela, o que a garota interpretou como uma tentativa de distraí-los. Ela olhou para Riq uma última vez, lamentando o fato de ele estar acorrentado à mulher. Aquela era a primeira ocasião em que ela se sentia disposta a usar o Anel do Infinito para tirá-los dali, mas não poderia levar a mulher e o bebê e deixar o garoto sozinho, o que seria terrível, um trauma insuperável para uma criança tão pequena.

— Nós vamos tirar você daqui — Sera sussurrou para Riq. Seu tom de voz demonstrava confiança, mas naquele momento ela não fazia ideia de como cumprir a promessa.

Riq não reagiu. Apenas engoliu em seco e continuou olhando para o chão.

Onde raios estão os Guardiões da História?

Sera e Dak se afastaram da escadaria do tribunal e se dirigiram a um ponto mais distante da aglomeração, para que pudessem conversar sem um bando de compradores de escravos fungando em seu cangote.

— Onde raios estão os Guardiões da História? — Dak perguntou quando enfim ficaram sozinhos.

Sera bateu no SQuare escondido sob o casaco dele.

— De acordo com a nossa pista — ela falou —, estão na agência postal ou então na carroça de um cara chamado David, que precisaremos seguir. Sei lá.

— Nunca demorou tanto tempo para virem nos ajudar. E estamos no nosso próprio país!

Sera olhou para o outro lado da rua, para a igreja que a mulher — chamada Kissy, segundo o cartaz — apontara com o olhar.

— Não temos tempo de ir até lá, o leilão já vai começar. Não podemos perder o Riq de vista.

— A pista diz que precisamos procurar a agência postal, não a igreja — Dak lembrou.

Sera remexia as pontas do xale com os dedos, olhando de um lado para o outro.

— Eu sei — ela falou. — Mas você viu como ela olhou para lá quando eu disse que precisava de ajuda?

— Que nem a sra. Falsa SQuacre? — Dak rebateu, cético. — Tem alguma coisa muito estranha acontecendo aqui.

O quacre de pele escura com quem Dak havia conversado pouco antes reapareceu do outro lado da rua, voltando de onde quer que tivesse ido. Estava cantando uma música e, quando passou por eles, lançou um olhar de quem queria dizer alguma coisa.

— Senhor? — Dak chamou.

O homem se deteve.

— Em que posso ajudá-lo?

— Onde fica a agência postal?

— Não existe agência postal em Cambridge.

Dak o encarou.

— Então onde fica a agência mais próxima?

Ele levou um dos dedos à boca, alisando o bigode com uma expressão contemplativa.

— Vocês não são daqui, não é, meninos?

— Não, não somos — Sera entrou na conversa e o encarou por um tempo.

Ele assentiu lentamente e abriu um sorriso de canto de boca.

— Entendo. Nesse caso, acredito que a agência postal que estão procurando seja a igreja.

Dak e Sera se entreolharam, e então voltaram a observar o homem.

— Mas não há ninguém por lá que possa ajudá-los agora. Provavelmente só à tarde. — Ele bateu com o dedo na aba do chapéu e começou a se afastar.

— Obrigada. Senhor? — Sera disse para o homem já de costas.

Ele se virou.

— O seu nome é David?

O homem pareceu intrigado.

— Não, senhorita. É John. John Bowley.

Ele acenou com a cabeça uma última vez e se dirigiu ao leilão, voltando a cantar sua música.

— Acho que ele está do nosso lado — Dak comentou.

— Mas então por que não disse nada?

— Ele pode ter desconfiado de nós.

— A essa altura, não tenho mais certeza de nada — Sera disse. — Agentes da SQ se disfarçando de quacres? Atraindo fugitivos para depois capturá-los e vendê-los para os fazendeiros? Obrigando as pessoas a trabalhar contra a própria vontade, sendo tratadas como lixo? Por que isso, Dak?

— Pensa bem — Dak começou. — Os donos das plantações têm muitas terras para arar, mais do que são capazes de cultivar sozinhos. Comprando um escravo, eles conseguem mão de obra disponível até o fim da vida da pessoa. Não precisam nem pagar salários. Quando um escravo foge ou consegue a liberdade, o fazendeiro acha que está perdendo dinheiro, que precisa comprar um substituto.

Sera perdeu a paciência.

— Mas ninguém deveria ser escravo! Eles precisam contratar decentemente as pessoas, pagando um salário, e não forçá-las a trabalhar contra a própria vontade!

— Eu sei disso, Sera, mas você me pediu uma explicação. Em nenhum momento eu disse que isso é certo, porque não é. Mas se você quer saber por que os fazendeiros querem manter a escravidão, é por isso: dinheiro.

— Então eles não veem isso como uma coisa errada — Sera concluiu. — Apenas consideram um bom negócio.

Dak assentiu.

— E a SQ está do lado deles. O que não é nenhuma surpresa, já que essa questão envolve dinheiro e poder. Eles não perdem a chance de oprimir as pessoas. Quem sabe o que poderia acontecer se os escravos conseguissem fugir e se juntar aos abolicionistas? Mas agora está

todo mundo disperso. O Ato do Escravo Fugitivo assustou as pessoas que queriam ajudar os que escapavam. Os escravos são punidos só de falar com as pessoas. “Sem comunicação não existe colaboração” — Dak disse, citando uma frase muito usada por seu pai, ainda que para se referir às tarefas domésticas.

— Então, em termos científicos, você está dizendo que esse movimento não consegue crescer a uma taxa alta o suficiente para impulsionar uma mudança no país — Sera refletiu, antes de afagar o braço do amigo e concluir: — Você é muito inteligente. Isso faz bastante sentido. Você até que consegue ser bem maduro quando é preciso, sabia?

Dak ergueu uma sobrancelha.

— Como um bom queijo, eu fico melhor à medida que o tempo passa.

— E mais fedido — Sera acrescentou.

Naquele exato momento, a voz do leiloeiro emergiu diante do tribunal.

— Que comecem os lances!

Começa o leilão

Riq continuava tentando esconder as emoções, intimidado pela multidão que o media de cima a baixo. Um homem bonito, de pele escura, com traje de quacre e um chapéu enterrado na cabeça, era um dos poucos negros que ele via entre os fazendeiros e comerciantes de escravos. E foi esse homem que se aproximou para observar Riq e Kessiah mais de perto.

James, o garotinho, apontou para ele, mas Kessiah mandou o filho ficar quieto. O homem dirigiu um olhar solene a Kessiah, sorriu, piscou para o menino e acenou com a cabeça, satisfeito. Quando se afastou, começou a cantarolar sozinho. Era uma canção conhecida, que Riq não demorou a identificar: era a mesma entoada por Kessiah naquela manhã junto com as mulheres que trabalhavam perto da senzala. “Corram, corram, lamentosos.”

Riq espiou Kessiah com o canto do olho e notou que seu corpo inteiro parecia relaxar. Ela suspirou e respirou fundo antes de erguer a cabeça e encarar a multidão ameaçadora com um olhar confiante.

Quando os feitores removeram os grilhões para o leilão, a mulher se agachou, fingindo afastar as correntes. Riq se abaixou para ajudá-la, já que ela segurava o bebê com apenas um braço.

— Quando as coisas ficarem feias, não entre na briga — ela sussurrou. — Apenas corra.

Riq arregalou os olhos, alarmado.

— Pra onde?

— Vá na direção do rio Choptank e se esconda na mata até o anoitecer. Eu me encontro com você lá. Mas tome cuidado, porque o Hotel Bradshaw fica no caminho.

Riq não sabia nada sobre o Hotel Bradshaw, mas não parecia um lugar muito convidativo.

— Meus amigos não vão saber onde me encontrar — ele sussurrou.

— Quanto a isso, não posso fazer nada — Kessiah respondeu antes de se levantar. Não foi um comentário indelicado; era apenas a pura verdade.

Riq também se pôs de pé, e viu seus amigos avançando na direção da multidão. Naquele momento, desejou que Dak ou Sera soubessem a linguagem de sinais. Mas a única coisa que podia fazer era torcer para que não estragassem tudo.

— Isso é loucura — Sera murmurou. Mãos se erguiam por toda a parte quando o leilão de Riq começou, com um lance inicial estipulado em vinte e cinco dólares. — Quanto você tem de dinheiro?

— Quinhentos e sessenta e três dólares e quarenta e seis centavos.

Sera o agarrou pelo braço.

— Está falando sério?

— Claro. Está tudo na poupança que meus pais abriram para pagar minha faculdade.

Sera suspirou.

— Eu quis dizer aí com você. Eu tenho seis e sessenta e cinco.

Dak sacudiu a cabeça.

— *Niente* — ele disse, e depois de uma pausa completou: — Ei! Já são três línguas.

— Ainda não é hora de falar disso, Dak.

— Entendido.

— Então — Sera disse depois de um instante —, estou pensando em esperar para ver quem vai dar o maior lance e seguir essa pessoa. Alguma outra ideia?

— A gente podia subir na plataforma, agarrar o Riq e usar o Anel para sumir daqui.

— Ah, claro, e esses capangas enormes, ou feitores, sei lá, com certeza não iam fazer nada. Eles nunca devem ter enfrentado alguém que tentou impedir um leilão de escravos.

— Acho que você devia mudar um pouco sua entonação quando diz essas coisas. Posso não entender o sarcasmo — Dak respondeu.

— Ah, *claaaro*, e esses capangas *enooooormes*...

— Quieta. Acho que o leilão está acabando. E olha: os grandalhões estão todos distraídos. Só tem um vigiando o Riq.

Dak olhou para a amiga.

— Está pensando o que eu estou pensando?

— Sim. Vamos lá.



No fim, restaram apenas duas pessoas dando lances, e uma delas saiu vencedora. O leiloeiro bateu em seu púlpito, fazendo com que Riq se sobressaltasse. Ele percorreu a multidão com os olhos para localizar seu comprador. Apesar de Kessiah ter dito que alguma coisa aconteceria, Riq não sabia exatamente do que se tratava, nem quando seria. Nem se ele fazia parte dos planos dela. A única coisa que sabia era que ele havia perdido sua liberdade, havia se tornado propriedade de alguém.

Era a pior sensação do mundo. Pior até que as Reminiscências.

Foi então que ele se lembrou do restante da história de Kissy.

Quando chegou a vez de Kessiah ser leiloada, Riq sentiu um aperto no peito. Segundo a história que a vovó Phoebe contara, sua tatatatataravó Kissy, junto com os filhos, foi vendida em um leilão. Seu marido, que era um liberto, tentou comprar sua liberdade, mas não conseguiu. Eles tentaram fugir, mas não teve jeito. Kissy e John nunca mais se viram.

E agora o homem para quem o pequeno James havia apontado estava dando lances. De repente tudo fez sentido, e Riq era o único ali que sabia o desfecho trágico daquela história.

Ele foi invadido por mais uma Reminiscência atordoante, que aniquilou suas últimas esperanças. E agora ele sabia. Ele tinha certeza. Suas Reminiscências não eram como as de Sera. Foi por isso que ele não conseguiu descrevê-las do mesmo jeito que ela quando estavam entre os vikings, em 911. Quando disse que não era nada, estava falando sério. Suas Reminiscências eram exatamente isso: um vazio escuro e frio, desprovido de sentimento... o mais próximo do *nada* a que se podia chegar.

Enquanto as Reminiscências de Sera expressavam o sofrimento de pessoas que se amam, de uma vida que poderia ter se tornado realidade, as de Riq representavam uma dor sufocante e sem remédio. Era como mergulhar em um rio congelante. Como a dor áspera de um osso se chocando contra outro.

Depois de anos sofrendo com aquele fenômeno, Riq chegou à conclusão de que só podia significar uma coisa: não era para ele estar vivendo tudo aquilo. Riq não deveria existir.

Se deixasse tudo acontecer de acordo com o previsto, com o fracasso de John, que nunca mais veria sua mulher, então Kissy eventualmente iniciaria uma nova família, dentro da qual nasceria Riq. Mas e se ele tomasse alguma providência? Talvez fosse possível reunir John e Kissy, e permitir que James crescesse em liberdade. Talvez fosse possível ajudá-los a encontrar a tia Minty, cujos esforços para ajudá-los tinham sido sabotados de alguma forma. Talvez esse sacrifício fosse necessário para corrigir aquela Fratura.

Mesmo que Riq precisasse renunciar à sua própria existência.

Naquele momento, o leiloeiro bateu na plataforma outra vez, e Kessiah foi vendida para John Bowley. Seu marido. Assim como a vovó Phoebe havia contado. Houve um murmúrio em meio à multidão quando perceberam que um negro liberto tinha acabado de comprar os escravos. Era o tipo de coisa que não deveria acontecer, e logo despertou reações.

Riq não sabia o que viria a seguir, mas a última coisa que esperava era ver Dak e Sera correndo até ele com o Anel do Infinito na mão.

— Segura aqui! — Dak gritou.

Riq sacudiu a cabeça, incrédulo. Por mais que quisesse, não podia abandonar a missão naquele momento.

— Não! — ele gritou. — Não encostem em mim!

Ele se esquivou dos dois e saiu correndo. Seus gritos alertaram os feitores, que mudaram o foco de atenção da multidão inquieta para a fuga de Riq.



Dak e Sera não podiam acreditar na reação de Riq à tentativa de resgate. Ficaram observando imóveis enquanto o amigo fugia pelos degraus do tribunal, perseguido por cinco guardas. Kissy também não perdeu tempo. Pôs o filho mais velho no colo de John Bowley e, com o bebê junto ao peito, saltou da escadaria e desapareceu na multidão.

— Vamos! — Dak gritou, saindo atrás dos guardas. — Não podemos perder o Riq de vista!

— Eu sei! — Sera berrou de volta. — Não é fácil correr com essa roupa!

— Tenta não ficar para trás!

— Queria ver se fosse você com esse vestido — a garota resmungou para si mesma. — Olha lá! Ele está dando a volta! A gente vai precisar despistar esses caras para ele poder escapar. Por aqui!

Ela tomou a direção da igreja/ agência postal/ o que quer que fosse, e Dak foi atrás.

— Você vai naquele, eu vou nesse, e com um pouco de sorte...

Dak fez sinal para que ela se calasse quando Riq passou por eles.

— Santuário! — Dak gritou para Riq, antes de entrar na frente de um guarda, passar-lhe uma rasteira e se atracar com outro. Sera saltou sobre as costas de um terceiro, arrancou o xale dos ombros e jogou com força em volta do pescoço do guarda. Os outros dois hesitaram, esperando as instruções do líder, que estava no chão, o que garantiu a Riq o tempo necessário para contornar uma construção próxima e sumir na mata.

O guarda com quem Dak tinha se atracado se desvencilhou e voltou a correr, enquanto o atacado por Sera caía de joelhos, lutando para respirar e golpeando-a nas pernas. Ela aproveitou a primeira oportunidade e desceu de cima dele, deixando uma marca vermelha no pescoço do sujeito ao puxar o xale de volta. Para finalizar, Sera deu um chute nas costas do homem. Depois ajudou Dak a se levantar e os dois saíram correndo na direção oposta. Estavam com tanto medo e adrenalina que só olharam para trás quando chegaram ao bosque nos fundos da igreja. Quando pararam para retomar o fôlego, perceberam que já não havia ninguém os seguindo.

Eles se cumprimentaram e então começaram a desfiar elogios, imitando vários sotaques.

— Somos os Dois Mosqueteiros!

— Não, somos Inigo Montoya!

— Não, somos mais incríveis que Os Incríveis!

- Não, somos o conde!
- Hein?
- O conde!
- Que conde?
- Você sabe, aquele lá. Que era todo durão, vingativo e tal.
- Hum, não, acho que não sei, não.
- Aquele que virou nome de sanduíche.
- O conde de Sandwich?
- Não, era outro nome...
- Enfim. A gente é demais.
- Totalmente demais!

Eles olharam ao redor.

- Mas o Riq ainda não está com a gente...
- O Riq é demais!
- Pois é.

Houve um momento de silêncio depois da empolgação inicial.

Sera soltou um suspiro.

- Espero que ele tenha entendido o que você quis dizer quando gritou “santuário”.
- Eu quis dizer “igreja”. Quem não entenderia isso?
- Os guardas, espero, porque com certeza eles ouviram — Sera rebateu.
- Ah. É mesmo. Mas eles não podem pegar a gente lá, né? Isso não é proibido?
- Só se for mesmo uma igreja, e não uma agência postal. E só se a gente estiver em um filme.
- É exatamente isso o que a gente precisa descobrir.
- Se a gente está em um filme? Se nem isso você sabe, a coisa está feia mesmo.
- Não, se a igreja é na verdade uma agência postal.
- Ah, que alívio. Vamos lá, então?
- Vamos.

Sera apoiou a mão na curva do braço de Dak, o que o deixou todo tenso — a única vez que andara de braço dado com uma menina fora no casamento da tia Tricia, com uma dama de honra que chorava sem parar. Ele ainda teve que jogar as pétalas de rosa no lugar da menina, porque uma velha estranha cheia de verrugas o incumbiu de fazer isso no último segundo. Dak sacudiu a cabeça diante da lembrança. Os adultos não imaginam o trauma que causam nas crianças quando as obrigam a fazer esse tipo de coisa.

No fim, Dak acabou afastando o braço. Sera deu de ombros e levantou um pouco o vestido para não arrastá-lo no barro e na grama molhada, enquanto eles se dirigiam à porta dos fundos da igreja.

Rio abaixo

Riq podia continuar correndo para sempre. Afinal, era uma missão suicida — o que ele tinha a perder além de sua própria existência? Seu coração acelerou quando ele partiu em zigue-zague em meio aos guardas atrapalhados e logo se acostumou ao ritmo confortável das passadas — afinal, ele jogava futebol americano fazia sete anos, apesar de seus pais nunca terem assistido nenhuma partida. Naquele momento, sentindo o nariz quebrado latejar, sua intenção era fazer com que os homens se afastassem cada vez mais do rio, para enfim despistá-los.

Ele queria entrar em contato com Dak e Sera, avisar que não iria encontrá-los na igreja. Talvez houvesse uma maneira de fazer isso, mas ele não sabia como. Naquele momento, lembrou também da pista do SQuare e da promessa que tinham feito uns aos outros: completar a missão. Completar a missão. Completar a missão. Essa era a prioridade. Era tão importante que tinha proporções quase... cataclísmicas.

Durante o leilão, Riq imaginou que os cinco grandalhões fossem agentes da SQ que não tinham se dado conta de quem ele era, apesar de ser obrigação deles identificar os inimigos da organização. Por levarem em conta apenas sua cor de pele, eles nem perceberam que se tratava de um Guardião da História. Talvez ele pudesse usar isso em seu favor.

Cinco quilômetros de mata adentro, Riq continuava correndo seguindo um zigue-zague. Quando os grandalhões começaram a ficar para trás e ele percebeu que poderia escapar, e que seus perseguidores não chegariam ao rio Choptank tão cedo, o garoto saltou em um pequeno córrego e começou a correr seguindo seu curso, na direção de onde viera. No solo úmido suas pegadas podiam ser facilmente percebidas, mas a água resolveria o problema. Ele continuou correnteza abaixo até avistar a cidadezinha de novo, dessa vez do outro lado. Quando recuperou o fôlego, saiu caminhando pela grama, enterrou o chapéu na cabeça e tentou fingir que estava ocupado com alguma coisa, mantendo a cabeça baixa e evitando contato visual com qualquer pessoa de pele branca.

Passou pelos fundos de um hotel movimentado sem ser notado e continuou seu caminho rumo ao rio Choptank. Havia pequenas embarcações e barcos de pesca no cais, até onde ele se encontrava com a mata. Riq foi andando naquela direção, sem saber o que fazer além de se esconder até cair a noite — a única instrução que Kessiah pudera lhe passar. O garoto estava decidido a esperar por ela. Ainda não tinha montado todas as peças do quebra-cabeça, mas

juntando as pistas do SQuare e o que vivenciava em suas Reminiscências, tudo indicava que a SQ tinha armado contra Kissy e sua família.

Ele tentava se convencer de que tudo aquilo era em nome da missão, mas dessa vez a questão era pessoal. Riq precisava garantir a segurança da família de Kissy, que também era a *sua* família. Independente dos sacrifícios necessários — e das consequências de seus atos.

A entrega do carteiro

Dak e Sera entraram correndo na igreja e olharam ansiosos ao redor, esperando encontrar algum tipo de atividade. O que encontraram, no entanto, foi silêncio total. O sol da tarde penetrava pelas janelas, iluminando e aquecendo o ambiente.

— E então, cadê a agência postal? — Dak perguntou.

Sera olhou em volta.

— E cadê o Riq?

— Pensando bem — Dak ponderou —, não seria ilegal manter uma agência postal dentro de uma igreja? Thomas Jefferson sempre foi contra misturar assuntos religiosos com questões de governo, e uma agência postal é uma repartição pública.

Sera deu de ombros, não dando a mínima.

— Por outro lado — Dak continuou —, Thomas Jefferson também afirmou que todos os homens são criados iguais, e inclusive escreveu isso na Declaração de Independência. Mesmo assim, ele tinha escravos. Isso não me parece lá muito coerente. Tinha um sujeito inglês, um abolicionista da época, que dizia alguma coisa como: “não existe nada mais absurdo do que um cara importante assinar um documento declarando a igualdade de todos com uma mão, enquanto chicoteia um escravo com a outra”.

Sera estreitou os olhos e encarou Dak.

— Esse inglês tinha razão — ela disse, enquanto observava o ambiente da igreja. Era bem simples, com uma decoração modesta. — Então, se aqui é a agência postal, cadê a correspondência? Talvez esteja escondida — ela comentou, e começou a vasculhar o local, determinada.

Dak olhou para a amiga com uma expressão confusa, depois franziu a testa e pareceu mergulhar nos próprios pensamentos.

— Vai ver que... — ele se interrompeu. Em vez de continuar falando, o garoto seguiu até o altar da igreja e se posicionou atrás do púlpito de madeira. Ele se agachou e começou a tatear a base.

— O que você está fazendo? — Sera perguntou lá dos fundos.

— Procurando a correspondência. Acho que você pode ter razão. Acabei de lembrar de uma coisa... os escravos não podiam se comunicar nem se reunir durante o trabalho. Mas tinham

permissão para ir à igreja aos domingos, e era lá que... — Dak ouviu um barulho, que ecoou pela construção quase vazia.

Sera olhou ao redor, aflita.

— Quem está aí? — ela perguntou, tentando parecer calma e endireitando o corpo.

Um homem barbudo apareceu perto de onde Sera estava e se deteve.

— Ora, boa tarde — ele falou. Levava um pacote sob o braço, que escondeu habilmente sob o paletó.

— Olá — Sera o cumprimentou, notando o movimento furtivo. Ela decidiu não dizer mais nada, pois não revelar muito sobre si mesma significava que ele precisaria tomar a iniciativa de falar, deixando-a em uma posição de vantagem. Talvez ele até fornecesse informações voluntariamente. Sera inclinou a cabeça como se esperasse que o homem dissesse alguma coisa.

— Meu nome é Gamaliel Bailey. Vocês estão perdidos? Ou procurando alguma coisa, talvez?

— Por que acha que estamos perdidos? — Sera perguntou.

O homem recuou e ergueu as mãos.

— Sinto muito, não quis insinuar nada. Como esta é uma igreja de negros, fiquei surpreso por encontrá-los aqui. Foi sua ama que lhes trouxe?

Sera ficou de boca aberta.

— Não — ela respondeu em um tom seco. — Nós não temos uma ama. E você também não é negro, aliás.

O homem apertou os lábios.

— Vocês moram aqui perto, então?

— Não — Sera respondeu.

— Sim — Dak disse ao mesmo tempo.

O homem teve de fazer força para não rir.

— Entendo.

— O senhor é o reverendo? — Dak perguntou, e trocou um olhar com Sera.

— Deus me livre — ele disse e soltou uma risada. — Sou um médico que virou editor, creio eu. Dirijo um pequeno jornal chamado *National Era*, de Washington, e...

— Espere um pouco... Foi nesse jornal que o livro da Harriet Beecher Stowe foi publicado pela primeira vez! É um romance de caráter abolicionista — ele explicou para Sera.

O homem parecia confuso.

— De que livro você está falando?

— *A cabana do pai Tomás* — Dak disse, satisfeito por ter encontrado um fato daquele período que conhecia muito bem. — Começou a ser publicado em 1851.

Sera ficou paralisada, os olhos arregalados.

Dak também.

Gamaliel Bailey ficou boquiaberto, mas logo se recompôs. Ele pareceu pensativo, e depois um tanto inquieto. Seus olhos começaram a brilhar e ele pôs a mão fechada sobre a boca como se fosse tossir, mas não o fez; apenas manteve aquela pose por um tempo.

— Quer dizer... — Dak disse baixinho — Devia ser outro jornal, de mil oitocentos e qualquer coisa.

Gamaliel abriu um sorriso ao ouvir isso, tirou a mão da boca e entrelaçou os dedos das mãos. Ele ficou observando os garotos, balançando levemente a cabeça, como se não acreditasse no que via. Enfim pareceu voltar a si.

— Sejam bem-vindos — ele disse afinal. — Nunca pensei que fosse encontrá-los. Nem em um milhão de anos. Não sei nem como dizer o quanto estamos precisando da sua ajuda neste momento. — Ele continuou com os olhos marejados, apontando para um dos bancos. — Vocês teriam tempo para sentar e conversar um pouco? Eu sou um Guardiã da História. O meu posto não é aqui... Geralmente fico em Washington, mas tanta encrenca tem acontecido por aqui ultimamente que vim ajudar.

Sera franziu a testa. Desconfiada de qualquer um que vivesse naquela época, ela cruzou os braços.

— Como vamos ter certeza de que você é um Guardiã da História? Precisamos de uma prova.

O homem não pareceu nem um pouco surpreso com o interrogatório. Era como se tivesse esperado a vida inteira para respondê-lo. Ele falou baixinho:

— Em 336 a.C., Aristóteles, o maior dos visionários, previu que o mundo estava em perigo. O curso da história estava sendo rompido, e ele percebeu que esse processo continuaria por muito tempo depois de sua morte. Mas também concluiu que algum dia as pessoas poderiam viajar no tempo e corrigir essas Fraturas, e criou um grupo secreto denominado Guardiões da História para esperar pelos viajantes do tempo. Eu faço parte dele há muitos anos, assim como meus pais fizeram.

Sera estreitou os olhos.

— Então você é amigo da sra. Beeson — ela afirmou. Não era uma pergunta.

Ele assumiu uma expressão mais séria.

— Sim, a sra. Beeson é uma ótima pessoa, uma abolicionista convicta. Mas está desaparecida — ele comunicou, baixando os olhos. — Muitas pessoas de bem no Caminho da Liberdade daqui até a Filadélfia simplesmente sumiram. Meus amigos e camaradas. É por isso que vim para cá ajudar — ele limpou o rosto com a mão, mantendo-a sobre os olhos por alguns instantes. — Tudo pelo que trabalhamos durante todos esses anos está ameaçado. Meu jornal foi atacado, querem me forçar a abandonar o negócio por meio da violência — ele contou e olhou para Dak. — Na verdade, a sra. Stowe de fato me escreveu, pouco tempo atrás, comunicando sua intenção de publicar uma obra de ficção no meu jornal. Mas, do jeito que as coisas andam, não poderei publicar nada no *National Era* em 1851, porque a essa altura ele não existirá mais.

Ele tirou o pacote do bolso do paletó e pôs sobre o assento ao lado.

— Cartas — explicou. — Mensagens codificadas dos escravos para seus amigos e familiares libertos. Cartas das estações da Ferrovia Subterrânea, e dos condutores que farão as próximas viagens. Nós as escondemos aqui... É a única forma que os escravos têm para se comunicar — contou, olhando para Sera e Dak. — Foi por muito pouco que eu e essas cartas

conseguimos chegar aqui hoje.

Seu rosto de repente ficou pálido, e ele se encolheu, agarrou-se ao banco e prendeu a respiração, como se estivesse com dor.

— Está tudo bem? — Sera perguntou. Ela se levantou e olhou ao redor, sem saber o que fazer.

O homem sacudiu a cabeça e ergueu uma das mãos. Quando conseguiu falar de novo, explicou:

— Não é preciso se alarmar. Ultimamente tenho sentido umas coisas estranhas... uns repentes de lembranças, mas com memórias que não me lembro de ter vivido. Sei que não faz muito sentido. Talvez no futuro exista uma cura para esse tipo de coisa.

Ele olhou para cima, cheio de esperança, mas quando viu a expressão de Sera, seu sorriso desapareceu.

Enfim no rumo certo

— Podemos dizer que estamos trabalhando em uma cura — Sera respondeu. — O que você teve foram Reminiscências.

Ela olhou para as próprias mãos.

Dak assentiu, apesar de não entender muito bem sobre o assunto. Ele nunca havia tido uma Reminiscência, mas sabia que Sera e Riq sofriam com elas, assim como inúmeras pessoas. E por falar em Riq...

— Poderia nos dar licença um minuto, dr. Bailey?

— Claro.

Dak puxou Sera pelo corredor da igreja até o altar.

— Só queria saber se você acha que ele é mesmo quem está dizendo, antes que eu acabe dando com a língua nos dentes de novo.

Sera chutou a bota dele com a dela.

— Só por causa daquela história de 1851? No fim deu tudo certo. Seu bobalhão.

Ele sorriu, sentindo-se aliviado.

— Então podemos acreditar na história dele?

— Acho que sim. Não é?

— É. E talvez da próxima vez a gente consiga ser esperto o suficiente para não acreditar na primeira pessoa que aparecer dizendo que está do nosso lado.

— Não dá para acertar todas — Sera disse. — Certo. Vamos confiar nele.

— E depois — Dak concluiu, olhando para a paisagem do fim de tarde pela janela —, precisamos encontrar o Riq e o carro de um tal de David.

— Riq já devia estar aqui a essa altura — Sera comentou. — Vai ver ele não entendeu o que você quis dizer com... — ela interrompeu a frase com um sorriso sem graça. — Ah, é. Ele é linguista.

— Pensei que ainda fosse cedo demais para fazer piada com isso.

— Nem começa. Vamos.

Eles voltaram até onde estava Gamaliel Bailey, e Dak assumiu a palavra.

— Então, se o senhor já estiver se sentindo melhor, precisamos procurar nosso amigo Riq, que também é um viajante do tempo. Ele foi capturado ontem à noite por uma falsa sra.

Beeson, e vendido como escravo hoje à tarde, o que causou uma confusão e tanto, apesar de ele ter conseguido fugir. Tenho certeza de que a impostora que está fingindo ser a sra. Beeson não é tão gentil quanto a original.

— Minha nossa, isso é terrível — Gamaliel disse, levantando e esfregando as mãos. — Estou aqui para ajudar em tudo o que puder.

— Mas nós precisamos esperar um pouco, e depois encontrar e seguir o carro de um sujeito chamado David. Você por acaso o conhece?

— David? Acho que não, mas não sou daqui. Você disse que precisa segui-lo?

— Sim, mas também precisamos encontrar o Riq — Dak parecia cada vez mais ansioso. — Tomara que ele não tenha sido capturado de novo.

Gamaliel Bailey ergueu um dedo como se fosse dizer algo, e o manteve no ar por um instante, com um olhar intrigado.

— Perdão, meninos, mas... vocês disseram que estão esperando o carro de um homem chamado David?

Sera ergueu uma sobrancelha para Dak antes de se virar para o homem.

— Sim — ela respondeu.

— Humm. E podem me dizer quais foram exatamente as instruções que receberam?

Sera batucou com os dedos na coxa enquanto tentava se lembrar.

— Não procurar lampião ou Amigos. Após feira amanhã, visitar agência postal. Depois seguir carro de David.

Gamaliel quase abriu um sorriso, mas ainda parecia intrigado.

— E as instruções vieram na forma de uma pista.

— Sim, um falso telegrama de um cara chamado David.

O homem soltou algumas risadinhas, que aos poucos foram se transformando em uma gargalhada.

— Ah — ele comentou. — Puxa. Eu bem que precisava rir um pouco. David, pois é.

Sera e Dak se entreolharam como se Gamaliel tivesse perdido o juízo.

— Crianças, não é exatamente um carro que vocês precisam seguir. É uma constelação. Acho que na pista não quiseram usar o nome mais conhecido para não ficar muito óbvio, mas vocês lembram qual constelação se parece com uma carroça, não é?

— Ah, tá — Sera respondeu. — Essa é fácil. O Grande Carro, também conhecido como Carro de David.

— E o Grande Carro aponta para...

— A Estrela Polar — Dak completou.

— A pista na verdade dizia para vocês esperarem as estrelas aparecerem — Gamaliel esclareceu.

— E depois seguir o Grande Carro... mas para onde? — Sera questionou. Ela não gostava de instruções vagas.

— Sera — Dak falou, sério —, o dr. Bailey disse que os abolicionistas estão desaparecendo daqui até a Filadélfia. Nós vimos com nossos próprios olhos que a SQ está por trás disso. Então precisamos ir para o Norte, pegar o Caminho da Liberdade e encontrar os *verdadeiros*

abolicionistas para que eles possam ajudar os fugitivos e batalhar por liberdade e igualdade.

Gamaliel estava de pé, com o chapéu na mão.

— Do jeito que as coisas estão agora, os fazendeiros estão ganhando de nós, abolicionistas. Estão usando meios cada vez mais violentos para nos deter. Meu jornal está sendo ameaçado, assim como a minha vida. Lutarei até o fim para pôr meu jornal na rua, mas acho que, caso sumam comigo, ninguém vai querer assumir meu lugar. É muito perigoso. — Ele se virou para Dak. — O que você falou sobre publicar no ano que vem me deu um ímpeto de continuar mais um pouco na ativa. Mas quem sabe o que pode acontecer depois disso? — Ele fez uma pausa e franziu a testa. — Bom, acho que vocês sabem.

— Uma guerra — Sera murmurou. — É isso o que acontece. E dura uma eternidade.

Pela expressão de Gamaliel, ele não ousava perguntar se “uma eternidade” era só força de expressão.

Dak soltou um suspiro. A situação estava ficando complicada.

— Bom, se não precisamos esperar carro nenhum — ele falou, dando uma risadinha, porque pensando bem era mesmo uma ideia ridícula —, alguém precisa ir atrás do Riq.

— Eu vou — Sera se ofereceu. — Você fica aqui para o caso de ele aparecer. Ele teve acesso à pista também, lembra? Foi ele que decifrou tudo, então sabe que precisamos seguir o Carro de David — ela deu uma olhada na igreja em busca de um relógio, mas não encontrou. — Não saia daqui. Volto logo depois do anoitecer, com ou sem ele. Depois nós decidimos o que fazer.

Dito isso, ela partiu. Logo depois, Dak e Gamaliel viram a touca de Sera subir e descer à medida que ela corria pela rua, segurando o xale com uma das mãos e o casaco de Riq com a outra.

— Ela é uma menina bem audaciosa — o homem comentou.

— Todas as meninas da nossa época são assim — Dak falou, com uma careta.

Gamaliel abriu um sorriso afetuoso.

— Que bom. Então ainda existe esperança para todos. Isso me deixa feliz.

Quando Sera desapareceu de vista, Dak se virou para o Guardiã da História.

— Como exatamente vamos seguir o Grande Carro? O céu é bem grande. E existe alguma trilha ou é só... seguir para o norte?

— O Caminho da Liberdade vai seguindo a costa — Gamaliel explicou. — Segue paralelamente à água, mas não existem trilhas. A maioria dos fugitivos se vira sozinho, ou com a ajuda de outros escravos, libertos ou até mesmo de um abolicionista branco que não tenha medo de agir contra a lei. Mas estamos com sorte: o rio Choptank fica a poucas quadras daqui. Ele desemboca na baía de Chesapeake. Até uma semana atrás, mais ou menos, os escravos ainda encontravam alguma embarcação disposta a levá-los pelo menos até Baltimore.

— E agora?

— Agora não tem jeito. Pelo menos não em segurança. Com os agentes da SQ fingindo-se de defensores da causa para atrair os fugitivos e depois vendê-los, ninguém é digno de confiança. É o caos total. Precisamos reunir os Guardiões da História e restabelecer o sistema. Caso contrário, ninguém nunca mais ouvirá falar da Ferrovia Subterrânea — Gamaliel disse em tom

solene.

Dak não teve coragem de dizer que, de fato, em sua época ninguém tinha ouvido falar naquilo, a não ser os historiadores mais nerds — e eles sabiam que a iniciativa tinha sido um fracasso.

Procurando Riq

Sera correu a cidade de uma ponta à outra — o que não demorou muito, já que ali não havia nem mesmo uma agência de correio. Ela enfiou a cabeça pela porta de uma taberna, torceu o nariz e se afastou de novo. Riq jamais entraria ali. Passou pelo Hotel Bradshaw, onde alguns homens conversavam a respeito da compra e venda de escravos e do quanto vinham lucrando graças ao Ato do Escravo Fugitivo, que chamavam de Lei dos Cães de Caça.

Sera passou pelos homens e ficou parada ali perto, de costas para eles, fingindo esperar alguém. Ninguém a notou. Ela viu a falsa sra. Beeson entrar furtivamente no hotel, o que foi suficiente para Sera dar a volta e sair dali o mais rápido possível. Ela não encontrou Riq em lugar nenhum, então seguiu para o cais do rio Choptank.

A garota ficou surpresa ao notar que havia tanta atividade por ali em pleno inverno. O ar estava fresco. Sera apertou o xale em volta dos ombros e observou os diversos barcos atracados à medida que a noite caía. Ela estava ficando preocupada, e chegou à conclusão de que Riq não ficaria perambulando pela cidade depois do que acontecera. Então deu uma boa caminhada pela beira do rio, passando atrás das lojas da cidade e depois contornando um pequeno córrego para voltar à igreja. Foi quando ela viu um jovem sentado, encostado a uma árvore.

Ela chegou mais perto.

— Riq?

Ele se levantou às pressas e olhou ao redor.

— Sera? Nossa, você me deu um susto. É bom ver você.

A garota correu até ele.

— Por que você não foi à igreja? Não ouviu o que Dak falou?

— Eu ouvi. Mas não deu. Não dá. Tem caçadores de escravos por toda a parte. Não posso arriscar nem atravessar a rua depois do que aconteceu... Todo mundo já marcou a minha cara.

— Bom, mas agora já está escurecendo. Você pode vir comigo. A gente vai se escondendo.

Ele respirou fundo.

— Não é só isso — admitiu. — É que... Bom, eu fiquei de encontrar a Kissy, ou melhor, a Kessiah aqui. Eu descobri um monte de coisas, sabe. Ela é minha parente, e...

Sera o encarou.

— Ela é o quê?

— Ela é minha tataravó ou coisa do tipo. Eu sei que é loucura, mas acredite: subir naquela plataforma foi como um déjà vu pra mim. Eu já tinha ouvido a história do leilão uma porção de vezes; minha avó Phoebe sempre contava. Foi muito estranho e horrível, mas ao mesmo tempo sensacional, porque ela é da minha família, imagina só.

Sera olhava para o amigo, tentando entender aquilo tudo.

— Ela sabe disso?

— Não. Mas eu sei que vai acontecer alguma coisa de ruim, porque minha avó me contou, e acho que tem tudo a ver com a Fratura. Preciso ficar ao lado da Kessiah. Tenho que garantir a segurança dela. E... — ele hesitou antes de completar, baixinho — isso também envolve as minhas Reminiscências. — Ele se interrompeu, e Sera sabia que era melhor não pressioná-lo para que falasse mais sobre isso. — Nós vamos para Baltimore. E vocês também, de acordo com a pista... Vocês entenderam a referência ao Carro de David, né?

— Hã... — Sera tentou disfarçar. — Ah, sim, claro. Moleza. Sem problemas.

Riq sorriu.

— Eu sabia que no fim vocês iam acabar entendendo. E encontraram o Guardiã da História? O verdadeiro?

— Nós encontramos *um* Guardiã da História. Ele é muito legal.

— Ótimo — Riq enfiou a ponta da bota na lama, pensativo. — Muito bem, então. Vou com Kessiah e John hoje à noite... Ela é uma fugitiva, o que faz dele um criminoso por tentar acobertar a família, então estamos todos no mesmo barco. Quero garantir que eles encontrem a tia Minty em Baltimore. Era ela quem deveria providenciar o resto da viagem para o norte, mas alguma coisa deu errado no caminho. E aí que eu preciso ajudar. Encontro vocês em Baltimore, e lá a gente pensa no que fazer.

Riq esperou a resposta de Sera sem nem respirar. A expressão dela parecia contrariada.

— Mas, Riq, não dá. Simplesmente... não dá. A gente precisa de você, e não podemos ficar nos separando assim. Eu fico preocupada. Baltimore é muito longe daqui?

— Fica mais para o norte, do outro lado da baía de Chesapeake, a uns cento e vinte quilômetros. Vocês podem ir por terra, e nós pela água, que é mais seguro. Pode ser? Por favor?

Ele não conseguia parar quieto, de tão ansioso.

Sera parecia insegura. Riq suspirou.

— Lembra quando estávamos na Fratura de 885 e o Dak estava desesperado para entrar em um barco viking porque é louco por história e nunca mais ia ter essa chance, e então a gente falou que tudo bem? Agora é a mesma coisa. Esse é o meu barco viking — ele falou, pegou a mão dela e olhou bem fundo em seus olhos. — Por favor, Sera.

Ela ficou vermelha e desviou o olhar.

— Eu entendo, mas você se lembra da encrenca em que a gente se meteu pra realizar esse sonho do Dak? Ele poderia ter morrido. Ou um de nós, no resgate.

— Sim, mas agora não estamos no meio de uma guerra! — Riq exclamou, mas logo mordeu o lábio, sabendo que sua voz tinha saído alta demais, e baixou o tom. — Não estamos em

guerra, não tem nenhum projétil voando pelo ar, nem uma chuva de óleo fervente. Só vamos atravessar uma baía durante a noite.

Os olhos dele suplicavam em silêncio sob o céu noturno.

— Por que eu, o Dak e o Guardião da História não podemos ir com vocês?

— Porque seria um grupo grande demais. O único jeito de isso dar certo é não atrair muita atenção. Além disso, você precisa se concentrar na missão. A segurança de Kessiah é só uma parte disso.

— Grrr — Sera rosnou. Estava ficando tarde. Ela precisava voltar para a igreja.

Eles ouviram um barulho e ficaram tensos, mas eram apenas Kessiah, John e as crianças. James, nos braços do pai, estava agarrado a um cobertor.

— Riq — Kessiah murmurou. — Está na hora. Precisamos ir. — Ela acenou para Sera. — Obrigada por criar aquela distração. Nunca esqueceremos disso.

Kessiah notou que Sera e Riq estavam de mãos dadas, mas não disse nada. Ela atenuou a expressão que trazia no rosto e se virou para Riq. Em um tom de voz mais ameno, falou:

— Sinto muito, mas precisamos chegar a Federal Hill antes do amanhecer. Se não chegarmos a tempo... — ela não terminou a frase, mas todo mundo entendeu o que queria dizer.

Riq se voltou para Sera.

— Por favor.

Sera olhou para Kessiah e John e de novo para Riq. Fechou os olhos, encostou-se em uma árvore e suspirou. O casal se despediu de Sera com um aceno e se preparou para ir embora.

A garota soltou a mão de Riq, pegou o casaco de quacre e o entregou a ele.

— Toma — ela falou. — Vai lá. Tomem cuidado, todos vocês. Não sei quanto tempo vamos demorar até chegar lá... — ela esperava, de verdade, que Gamaliel soubesse.

Riq pegou o casaco e surpreendeu Sera com um abraço apertado, murmurando no ouvido dela:

— Obrigado. — E então acrescentou: — Federal Hill, em Baltimore. A gente se vê amanhã.

Ele se virou e começou a seguir John e Kessiah. Depois se deteve e voltou correndo até Sera, agarrou-a pelos braços e olhou preocupado ao redor.

— Se acontecer alguma coisa e a gente não chegar, ou eu não chegar, você sabe o que fazer. Me promete?

Os lábios de Sera tremiam.

— Não vai acontecer nada com você.

Ela o encarou e notou o olhar de Riq à espera de uma resposta.

— Caso aconteça — ele insistiu.

Por fim, ela assentiu.

— Prometo — sussurrou.

Riq deu as costas e desapareceu noite adentro.

O ataque

Kessiah, carregando a bebê, Araminta; John, levando o pequeno James; e Riq abriam caminho pela escuridão seguindo o curso do pequeno córrego, até chegarem ao imponente rio Choptank. John os conduziu até um galpão repleto de pilhas de conchas de ostra, evitando passar pelo cais movimentado. Riq sentiu o cheiro de água salgada. Havia também uma brisa fresca, as estrelas brilhavam, e não havia nuvens visíveis.

— Dá para ver daqui — John disse, agachando-se. Ele olhou para Riq, medindo-o de cima a baixo. — Estamos esperando um barco de pegar ostras. É pequeno, mas espero que caiba todo mundo.

Riq sabia que, se o barco não tivesse lugar para todos, quem não embarcaria seria ele.

— Com esse vento — Kessiah comentou — vamos chegar mais depressa, não?

— Se continuar assim...

John, que trabalhava construindo barcos, fez sinal de silêncio quando três homens robustos apareceram no cais. Eles circulavam entre as pilhas de conchas vazias como se estivessem procurando alguma coisa.

Pouco depois, um pequeno barco a vela se aproximou, e os três se separaram e começaram a patrulhar a área, a poucos metros dali.

John fez um sinal para a tripulação do barco, e um deles respondeu. Riq ficou à espera de sua deixa. Ele sorriu para James, que de alguma forma compreendia a gravidade da situação e se mantinha em silêncio. Já a bebê...

Quando Kessiah puxou a menina para junto de si, ela começou a resmungar e chorar. John arregalou os olhos, alarmado. Ele virou a cabeça e viu que os três homens se aproximavam, e depois se voltou para Riq e Kessiah. Eles precisavam partir — era naquele momento ou nunca mais. Seria preciso arriscar.

— Não percam tempo — falou. — Você e a bebê, depois James e eu. Riq, você vem atrás de mim.

Riq e Kessiah assentiram. Ela segurou firme a pequena sacola e a bebê, e saiu correndo na direção do barco. Os homens a bordo a ajudaram e John saiu logo atrás com o pequeno James. Foi então que os três grandalhões perceberam a movimentação.

— Parados aí! — um deles gritou. — Quem são vocês?

— Depressa! — Riq berrou.

Ele ficou de pé e pronto para correr, mas tinha que esperar, pois sabia que só poderia subir a bordo quando John e James estivessem acomodados, caso contrário o barco corria o risco de virar.

O vento soprava com força e fez o cobertor de James voar.

— Ei! — o menino gritou. Ele se virou para pegar o cobertor, soltando a mão do pai justamente quando estavam prestes a embarcar. John perdeu o equilíbrio e quase foi parar na água gelada, mas acabou caindo de costas na lateral do barco e rolou para dentro. Ele soltou um grito, levou as mãos às costas e se contorceu de dor. Certamente não estava em condições de ir atrás de James.

Os caçadores de escravos dispararam na direção do barco e do menino.

— James! — Riq chamou, sentindo seu estômago se contorcer. Ele saltou em sua direção, agarrou o cobertor e o menino com um só movimento e se preparou para fugir, com os três homens em seu encalço.

Kessiah berrou, a bebê Araminta chorou, John grunhiu e o piloto do barco olhou ao redor antes de gritar:

— Rápido!

Riq, carregando James, tentava desesperadamente se desvencilhar dos homens e chegar à embarcação, cochichando no ouvido do garoto para que segurasse firme. No entanto, apesar dos protestos de Kessiah, o capitão do barco decidiu que era o momento de partir, para sua própria segurança. Para Riq e James só restavam duas alternativas: mergulhar no rio gelado ou fugir para a floresta escura.

A jornada começa

— A boa notícia — Gamaliel disse enquanto ele, Dak e Sera caminhavam até o rio — é que tem uma embarcação me esperando para atravessar a baía de Chesapeake de volta, pois fui até Annapolis de charrete e vim para cá de barco. E há espaço suficiente para nós três.

— E a má notícia, qual é? — Sera perguntou, preocupada. Ela podia ouvir uma mulher gritando ao longe, algo muito estranho para uma cidade daquele tamanho. De qualquer forma, era inevitável estar com os nervos à flor da pele. Dak ficou surpreso por Sera ter deixado Riq sair de suas vistas de novo depois de reencontrá-lo, mas se apressou em dizer que a decisão tinha sido sensata. Para Dak, Riq sabia o que estava fazendo. Já Sera não tinha tanta certeza.

— A má notícia é que precisaremos passar por Annapolis. Mas chegaremos lá ainda hoje, e o resto da viagem será de charrete. Estaremos em Baltimore logo pela manhã.

— Até que não é tão ruim — Sera disse.

— Mas temos notícias piores também — Dak interferiu, olhando por cima do ombro. — Acabei de ver a nossa falsa Amiga, a sra. Beeson, na frente do hotel, e acho que ela me viu também, porque agora estamos sendo seguidos. Você conhece esses sujeitos, Gammy?

Gamaliel olhou para trás e começou a andar mais rápido.

— Não pelo nome — respondeu, tenso. — São Guardiões do Tempo que trabalham como comerciantes de escravos. Não gostam nem um pouco de mim, nem do meu jornal. Pensei que tinha me livrado deles ao vir para cá — concluiu e acenou para chamar a atenção de alguém na beira do rio.

Os três caminharam apressados até o cais, e Gamaliel guiou Dak e Sera até um cúter, uma pequena embarcação à vela.

— Não podemos perder nem um segundo — ele disse baixinho, estendendo a mão para Sera, que não precisava de ajuda para embarcar, mas não quis parecer mal-educada e aceitou, e depois para Dak, que ignorou o auxílio e subiu sozinho. Eles já estavam acostumados com barcos àquela altura.

Gamaliel subiu a bordo logo em seguida.

— Vão lá para baixo e se escondam — ordenou para Dak e Sera. — Acho que nos livramos deles, mas é melhor a gente se precaver.

Ele atravessou o convés para falar com o capitão.

Do esconderijo em uma pequena cabine ali embaixo, Dak e Sera ouviram gritos no cais. O barulho parecia natural em um ambiente como aquele, mas ainda assim eles apertaram os olhos para tentar encontrar algum Guardião do Tempo, apesar de estar escuro demais para enxergarem alguma coisa. A iluminação vinha apenas das lamparinas a querosene nos barcos e da luz das estrelas.

Dak viu a tripulação se posicionar para o trabalho e contou a Sera tudo o que sabia sobre embarcações como aquela, cuja função era guiar os navios maiores até o porto. O cúter era uma espécie de rebocador, mas muito mais legal, porque tinha um mastro de veleiro e atingia uma velocidade muito maior. Sera concordava com a cabeça de vez em quando, mas não estava nem um pouco interessada. Ela se levantou e ficou perto da porta da pequena cabine enquanto o cúter navegava rio abaixo em direção à baía de Chesapeake.

— Olha lá — ela falou. — O Grande Carro, apontando para a Estrela Polar. Nós estamos seguindo a constelação. Quer dizer, mais ou menos, agora que estamos virando para o norte.

Ela sentiu o vento cortante arrancar sua touca e atingir seu rosto com um sopro úmido. Uma Reminiscência tomou conta de seu corpo, fazendo-a sentir saudade de seus pais. Parecia loucura, na verdade. Ela nem se lembrava deles, mas ainda assim os amava, sentia um desejo imenso de estar com eles, como se tivessem passado a vida inteira juntos.

— Você deve estar sentindo falta dos seus pais — ela disse para Dak.

Ele se levantou e parou logo atrás da amiga, olhando por cima do ombro dela.

— Estou mesmo. E muito. Eu sei que vivo fazendo piadinhas bobas, mas na verdade estou muito preocupado com eles — Dak respirou fundo e soltou o ar com força. — Eu já estive nesta mesma baía antes. Nós fomos uma vez para Washington, de férias, para conhecer o Memorial da Guerra de 1812, e passeamos de barco. Foi a melhor viagem... — ele se interrompeu de repente, e não voltou mais a falar. Enfiou a mão no bolso e mexeu na chave de ferro que sua mãe lhe entregara quando ele encontrou os pais por um breve momento em 911.

Sera franziu a testa.

— Nós ainda vamos reencontrá-los. Vai dar tudo certo. Tem que dar.

— Pelo menos eu sei que eles estão vivos.

Sera abriu um sorriso encorajador.

— Isso mesmo. Exatamente. Pelo menos isso você sabe.

Ela engoliu em seco e tentou se convencer de que seus olhos estavam lacrimejando por causa do vento.

— Eu realmente espero que o Riq esteja bem — Dak falou. — Ele não vai estar seguro em lugar nenhum enquanto não corrigirmos esta Fratura. Pelo menos quando estávamos no barco viking ele não parecia um escravo. Esta época em que estamos é uma droga, sabe? Eu nunca tinha parado para pensar nisso. Tomara que a gente consiga consertar tudo — ele ergueu a mão antes que Sera o interrompesse. — Eu sei, eu sei. Não dá. A única coisa que podemos fazer é remover as barragens do rio e deixar a corrente fluir como deveria. Ou qualquer que seja o jeito poético e cheio de frescura que você usou para explicar tudo um dia desses.

— Pelo amor — Sera murmurou. — Você sabe mesmo como estragar um momento, né? — Ela se aventurou do lado de fora da cabine e foi ver o movimento da tripulação. — Acho que

é melhor a gente começar a se mexer. Não tem ninguém parado de bobeira por aqui.

Naquele exato momento, alguma coisa apitou em um dos bolsos de Dak.

— Foi o Square que fez isso? — Sera perguntou.

— Hã... — Dak remexeu no casaco, de onde tirou um pequeno aparelho eletrônico. — Acho que a bateria está acabando.

Sera não podia acreditar no que via.

— Você estava com o seu celular esse tempo todo? — ela questionou.

Dak parecia um tanto sem graça.

— Pensei que poderia ser útil em algum momento. E se os meus pais resolvessem me ligar? O problema é que não tinha sinal em nenhum lugar que fomos.

— Pois é, não acredito que você não tenha conseguido sinal em 885, quando foi capturado pelos vikings. Teria sido uma mão na roda — e tomou o telefone da mão dele. — Mas, pensando bem, acho que podemos usar algumas destas peças.

— Você não faria isso! — Dak protestou.

Eles ouviram passos e notaram Gamaliel se aproximando. Sera enfiou o telefone no bolso.

— Como vão vocês dois? Queria que pudessem ver a linda paisagem da floresta daqui, mas, infelizmente, está muito escuro. — Gamaliel sorriu. — Eu sei que vocês estão preocupados, mas fiquem tranquilos. Annapolis não fica muito longe daqui. O capitão Grunder disse que o tempo está ótimo. O vento está a nosso favor.

— E a nosso favor também — disse uma voz ameaçadora atrás deles. Gamaliel e os meninos se viraram. O rosto de dois Guardiões do Tempo reluzia na escuridão.

— Vocês têm uma dívida a pagar. Nossa amiga Mary vendeu um escravo hoje de manhã. Eu quero o dinheiro ou o escravo. Agora — o homem ordenou com um riso de deboche. — Caso contrário, vocês não viverão para voltar ao futuro, viajantes do tempo.

Perdidos e sozinhos

Parecia um pesadelo em câmera lenta. Riq viu tudo nos mínimos detalhes: John escorregando e caindo no barco, incapaz de se levantar; Kessiah com o bebê no colo, impossibilitada de agir; e o capitão do barco, nem um pouco disposto a sofrer as consequências por ajudar fugitivos. Riq correu até a beira d'água para ver se conseguiria lançar o menino com segurança para o barco, mas o vento encheu as velas, a embarcação ganhou velocidade rapidamente e não havia ninguém a bordo que pudesse apanhá-lo. Era arriscado demais — e se ele errasse e James caísse na água? A única coisa que Riq podia fazer era segurar o menino com força junto de si e se virar para encarar os três feitores que vinham em sua direção.

— Podem parar aí mesmo — Riq grunhiu, tentando parecer durão. — Estou aqui com um pelotão inteiro de Guardiões da História. Nós sabemos o que vocês da SQ estão tramando.

Os homens pareciam confusos.

— O que é SQ? — um deles perguntou. — É algum tipo de xingamento?

Riq não sabia se ficava aliviado ou decepcionado. Ele pensou que estivesse diante de três agentes da SQ, mas no fim era só um bando de panacas. Gritou para Kessiah:

— Nós nos encontramos lá!

Ele desejou com todas as forças que ela tivesse ouvido — e confiado nele. Se ela ousasse voltar para buscar o filho, seria capturada no ato.

Riq saiu correndo em zigue-zague no meio das conchas vazias, driblando seus perseguidores sempre que eles tentavam adivinhar que direção iria seguir. No fim, concluiu que sua melhor opção era se esconder na mata, e foi isso o que ele fez.

Era bem mais difícil correr carregando quase vinte quilos e sem ter se alimentado direito o dia todo, mas pelo menos a correria serviu para fazer com que o pequeno James esquecesse a cena traumática que havia testemunhado. Com a promessa de que se reencontraria com seus pais em breve, James estava começando a se divertir, caindo na risada toda vez que Riq mudava de direção.

— Você é meu cavalinho! — ele gritou, e Riq lamentou o fato de ter que silenciar o menino e interromper a brincadeira.

Ao entrar na mata, procurou a trilha que havia percorrido mais cedo, mas assim que viu o céu ele se lembrou da pista. Com os homens em seu encalço, ele adentrou ainda mais na

floresta, seguindo o Grande Carro na esperança de encontrar outro porto mais ao norte. Os três caçadores de escravos mercenários continuavam a perseguição, ansiosos por obter sua parte em um negócio que não chegara a se concretizar. Eles podiam até não ser da SQ, mas eram vilões da mesma forma.



Uma hora depois, Riq estava à beira da exaustão, James estava cansado de ser carregado e os feitores tinham ficado bem para trás. A energia de Riq estava chegando ao fim e, para seu desespero, o terreno por onde caminhava também. Ele alcançou um ponto onde a trilha se estreitava até terminar em um triângulo arredondado, cercado de água em dois lados e ameaçado pelos caçadores de escravos no terceiro. Quando a lua surgiu, com ela veio enfim a luz, e ele pôde ver onde tinha ido parar: no lado errado do rio Choptank, onde a correnteza desembocava na baía de Chesapeake. Suas únicas alternativas eram voltar para a mira dos caçadores de escravos ou tentar arrumar uma carona em algum barco que passasse por ali, sem saber ao certo em quem confiar — se é que era possível confiar em alguém.

Talvez porque a vida de outra pessoa estivesse em suas mãos, talvez por causa dos horrores vividos naquele dia, ou ainda por conta da dor constante em sua cabeça — aquela correria toda não estava ajudando em nada o nariz quebrado —, pela primeira vez Riq sentiu que ser um Guardiã da História custaria sua vida.

— Eu quero descer. Onde está a minha mãe? — James perguntou.

— Nós vamos encontrá-la em Baltimore.

— Onde fica *Baltomore*?

Riq olhou para a água.

— Ah, é lá do outro lado, subindo mais um pouquinho pela água — ele falou, abrindo um sorriso para acalmar o menino. — Nós só vamos descansar um pouquinho aqui.

Ele observou as embarcações que passavam de tempo em tempo: barcos a vapor, canoas de todos os tamanhos — algumas até com velas —, rebocadores, e embarcações usadas para pegar ostras, como aquela em que Kessiah e John estavam. Ele estreitou os olhos, procurando por eles, mas sabia que não estariam ali. Riq calculou que ele e James tinham percorrido alguns poucos quilômetros, o que pela água era uma distância irrisória.

— E agora? — ele murmurou. — Nós nos escondemos ou tentamos atrair a atenção de alguém?

Ele olhou ao redor da pequena clareira na beira da água. Havia uma árvore caída e mato esmagado, provavelmente por causa da tempestade de alguns dias antes... Mas lhe pareceu estranho que o capim alto tivesse sido derrubado só naquela parte.

Quando ouviu um barulho, Riq se esqueceu de todos os outros pensamentos. Eram uivos ao longe. Ele se lembrou do que Kissy falara sobre a caça aos fugitivos. Sobre a Lei dos Cães de Caça.

Cães de caça, ele pensou. *Estão usando cachorros para nos encontrar*. E fugir correndo de um cachorro era impossível.

Ele olhou ao redor, em pânico, e imaginou o que aconteceria se os homens chegassem à clareira. Eles não teriam para onde escapar. Riq examinou uma das árvores, imaginando se conseguiria subir para se esconder. Foi quando algo chamou sua atenção. Alguém, ou alguma coisa, já estava ocupando aquela árvore.

Navegando em águas calmas

Riq olhou mais uma vez para ter certeza de que não estava vendo apenas uma sombra.

— Tem alguém aí? — perguntou baixinho. — Fique aqui — ele disse para James, colocando-o no chão. Riq correu até a árvore e olhou para cima.

Nos galhos mais altos havia duas pessoas agachadas, segurando com força uma pequena canoa. O coração de Riq disparou. À distância, um cachorro latiu.

— Tem três caçadores de escravos atrás de nós — ele sussurrou. — Por favor... vocês podem nos ajudar?

Os dois jovens se entreolharam, mas não disseram nada.

— Por favor — Riq implorou. — Nós não temos para onde ir. Estamos cercados. Eu posso pagar... — ele olhou ao redor, se dando conta de que, apesar de ter cinco dólares na carteira, era uma nota com a imagem de George McClellan, que só seria presidente dali a muitos anos. — Dou meu casaco para vocês. Por favor.

Os dois conversaram baixinho por um instante, e um deles saltou ao chão. O outro equilibrou a canoa sobre um galho e começou a empurrá-la lentamente para que descesse. O que estava no chão se posicionou embaixo dela para pegar. Riq o ajudou a baixar a canoa com segurança.

— Obrigado — ele sussurrou.

O outro também desceu ao chão, e sem dizer uma palavra os três carregaram a canoa até a água.

— Vamos lá, James — Riq chamou.

Ele encheu os pulmões com o ar fresco e a esperança de que, no fim das contas, eles não estivessem perdidos, e dessa vez James e seu cobertor embarcaram com segurança. Não havia assentos, apenas tábuas, então Riq colocou o menino no chão da embarcação, ajudou a afastá-la da margem e os três saltaram para dentro.

Riq se posicionou na frente da canoa, perto de James, e pegou um remo. Ele ficou contente por não precisar guiar a embarcação, e também por usar os braços dessa vez, e não as pernas. A canoa abria caminho pelas águas. Em poucos minutos, o embalo tranquilo das remadas fez com que o pequeno James dormisse.

Quando teve certeza de que não havia ninguém por perto, Riq se virou bem devagar, para poder encarar os outros sem que a canoa virasse, invertendo o sentido das remadas para

continuar impulsionando a embarcação para a frente.

— Obrigado — ele disse baixinho para os dois, sabendo que sua voz ecoaria até eles. — Eu sou o Riq, ele é o James.

Riq baixou o remo e começou a tirar o casaco, conforme o prometido.

— Tudo bem. Pode ficar. Você vai precisar dele — disse o jovem sentado no meio. Sua voz era estranhamente aguda.

Riq ergueu uma das sobranceiras e o jovem tirou o chapéu, revelando que na verdade era uma garota.

— Meu nome é Anna. Este é Ben, meu marido — ela disse, se endireitando. — Viemos de Norfolk, mas tivemos que parar e procurar abrigo quando a tempestade chegou. Não dava para seguir em frente neste barquinho frágil. Ficamos presos aqui por dois dias. Quando o tempo virou hoje de manhã, esperamos a noite cair para seguir viagem. Estávamos prestes a partir de novo quando ouvimos vocês atravessando a mata como uma boiada em disparada.

Riq sorriu.

— Eu já estava morrendo de cansaço. Mais uma vez, obrigado pela carona. Eu não sei o que seria de nós. Para onde estão indo?

A mulher olhou para o marido e deu de ombros.

— Para o norte — ele disse. — Mas de canoa vamos até o porto com os casarões à beira d'água. Quando chegarmos lá, teremos de ir até o cais e deixá-la em uma escuna chamada *Chariot*... É assim que se escreve — Ben baixou o remo e remexeu no bolso. Ele pegou um bilhete amassado com o nome da embarcação. — O capitão levará a canoa de volta a Norfolk para os próximos que vierem. Ele é um bom sujeito.

— Com certeza — Riq concordou, muito impressionado.

— Nossos amigos desistiram da viagem por causa da tempestade, senão não teríamos lugar para vocês — Anna contou.

Riq assentiu.

— Nós tivemos muita sorte mesmo — ele disse.

— Mas ainda não chegamos lá — Ben advertiu.

Eles remaram em silêncio noite adentro, com a lua iluminando o caminho. Quando chegaram à margem esquerda da baía de Chesapeake, rumaram para o norte, seguindo a Estrela Polar, em direção a um grande porto onde construções de três e até quatro andares se espalhavam pela enseada.

A sequência ritmada das remadas fez com que a ansiedade de Riq se acalmasse. Ele olhou para James, encolhido a seus pés. *Pobre Kessiah*, pensou. *Deve estar muito preocupada com o filho*. Riq parou de remar, dobrou o casaco e colocou-o sobre o menino adormecido. Era um gesto que uma mãe ou um pai fariam — ou uma avó, no caso dele. Os pais de Riq nunca tiveram muito tempo para o filho.

Distraído, Riq passou a mão pelo cabelo do menino, sentindo seus dedos pinicarem com os fios recém-cortados. A orelha de James estava gelada, e Riq ajeitou o casaco para cobri-la. Ele se perguntou se veria Kessiah novamente. E se ele não a encontrasse, ou se algo mais grave acontecesse com ela...

— Nós vamos encontrar a sua mãe — Riq disse baixinho, e logo levantou a cabeça, envergonhado, mas o casal não tinha ouvido nada. Apenas continuavam remando.

Riq pôs o remo de volta na água, bombardeado por todo tipo de emoções que ameaçavam sufocá-lo. Afinal, ele era um Guardião da História acima de tudo, assim como seus pais. Nobre. Corajoso. Sempre, *sempre* lutando e se sacrificando pela causa. Era a única coisa que Riq sabia fazer. Estava em seu sangue! Era seu destino. No entanto, logo ali, encolhida a seus pés, havia uma criança indefesa cuja vida dependia de sua proteção.

Riq não sabia que tipo de perigos e desafios teria de enfrentar nos próximos dias para tentar corrigir aquela Fratura. De repente, porém, começou a sentir que isso não era tão importante assim. Porque havia um menino que precisava desesperadamente de sua ajuda. E do outro lado da baía havia uma mãe que estava contando com ele.

O objetivo de Riq tinha mudado. E apesar de não ter dúvida de que sacrificaria a si mesmo pelos Guardiões da História, ele também estava decidido a não arriscar a segurança daquele menino por nada no mundo.

Riq franziu a testa, olhando para a água, e se perguntou se seus pais algum dia já teriam sido obrigados a fazer a mesma escolha.



Estava quase amanhecendo quando eles chegaram a um cais exatamente como o descrito.

— O porto de Annapolis — Riq anunciou. — A capital.

Suas mãos estavam geladas e seu corpo todo doía. Eles navegaram pela marina à procura do *Chariot*, tomando a precaução de verificar se a costa não estava sendo vigiada. Quando localizaram a escuna, tudo parecia estar tranquilo, e eles se dirigiram ao cais. Riq saltou, pegou o casaco e tirou o menino adormecido da canoa. Ele o apertou contra si, cobrindo-o com o casaco. Ben e Anna também desceram, tiraram a embarcação da água e a deixaram ao lado da escuna.

Com apertos de mãos efusivos, eles se separaram, sabendo que se viajassem juntos despertariam muitas suspeitas. Todos esperavam que, em uma cidade maior, com uma população de negros libertos mais numerosa, eles chamariam menos atenção.

Quando Ben e Anna se viraram para ir embora, Riq os deteve depois de uma breve hesitação.

— Só mais uma coisa — ele falou. — Estamos tendo problemas com falsos aliados. Fui capturado por uma pessoa que fingia ser uma quacre — ele contou olhando para o chão, sem querer denunciar a si mesmo, mas determinado a proteger seus novos amigos. — Vocês ficarão mais seguros se não aceitarem abrigo na casa de um desconhecido.

— Obrigada — Anna disse, parecendo muito grata pelo aviso.

Ben abriu um sorriso.

— É uma coisa muito triste não sabermos em quem confiar. Mas fico feliz por termos confiado em você. Nosso sofrimento ficou um pouco mais leve esta noite.

— Eu sinto o mesmo, podem acreditar — Riq cerrou os lábios, deu um aceno firme com a

cabeça e agradeceu uma última vez antes de seguir com James pela margem do rio, deixando o casal à sombra do *Chariot*.

Riq temia que, caso não dormisse nem se alimentasse logo, poderia acabar desmaiando. Fazia mesmo menos de vinte e quatro horas desde que ele comera peixe com broa de milho na senzala da fazenda? Ele carregou o menino pela beira do rio Severn, passando pelas docas da Marinha, até uma via chamada King George, que passava por cima do rio em uma ponte. Uma placa trazia a melhor notícia da missão até agora: BALTIMORE: 40 QUILÔMETROS.

— Quarenta quilômetros — ele disse a si mesmo. No século XXI, isso demoraria meia hora. Naquela época, significava um dia inteiro de caminhada. — Assim não vai dar — Riq falou baixinho. — Precisamos chegar lá antes que aconteça alguma coisa com a sua mãe.

James ainda estava dormindo, por isso não respondeu.

Riq estremeceu de frio e chegou à conclusão de que a única maneira de se manter acordado era continuar andando. Ninguém ali parecia disposto a oferecer carona. Ele pensou em ir caminhando pela mata, mas a noite anterior já tinha sido suficiente — seu corpo estava todo arranhado por causa dos galhos. Seus pés estavam doloridos, e ele sentia as bolhas se formarem. Sair da estrada, só em caso de extrema necessidade. Talvez seu juízo estivesse afetado por causa da privação de sono e comida, mas ele estava no limite. Riq começou a correr, tentando ver as coisas pelo lado bom. Na pior das hipóteses, carregar um menino de quase vinte quilos por quilômetros e quilômetros fortaleceria bastante sua musculatura. Quando voltasse para casa, estaria em ótima forma...

Desde que, claro, ainda tivesse uma casa para onde voltar depois de tudo. Ele apoiou a cabeça de James no ombro e continuou a correr a caminho de Baltimore.



Depois de percorrerem uma curta distância, passaram por uma enorme diligência parada na frente de um edifício. Quando viu a lateral do compartimento de carga, a curiosidade de Riq se aguçou: CORREIO. Ele se deteve, saiu da estrada e se abrigou sob a sombra das árvores, de onde viu um homem empurrar um carrinho de mão com uma pilha de caixotes de madeira, os quais acondicionou na traseira da carruagem.

Quando o homem voltou ao edifício para devolver o carrinho, Riq o ouviu gritar para quem trabalhava lá dentro:

— Baltimore. Volto na hora do almoço. Deixem a próxima carga preparada — ele orientou.

O homem voltou para a carruagem e, assim que sumiu de vista, Riq resolveu agir. Ele se esgueirou até a traseira do veículo, pôs James para dentro e, quando os cavalos começaram a andar, subiu no compartimento de carga e se escondeu. Cinco minutos depois, já tinha caído no sono.

Passa-Anel

Os dois homens empurraram Gamaliel, derrubando-o no chão da cabine. Dak viu Sera pôr a mão na cintura para proteger o Anel do Infinito. Ambos recuaram alguns passos, mas não havia para onde fugir, e logo ficou claro que os homens não estavam atrás de Gamaliel, e sim deles dois.

— Viajantes do tempo? Do que vocês estão falando? E nós não devemos um centavo a vocês! — Dak disse, tentando parecer inocente enquanto olhava para o que parecia ser um sabre da década de 1840, cuja ponta estava a poucos centímetros de seu nariz. Será que era errado querer examinar aquela arma mais de perto? Porque se fosse, Dak preferia não estar certo.

— O que você está escondendo na cintura, mocinha? Hake, segure a garota e dê uma olhada nisso aí.

— Pode deixar, Stuckey.

— Não toquem neles — Gamaliel grunhiu.

— Melhor calar a boca dele primeiro — Stuckey ordenou.

Hake obedeceu com gosto: jogou Gamaliel contra a parede, enfiou um lenço em sua boca, virou-o de costas e passou uma corda em torno dos pulsos dele.

— Tem bastante corda por aqui — Dak murmurou. — Dá para fazer um monte de cadarços com elas. Cadarços para muitas *botas*.

Sera franziu a testa e olhou para os pés.

— Ah, é mesmo. Pelo menos um par, dois, ou até... *três*! — ela gritou.

Dak e Sera desferiram chutes ao mesmo tempo: ele na mão de Stuckey, fazendo com que o braço do homem se erguesse e o sabre fosse cravado no teto, e Sera mais acima, no peito do grandalhão. Ele caiu aos tropeções sobre Hake, cuja cabeça se chocou com força contra a parede. Sera passou embaixo das pernas dele e fugiu porta afora, enquanto Dak agarrava o cabo do sabre e o arrancava do teto. Ele contornou a perna esticada de Stuckey e, ao passar, golpeou a coxa do Guardião do Tempo com a empunhadura.

Dak e Sera saíram correndo da cabine e gritaram para a tripulação do cúter:

— Tem dois homens atrás de nós! Eles prenderam o dr. Bailey como refém lá na cabine! — Dak alertou, jogando o sabre para um dos marinheiros, que o tomou de bom grado e saiu

correndo em direção à popa.

Naquele exato momento, Stuckey saiu furioso da cabine. Sera deu um grito e fugiu para a popa, mas não podia fazer nada além de correr pelo convés. Dak quis derrubar o Guardiã do Tempo, mas era o mesmo que tentar demolir uma das pilastras da Casa Branca com um empurrão. Com a mesma força com que desferiu o golpe ele foi jogado para trás, caindo sem fôlego no chão de madeira.

Stuckey correu atrás de Sera, que tropeçou na barra do vestido e caiu no convés, soltando um grito abafado. Ela se pôs de pé às pressas, com as palmas das mãos e os joelhos latejando de dor, mas antes que pudesse ganhar velocidade outra vez, Stuckey a alcançou e puxou seu xale, expondo a bolsa com o Anel do Infinito em sua cintura. O homem agarrou Sera pelo ombro, virou-a e arrancou o dispositivo de seu cinto.

— Me dá isso aqui! — ela gritou no ouvido do grandalhão o mais alto que pôde, saltando sobre ele para retomar o Anel, cravando as unhas em seu pescoço. Ela arrancou o aparelho das mãos dele e lhe deu um soco no olho. Ele cambaleou para trás, ainda sem entender com quem estava lidando.

— Dak! Segura! — Sera berrou e jogou o Anel para o amigo, que o apanhou e correu para o outro lado.

Stuckey saiu em disparada pelo convés na direção oposta, ficando cara a cara com Dak. Ele avançou sobre o garoto, atingindo-o na barriga com a cabeça. Com os olhos arregalados e quase sem fôlego, Dak lançou o Anel de volta para Sera ao cair no chão de madeira com um baque surdo, mas o arremesso foi alto demais. Mesmo pulando, Sera não pôde evitar que o dispositivo passasse sobre sua cabeça e caísse na água.

Sem pensar duas vezes, Sera correu e saltou, mergulhando na água gelada para recuperá-lo.

Garota ao mar

— Homem ao mar! — gritou um dos marinheiros na popa do navio. Ele imediatamente largou o sabre entregue por Dak e pegou uma boia amarrada a uma corda, arremessando na água com toda a força. Em questão de segundos, a notícia se espalhou pela embarcação e a tripulação se mobilizou.

— Sera! — Dak chamou. A água estava gelada. Ela corria o risco de morrer. Ele se virou para Stuckey e berrou: — Eu odeio você!

Dak olhou para o sabre caído, apanhou-o e saiu correndo na direção do homem, brandindo a arma.

— Cuidado, garoto! — Stuckey disse, se esquivando da lâmina. — Foi você que jogou aquela coisa na água. Se ela se afogar, a culpa é sua, não minha.

Infelizmente para Dak, era verdade. Com um grito enlouquecido, o garoto ergueu o sabre e avançou com a arma em punho para cravá-la no coração de Stuckey, que saiu do caminho às pressas mas deu de cara com três marinheiros tão fortes quanto ele, alarmados pela comoção a bordo. Eles não demoraram mais do que cinco segundos para imobilizar Stuckey, e um deles segurou Dak pela cintura e o levantou do chão.

— Vamos manter todo mundo inteiro por enquanto, e nos concentrar em salvar sua amiga — disse o marujo. — Mais tarde nós cuidamos dele.

O garoto esperneou um pouco, mas logo caiu em si. Dak entregou o sabre para o marinheiro, soltando um suspiro trêmulo.

— Sera! — ele berrou. — Sera! — repetiu, apesar de estar quase perdendo a voz.

Quando o marujo que jogara a boia observou a escuridão e tirou o bote salva-vidas do suporte, os outros tripulantes imediatamente lançaram a âncora para que o barco parasse. O marujo soltou o bote de madeira na água e, com habilidade, subiu a bordo da pequena embarcação e começou a remar.

— Nenhum sinal — ele gritou para a tripulação no cúter.

— Sera! — Dak berrou para a noite escura. Ele, que já tinha perdido os pais, estava vendo seu segundo maior pesadelo se tornar realidade.

Sera não tirou os olhos do Anel do Infinito nem por um instante. Sentiu a água gelada atingir primeiro o rosto e as mãos e, conforme suas roupas ficavam encharcadas, teve que lutar contra a vontade de respirar fundo, pois o choque térmico quase a induzira a aspirar um monte de água. Contudo, ela tinha conhecimentos suficientes para entender os efeitos que isso produziria sobre seu corpo, nadava bem o bastante para saber como recuperar o dispositivo e, acima de tudo, sabia que uma invenção tão importante jamais poderia ser perdida daquela maneira. Ela calculou que, em questão de meio segundo, o Anel desapareceria de vista, e estava disposta a arriscar a vida durante aquele meio segundo. Sem pensar duas vezes. Ponto final.

Seus olhos arderam por causa do frio e da água salgada à medida que ela mergulhava atrás do dispositivo. Ela sabia como um objeto em formato de oito com o peso e a densidade do Anel reagiria ao cair na água salgada a quase zero grau. E sabia também que seu peso e seu impulso permitiriam que ela se deslocasse muito mais rápido pela água. Tudo o que ela precisava fazer era não perdê-lo de vista.

Mas estava bem escuro ali. Uma porção de coisas passava pela sua cabeça, e a primeira delas foi o arrependimento por um descuido primário — que, aliás, não se tratava de arremessar o Anel do Infinito de um lado para o outro em um barco, apesar de isso definitivamente não ser uma boa ideia. O dispositivo já tinha caído na água antes, sem prejuízo nenhum. O problema foi ela não ter pensado em criar um revestimento fosforoso para o aparelho, para que ele brilhasse no escuro. E também deveria ter criado alguma espécie de invólucro com propriedades flutuantes. Mas onde conseguir isopor em 1492, ou 1792, ou 885 ou até mesmo no século XIX? Sem chance.

Quando o dispositivo afundou para longe de seu alcance e o mundo mergulhou na escuridão, Sera se deu conta da única coisa para a qual o celular de Dak serviria naquele momento. Ela enfiou a mão no bolso e o sacou de seu vestido ensopado. *Para tudo na vida existe um aplicativo*, ela pensou, contente e satisfeita, antes de bater na tela e vê-la brilhar, iluminando mais de um metro diante de si.

E lá estava ele. O Anel do Infinito.

Seus pulmões ardiam e seu cérebro dizia a ela para subir, e não descer. Sera, porém, ignorou esses alertas: segurou o telefone com uma das mãos e usou a outra para descer ainda mais. Nada mais importava, nem a água congelante, nem as algas nojentas, nem o peixe gosmento passando logo ao lado. Ela ignorou tudo aquilo. Por fim, com os ouvidos latejando e os pulmões quase explodindo dentro do peito, ela alcançou o Anel. Envolvendo o dispositivo com os dedos trêmulos e dormentes, ela se virou embaixo d'água e impulsionou o corpo na direção oposta, para a lua, torcendo para chegar à superfície antes que desmaiasse.



Ela conseguiu. Quando pensou que não fosse aguentar mais, percebeu que estava quase lá, o que lhe deu uma energia extra para continuar lutando. Seu corpo inteiro sofria com o frio, que provocava uma dor aguda e quase insuportável. Sera soltou o ar com força ao irromper na

superfície, liberando a pressão dos pulmões, inspirando e expirando repetidas vezes, e então se deixou flutuar sobre a água, com o peito ofegante. Suas roupas de quacre a puxavam para baixo — inclusive as botas, que pareciam feitas de cimento.

Quando recuperou o fôlego, olhou ao redor para ver se havia alguém por perto para ajudá-la, ou se acabaria morrendo congelada depois de tanto esforço. Sua mente estava confusa com tanta dor causada pela água gelada. O celular, já sem utilidade, apagado e arruinado, escorregou de sua mão e afundou. Ela tentou enfiar os dedos trêmulos nos círculos do Anel do Infinito para prendê-lo no pulso. Assim, se ela morresse afogada e seu corpo fosse levado pelo mar até a praia, pelo menos o dispositivo estaria lá para Dak poder voltar para casa.

Sera olhou ao redor mais uma vez, ciente de que precisava manter as pernas em movimento caso quisesse permanecer à tona por mais tempo. Ela viu o cúter à distância e, quando pôs a cabeça para fora d'água, ouviu a gritaria dos homens a bordo. *Isso é bom*, ela pensou consigo mesma, batendo os dentes. *Isso é bom. Eles devem saber que estou aqui.* Ela começou a bater as pernas de um jeito desajeitado, mas era o melhor que podia fazer. Foi quando sentiu algo roçando em seu pescoço.

— Que nojo! — murmurou, certa de que se tratava de uma cobra-d'água, uma enguia, ou coisa do tipo. A sensação lhe causou uma injeção de adrenalina e, quando a cobra parou de se debater, ela a agarrou com os dedos enrijecidos e a levantou, valendo-se de todas as forças. Era uma corda.

— Isso mesmo — disse uma voz amigável que ela nunca tinha ouvido antes. — Tente enfiar o braço no meio, Sera. Está me ouvindo?

Sera pensou que a voz estivesse falando do Anel do Infinito. Ela concordou com a cabeça, batendo o nariz na água.

— Já fiz isso — ela respondeu, tocando o Anel com a mão amortecida. Apesar de se esforçar para se manter à tona, as ondas atingiam seu rosto a todo momento.

— Sera! — a voz parecia mais nítida. — Ponha o braço na boia. Agora!

Sera estremeceu e abriu os olhos. Ela enxergou a boia salva-vidas com o canto do olho e enfiou o braço quase sem vida pela abertura.

— Isso mesmo — a voz a encorajou. — Já estou quase chegando. Vou tirar você daí. Aconteça o que acontecer, não largue a boia. Certo?

— Certo — ela murmurou. Sera sentiu seu corpo se mover na água e, pouco tempo depois, as mãos do dono da voz estavam se estendendo para ela, enfiando-se sob seus braços e tirando-a do mar gelado para o ar ainda mais gelado da noite. Mas pelo menos ali ela conseguia respirar.

— Tente se manter acordada — a voz disse.



Dak tinha matado sua melhor amiga. Não fora um assassinato a sangue-frio nem nada do tipo, e sim um desleixo que acabou em homicídio culposo. Responsabilidade secundária, ou terciária, ou quaternária... Ele percebeu que não entendia muito do vocabulário jurídico. O

garoto enterrou o rosto entre as mãos, sentindo-se mais infeliz e desamparado do que nunca. Ele desabou no convés, abraçou os joelhos e apoiou a testa nas pernas. Sua vida estava acabada.

Ele nem se importava mais com o tal Anel do Infinito. Não fazia diferença que estivesse preso ali... Ele e seu *cof* melhor amigo, Riq, que por causa da cor de sua pele era considerado um escravo naquela parte do mundo. Que belo destino a vida tinha reservado a eles.

— A gente vai ter que se mudar para o Canadá — ele murmurou. Ou para Londres, ou para outro lugar onde tratassem melhor as pessoas. Mas, depois disso, Dak não se importaria com mais nada. Sem Sera, nada mais fazia sentido. Ela era a única pessoa que o entendia, e ele tinha sido o responsável por sua morte.

A cada segundo que passava, a cada minuto, aquela verdade se tornava mais evidente. Os marujos corriam de um lado para o outro ao seu redor, mas Dak nem prestava atenção. Ele só sabia que levava no bolso um SQuare que agora não servia para nada, que podia até ser entregue para os Guardiões do Tempo da SQ. A pessoa que havia descoberto a viagem no tempo estava levando esse segredo para seu descanso eterno no leito do mar.

— Vamos puxá-los para cima — gritou um marinheiro. — Ela está com ele no bote. Vamos, vamos!

Dak ergueu a cabeça.

— E-ela está com ele?

O marujo olhou para Dak.

— Sim.

Ele não parecia muito animado.

— Ela está...? — Dak não conseguiu concluir a pergunta.

— Não sei, garoto.

Ele se inclinou sobre a balaustrada, prendeu uma corda no bote e estendeu os braços para baixo.

— Muito cuidado agora — ele disse para outro marujo enquanto Sera, com os olhos fechados e o corpo encharcado, era trazida de volta para o barco e deitada no chão.

A madrugada

Sera abriu os olhos e deu de cara com Dak debruçado sobre ela. Ela nunca tinha sentido tanto frio, e não conseguia parar de tremer.

— Ei, em boca fechada não entra mosca! Dá pra se afastar um pouco, por favor? Quando foi a última vez que você escovou os dentes? O seu bafô está igual ao da Vígi.

Dak olhou para os marujos e o capitão Grunder, que observavam tudo em silêncio.

— Sim, ela está bem — ele decretou.

A tripulação aplaudiu quando Sera se sentou e depois, toda trêmula, ficou de pé. Alguém lhe jogou um cobertor, e Dak a envolveu nele e a abraçou para que não caísse.

— De volta ao trabalho, homens! — ordenou o capitão. Ele olhou para Sera. — Nós não temos, hã, uma troca de roupa adequada para vossa mercê — ele anunciou e corou. — Mas posso providenciar algo enquanto as suas secam.

— Qualquer coisa serve, desde que não seja um vestido — Sera respondeu, batendo os dentes.

— Não, não é um vestido — ele garantiu, entregando-lhe uma trouxa de roupas. — Volte para a cabine para se trocar com privacidade. A tripulação está dando um jeito nos clandestinos e cuidando do dr. Bailey. O fogão a lenha estará aceso para vossa mercê — disse o gentil capitão, corando de novo. — Em breve chegaremos ao porto.

Sera se apoiou em Dak e eles seguiram às pressas para a cabine, cruzando com Hake no caminho, imobilizado por dois marinheiros. Sera olhou feio ao passar por ele. Gamaliel estava saindo da cabine, com uma bandagem na cabeça, mas sem qualquer outro sinal de que sua integridade física estivesse comprometida.

— Sera! Que alívio saber que você está bem. Sinto muito por não ter ajudado. Estou me sentindo muito mal por isso.

— Não se preocupe. Está tudo bem.

— E o... o dispositivo?

Sera arregaçou a manga do vestido e mostrou a ele.

— Com um pouco de sorte conseguirei tirá-lo do pulso.

Dak soltou um suspiro de alívio. Ele ainda não tinha ousado perguntar sobre o Anel.

Gamaliel e Dak saíram da cabine para que Sera se trocasse sozinha. Ela deixou as botas ao

lado do fogão, vestiu a calça e a camisa que o capitão lhe dera e usou uma corda para ajustar as roupas folgadas ao corpo. Calçou também as incômodas meias de lã e jogou seu xale, que ainda estava seco, por cima da camisa antes de correr para perto do fogão.

— Pode entrar — gritou.

Com muito cuidado ela tirou o Anel do Infinito do pulso e, aliviada, o escondeu sob a camisa.

Dak olhou para ela e caiu na gargalhada.

— Você está engraçada — ele comentou. — Ai.

O garoto levou a mão à barriga, no lugar onde tinha sido atingido pelo Guardiã do Tempo.

— Dak...

— Não, espera... Você não vai acreditar — ele disse. — Você não se deu conta de que está usando, rufem os tambores, *as calças do capitão*? Lembra? Que nem naquele livro da terceira série? Você não lembra?

Sera olhou para ele com a cara fechada.

— Não.

— Era aquele sobre dois caras que fazem um super-herói...

— Pelo amor, será que eu preciso morrer para ter um pouco de paz? — Sera protestou.

Dak abafou a risada e tentou ficar quieto, mas seu esforço não durou muito tempo.

— Desculpa — ele falou, deixando escapar mais um risinho. — As calças do capitão. Isso é demais.

Ele teve que sair da cabine. E depressa.

Sera ficou observando a fonte de calor. Seu queixo ainda estava tremendo e continuaria assim por um bom tempo, mas isso não era ruim. Pior seria se ela ficasse com tanto frio a ponto de seus dentes pararem de bater. Ela sabia que ficaria bem. No entanto, o fato de quase ter perdido o Anel fez com que ela parasse para pensar em algumas coisas. Ela podia afixar o dispositivo ao próprio corpo. Não, seria estranho demais, considerando todas as pessoas acorrentadas que ela tinha visto nos últimos dias. Ainda precisaria usar a bolsa presa à cintura — por mais ensopada que estivesse.



Alguns minutos depois, Sera ouviu uma batida na porta.

— Já parou de rir? — ela gritou.

A porta se abriu. Era o marujo do bote — o homem que a tinha salvado. Seus olhos castanhos brilharam quando a viram sentada, com o rosto corado de novo — ou ao menos com a cor certa, já que seus lábios não estavam mais roxos. Ele ficou ali parado por um momento, com o chapéu na mão, e depois tirou alguma coisa do bolso.

— Eu vim trazer isto — ele anunciou. — Encontrei no convés. Sinto muito por estar quebrada.

Era a corrente de ouro que Bill tinha dado a ela no ano 911. Sera se assustou.

— Eu nem sabia que tinha perdido! — Ela se levantou e lançou os braços em torno da

cintura do homem, abraçando-o. — Obrigada! Isso é muito valioso para mim — Sera disse e olhou para o rosto dele, muitos tons mais escuro que o dela. — Obrigada por me salvar.

— Por nada — ele respondeu. — Esse é o meu trabalho. E agora que estamos quase no porto de Annapolis é melhor eu voltar para o meu posto, antes que o capitão arranque a minha pele.

Sera franziu a testa.

— Ele faria isso?

O homem inclinou a cabeça e sorriu.

— Não, senhorita... É só modo de dizer.

— Perdão por perguntar, mas... vocês são todos livres? — ela quis saber, torcendo para não parecer indelicada, mas bastante curiosa em relação ao homem cuja calça estava vestindo. Era preciso saber se não se tratava de um escravista.

— Somos todos livres, sim, senhorita. Temos os papéis para provar isso — ele esclareceu e enfiou a mão no bolso.

— Ah! Não... Não precisa mostrar nada — ela recusou com um aceno de mão. — Eu só queria saber que tipo de sujeito é o capitão Grunder.

O marujo sorriu e seguiu para a porta.

— Ele é uma boa pessoa.

Piscando para ela mais uma vez, ele abriu a porta e saiu.

— E o senhor também — Sera disse para a porta fechada, segurando uma corrente de ouro que na semana anterior era novinha em folha, mas àquela altura já tinha quase mil anos de idade.

Bom dia, Baltimore!

Por sorte, James acordou quando a carruagem do correio parou. Ele sacudiu Riq.

— Estou com muita fome — o garoto gemeu, passando a mão na barriga.

Riq, esquecendo não só do lugar mas também do ano em que estava, demorou um instante para se situar. Ele percebeu que não estavam mais em movimento e se sentou, balançando a cabeça, confuso.

— Certo, amiguinho — ele falou. — Silêncio. Vamos encontrar o que comer. Mas não podemos fazer barulho.

— Eu não quero fazer silêncio. Cadê a minha mãe?

— Nós já vamos encontrá-la — Riq respondeu antes de saltar do compartimento de carga da carruagem. — Vamos.

James parou de resmungar e o seguiu.

— Venha atrás de mim — Riq pediu. Ele saiu da estrada e começou a subir morro acima como se soubesse o que estava fazendo, apesar de estar totalmente perdido.

Um frango que ciscava por perto piou na beira da estrada. Riq olhou ao redor e depois avançou. O animal saltou para escapar. Riq tentou de novo, e dessa vez conseguiu apanhá-lo e colocá-lo debaixo do braço, fingindo que ia fazer uma entrega. O frango bateu as asas e piou em protesto, mas logo sossegou. Riq o carregava como se fosse uma bola, com o coração disparado. Várias pessoas circulavam por ali, brancos e negros, de charrete e a pé.

— Você ainda está aí atrás? — ele perguntou sem tirar os olhos da estrada, sempre atento para a presença de alguém que pudesse representar perigo.

— Sim, senhor — James disse. Ele chutou uma pedra que acertou a perna de Riq.

— Muito bem — Riq elogiou. — Você está se saindo muito bem, amiguinho. Só não chute mais pedras, combinado?

Ele desejou que o frango botasse um ovo, para que ele pudesse comer. Seu estômago estava se revirando de fome.

Quando chegaram a uma travessa secundária, Riq viu um menino negro mais ou menos de sua idade.

— Onde fica Federal Hill? — perguntou sem erguer muito a voz.

O garoto o encarou.

— É aqui mesmo — ele respondeu.

— E o mirante fica...?

O garoto apontou para o alto do morro.

Riq esquadrinhou o horizonte e encontrou o local para onde deveria ir. Seu coração disparou.

— Tome aqui, um frango para você — ele disse, entregando o animal para o garoto, que se mostrou surpreso. Depois disso, estendeu a mão para trás e olhou para seu companheiro de viagem, abrindo um sorriso. — Vem, James. Vamos lá encontrar sua mãe.

James pegou a mão de Riq e eles subiram correndo os últimos metros que faltavam até o alto do morro. Quando se aproximaram do mirante, James soltou a mão de Riq e saiu em disparada à sua frente.



Caso houvesse uma guerra, Gamaliel Bailey, Dak e Sera certamente seriam vistos como soldados feridos voltando para casa. Gamaliel, com a cabeça enfaixada, estava sentado entre os dois adolescentes: uma vestida como um marujo, carregando uma roupa de quacre ensopada, e o outro encolhido depois de ser atingido na barriga por um capanga violento. Era uma visão curiosa.

Depois de se despedirem da tripulação do cúter, Gamaliel os conduziu até o estábulo onde o cavalo e a charrete estavam à espera. Eles subiram e, com um comando emitido em voz baixa, puseram-se a caminho de Baltimore.

Depois de um tempo, Gamaliel deu um cutucão em Dak.

— Estamos quase lá — anunciou.

Quando a charrete começou a subir o morro, o sol fraco de dezembro brilhava entre as nuvens, e o ar já não estava tão frio como antes. Sera soltou e depois enrolou de novo a barra da calça, enfiando-a dentro das botas para não tropeçar quando desembarcasse do veículo. Ela apertou o xale em torno dos ombros, mesmo sabendo que seu visual não estava dos melhores. Não importava. Na verdade, ela não pensava em nada do que estava acontecendo ao seu redor naquele momento. Estava preocupada com Riq, torcendo para que nada de ruim tivesse acontecido com ele. Parecia o tipo de situação que tinha tudo para dar errado.

Gamaliel parou a charrete, esperou que todos descessem e amarrou as rédeas em um poste. Sera olhou para Dak, que olhou para ela, e ambos cruzaram os dedos. Deixando Gammy para trás, eles subiram correndo até o mirante. Sera sentia seu estômago se contorcer a cada passo.

Quando se aproximaram do ponto de encontro, Sera deu um grito.

— Riq!

Ela disparou na frente de Dak e partiu para cima do amigo, jogando-o no chão.

— Cuidado com o meu nariz! — ele disse. Riq olhou para ela e começou a rir. — Não quero nem saber o que aconteceu com você.

Quando Dak se juntou a eles, Riq abriu um sorriso para os dois — um dos sorrisos mais sinceros que já tinham visto em seu rosto. Ele abraçou os amigos.

— Vocês nem imaginam como estou feliz agora — Riq disse, mas seu sorriso logo se desfez.
— Agora só precisamos encontrar Kessiah e John.

O trabalho está só começando

Quando todos se juntaram em Federal Hill, Sera apresentou Gamaliel a Riq, que parecia distraído demais até para apertar a mão do homem. *Onde estão eles?* era o que passava pela sua cabeça.

Ele deu uma olhada na baía mais abaixo, procurando algum sinal de Kessiah ou John. Perdido em seus pensamentos, relatou aos outros o que acontecera e explicou por que estava viajando sozinho com James.

Nesse meio-tempo, Gamaliel saiu para arranjar café da manhã para todos. Quando voltou com a comida, assumiu o posto de guarda, para alertar sobre a presença de agentes da SQ ou caçadores de escravos. Depois de um tempo, falou:

— Acho melhor procurarmos um lugar mais seguro para esperar.

Riq franziu a testa, observando cada um que passava por ali. Ele sabia que o Guardião da História estava certo — um lugar tão público não era o mais adequado para ele e James. Por outro lado, ele sentia que não podia voltar atrás no que havia prometido a Kessiah. Não dava para assumir o risco de se desencontrarem.

— Não — Riq respondeu, resoluto. — Eu prometi a ela que estaria aqui. Não podemos ir embora antes de eles chegarem.

No fundo, porém, sua confiança estava abalada. Ele conseguia pensar facilmente em pelo menos duas coisas que poderiam tê-la desviado do caminho. Riq olhou para James, que recolhia galhos e folhas caídas das árvores para construir um pequeno forte. O garoto se abaixou e limpou a sujeira do rosto do menino. *O que foi que eu fiz?*

Dak foi brincar com James enquanto Sera se juntou a Riq na busca por Kessiah e John. Riq não conseguia parar quieto. E se alguma coisa tivesse acontecido com eles? O que ele faria com James caso eles não aparecessem?

Riq sentiu a mão de Sera em seu braço, e parou de andar de um lado para outro.

— Tenho *certeza* de que eles vão aparecer — ela falou.

Ele sacudiu a cabeça e olhou para a amiga, sentindo o nariz latejar e o corpo inteiro se exaurir.

— Eu só estou... Estou com medo de ter cometido um grande erro. E não sei... o que... fazer... — Ele engoliu em seco e massageou as têmporas, tentando esconder os olhos

marejados. — Eu não devia ter insistido em ir com eles. Se tivesse ido com vocês e o Guardião da História...

— James teria ficado sozinho e seria capturado pelos caçadores de escravos. Ele nunca mais veria os pais — Sera concluiu e cruzou os braços. — Era isso que você queria? Não ter que cuidar dele? Porque a missão de um Guardião da História é mais importante do que qualquer coisa? — ela questionou, os olhos faiscando.

— Não! — Riq sentiu o rosto ficar quente. — Não é nada disso. Eu só não sei o que fazer agora. Acho que estraguei tudo.

— Pois eu acho que você fez a escolha certa. Não estou preocupada — ela garantiu, com um tom de voz bem sério. — Os pais sempre dão um jeito de encontrar os filhos. Mesmo quando isso parece impossível. Tenho certeza.

Ela desviou o olhar e começou a piscar depressa.

Riq ficou em silêncio. Ele pensou nos pais de Dak vagando pelo tempo, dando a chave a ele antes de desaparecerem, tentando apoiar o filho mesmo quando não podiam fazer nada para ajudar a si mesmos. E pensou também em Sera, cujas Reminiscências a haviam convencido de que tinha um vínculo com os pais que nunca conheceu. E por fim pensou em seus próprios pais. Por um momento, ficou remexendo a terra com o sapato.

— É — ele replicou. — Talvez.

— Ela vai aparecer — Sera repetiu. — E se ela não vier, podemos perder nossas esperanças sobre o futuro.

Você nem imagina o quanto tem razão, pensou Riq.



Pouco depois, uma mulher de olhar tímido e pele escura apareceu. Ela olhou para James, depois para Riq.

— Pois não? — Riq disse. Ele sentiu um fio de esperança. Talvez aquela mulher conhecesse Kessiah.

— Estou procurando o Riq.

— Sou eu.

Ela apontou para o menino.

— Esse é o James?

— Talvez. Por quê?

— Kessiah me mandou aqui para dar um recado — a mulher informou.

Riq arregalou os olhos.

— E qual é?

— Ela encontrou a tia Harriet e quer que você vá encontrá-la em Wilmington. Ela mandou uma carroça para buscá-lo. Venha comigo. Levo você até lá.

— Ela está bem? — Sera perguntou. — Está tudo bem?

— Ela está bem — a mulher garantiu. — Disse que não precisavam se preocupar. É só vir comigo.

— Em que lugar de Wilmington? — Dak perguntou, estreitando os olhos.

A mulher deu a resposta sem piscar, como se estivesse esperando pela pergunta:

— Na casa do amigo quacre da tia Harriet, Thomas Garrett.

Gamaliel pigarreou de propósito, chamando a atenção de Riq. Ele estava com a testa franzida, inquieto. Os dois trocaram um olhar antes de Riq se voltar de novo para a mulher.

— Foi *Kessiah* que disse isso?

— Sim.

— E ela está com a *tia Harriet*?

— Sim — ela respondeu, bufando. — Agora, por favor, venham comigo.

— Será um prazer — Gamaliel disse.

A mulher sacudiu a cabeça.

— Só os dois, James e Riq... Não posso levar ninguém além dos dois — ela advertiu, encarando Sera e Dak e lançando um olhar desconfiado para Gamaliel.

— Ah, mas nós somos da família — Dak falou. — A tia Harriet não vai se importar.

A mulher pareceu confusa.

— Não sei se eles estão preparados para receber tanta gente... para jantar.

— Nós não comemos quase nada — Sera argumentou.

A mulher se deu por vencida. Ela se virou para começar a descer o morro, olhando para trás para ver se o grupo a seguia.

Riq teve uma ideia. Ele deixou James com Gamaliel, que foi caminhando junto com a mulher, e ficou um pouco para trás com Dak e Sera. Em um tom de voz bem baixo, começou a falar na língua tlingit. Imediatamente os dispositivos de tradução instalados nos ouvidos de Dak e Sera, que até então não tinham sido usados naquela viagem, começaram a funcionar.

— Tem alguma coisa errada, pessoal. A tia da *Kessiah* se chama *Minty*, não *Harriet*. E eu duvido muito que ela tenha decidido ir para Wilmington sem o James.

— Você acha que ela está em perigo? — Dak perguntou. O dispositivo instalado em um de seus dentes fazia a tradução para a língua tlingit.

Riq assentiu.

— Alguém deve ter capturado *Kessiah* e John, e descoberto que estavam vindo para cá. Agora estão atrás de James e de mim, para vender a gente de novo.

— Mas eles não contavam com a nossa presença — Sera falou.

— Exatamente — Riq disse. — Vamos fingir que acreditamos na história dela e, ao chegar lá, acabamos com a brincadeira deles. Se tivermos sorte, conseguimos capturar um agente da SQ e descobrir qual é a verdadeira intenção deles. Pode ser o primeiro passo para pôr a Ferrovia Subterrânea de volta nos trilhos antes que ela desapareça de vez.

— Ótimo plano — Sera disse.

— Ótimo mesmo — Dak concordou.

Os três sorriram, felizes por estarem novamente juntos.

Sempre em frente

A viagem até Wilmington demoraria quase um dia inteiro. No caminho, James desenvolveu uma afeição imediata por sua nova acompanhante e começou a falar com ela sem parar, aproveitando-se do fato de que não precisava mais ficar em silêncio. Nesse meio-tempo, Sera, Dak e Riq se ajeitaram em um canto da carroça para continuar a conversa às escondidas no idioma tlingit.

— Eu falei com o Gammy. Ele disse que Thomas Garrett realmente mora em Wilmington. Ele é um quacre de verdade — Sera informou.

— Ele conhece pessoalmente o sr. Garrett? — Dak perguntou.

— Conhece.

— Beleza. Então a gente logo vai saber se for um impostor. Eu não ia gostar nem um pouco de atacar o cara errado.

— E o verdadeiro sr. Garrett parece ser um cara muito legal — Sera continuou, com um sorriso. — Ele tem uma casa enorme e vive sendo perseguido por esconder escravos por lá. Quando foi julgado por isso no tribunal, ele disse algo do tipo “podem me pôr na cadeia e arrancar todo o meu dinheiro, mas vou continuar ajudando quem precisa”. Ele teve que pagar uma fortuna em multas, mas mesmo assim continua na ativa! Ou pelo menos continuava — Sera assumiu um ar grave. — Ele é um dos Guardiões da História com quem ninguém consegue entrar em contato há dias.

— Isso já não é tão legal — Riq comentou.

— Mas sabe o que é muito, muito legal? — Sera disse. — Que você tenha encontrado sua família, Riq, e que possa passar um tempo com eles. — Ela baixou os olhos. — Acho que estou com um pouco de inveja.

Riq abriu um sorriso e soltou um suspiro.

— Mas não precisa ficar.

Ele sentiu um tremendo aperto no coração e, por um breve instante, pensou em compartilhar suas aflições com seus amigos. Mas hesitou e, quando a vontade passou, achou que foi melhor assim. Riq não queria ninguém tentando convencê-lo a desistir de fazer a coisa certa.

Ele se deitou e fechou os olhos, pois não estava disposto a falar mais nada.

— Precisamos aproveitar o pouco tempo livre que temos para descansar.



Quando chegaram, já tinha anoitecido. Os viajantes do tempo desceram da carroça e James saiu correndo, aliviado por se livrar do confinamento e dos espaços apertados dos dias anteriores. Riq ficou impressionado com a energia do menino.

Por fim, todos se dirigiram à imponente casa de Thomas Garrett. Quando bateram na porta, foram recebidos por uma mulher alta e pálida. Seus cabelos eram de um ruivo intenso, e seus lábios estavam pretos como petróleo.

Riq respirou fundo.

— Bem-vindos — ela falou, nem um pouco acolhedora. — Meu nome é Ilsa. — Sua voz era mais gélida que a baía de Chesapeake.

Ela os convidou a entrar e dispensou a mulher que os trouxera de Federal Hill. Naquele momento, Riq falou baixinho com Sera e Dak e, como já tinham abusado um pouco do tlingit, a conversa foi em russo.

— Ela é a cara da Tilda... a Dama de Vermelho.

— Aquela que quer tomar o poder na SQ? — Sera perguntou. — Mas como foi que ela chegou aqui sem um...

— Shh — Riq a repreendeu. — Não estou dizendo que seja *ela*. Só falei que as duas são muito parecidas.

— Será que é tarde demais para voltar atrás? — Dak sussurrou.

A ruiva cruzou os braços e se inclinou na direção dos três.

— Sim — ela afirmou em russo, com uma pronúncia perfeita. — De fato, é tarde demais mesmo — disse antes de voltar a falar em inglês. — Senhores — a ruiva chamou em voz alta.

Riq ouviu a porta se fechar atrás deles.

— Sim, madame — respondeu um coro de vozes.

— Parece que seus palpites estavam certos — ela olhou para Gamaliel. — E vocês ainda trouxeram o próximo Guardiã da História da minha lista. Que conveniente.

Lentamente, todos se viraram para dar de cara com Hake, Stuckey e vários outros agentes da SQ, que os cercavam como uma alcateia de lobos famintos.

De armadilha em armadilha

Dak se orgulhava de ser inteligente. Mas pelo jeito isso não era suficiente para impedir que caísse em algumas armadilhas de tempos em tempos.

Ele imaginava que enfrentariam um único agente disfarçado da SQ, como a falsa sra. Beeson. Achava que o fator surpresa estava do lado deles. E, nos dois casos, estava errado.

Por outro lado, Dak era inteligente o bastante para admitir que tinha levado a pior. Por mais que quisesse resistir, ele sabia que não tinha como.

Ilsa também sabia disso. E abriu um sorriso maléfico.

— Hake, Stuckey, levem nosso querido menino Bowley até o porão, para aguardar junto com os demais itens do leilão — ela ordenou, com uma voz que exalava desprezo. Depois ergueu um dedo e batucou nos lábios escuros. — Pensando bem, não vamos dar a eles a satisfação de rever o menino. Mantenham todos eles na sala de detenção até que eu transmita aos meus colegas a boa notícia da chegada dos viajantes. A maioria já está a caminho, então isso não deve demorar. Depois vamos nos reunir para um chá e descobrir todos os seus segredinhos — ela concluiu com uma risada sinistra.

James parecia assustado. Dak tentou acalmá-lo com um sorriso e uma piscadela.

— É só ficar sempre perto de nós, amiguinho — ele murmurou.

— Por que vocês estão aqui, seus cretinos? — Sera perguntou quando Hake a agarrou pelos braços. — Vocês atacaram a gente em público! Deviam estar na cadeia.

Ilsa balançou a cabeça.

— Eles estavam agindo dentro da lei na recaptura de propriedades roubadas. De acordo com o Ato do Escravo Fugitivo, os criminosos são vocês.

Stuckey arrancou a bolsa da cintura de Sera. Dak baixou os olhos.

— Cara, como eu odeio esta época.



Enquanto era arrastado pelo corredor por um dos brutamontes, Riq olhou ao redor tentando observar o máximo de detalhes que podia. A casa era grande, mas quase não havia mobília, o que fazia os cômodos parecerem todos iguais. Pouco depois, chegaram a uma porta trancada.

Riq ouviu sons abafados vindos do outro lado. Um dos capangas de Ilsa tirou um molho de chaves da cintura e destrancou a porta. Riq e os outros foram arrastados para dentro.

O que eles viram foi um choque. Encostados nas paredes da sala vazia havia mais de uma dezena de homens e mulheres. Quacres ao lado de padres católicos, índios Nanticoke ao lado de colonos holandeses da Pensilvânia. A cor da pele dos presentes variava do negro mais retinto ao branco mais pálido — era um verdadeiro caldeirão de etnias. Riq poderia até achar interessante aquela reunião de pessoas tão diferentes, não fosse por um detalhe: todos estavam amordaçados e acorrentados à parede.

Ele arregalou os olhos ao contemplar o rosto dos presentes, e ainda mais quando os Guardiões do Tempo começaram a tirar mais algemas e mordanças de um pequeno armário.

— Pensem bem — Gamaliel disse. — É mesmo necessário algemar as crianças?

Stuckey passou a mão pelo peito, no local onde Sera o chutara no dia anterior.

— Mais do que necessário, é um prazer.

Não havia nada que pudessem fazer. Riq viu os amigos serem algemados a uma barra de ferro que se estendia pela parede dos fundos. Ele foi o último a ser imobilizado. Sentir as correntes nos pulsos foi uma sensação desagradavelmente familiar. E a mordança tornou tudo ainda pior.

Os Guardiões do Tempo verificaram se as algemas estavam bem presas e saíram da sala, fechando a porta.

Dak emitiu inúmeros ruídos abafados à medida que ia reconhecendo as pessoas presentes. Ele tentava gritar os nomes, mas só se ouvia algo como:

— Uuuohuo uo! Haeaeiaea eioeo ouo!

Riq se sentia impotente. Não podia nem consolar James, que fungava, tentando limpar as lágrimas com os ombros.

Foi naquele momento que admitiu seu absoluto fracasso no único objetivo que estabelecera para si mesmo naquela missão: garantir a segurança de Kessiah e da tia Minty, para que elas não voltassem a ser escravas. Ele tinha sido arrogante novamente, e quem pagara o preço foram Kessiah e John, que estavam trancafiados em um porão esperando para ser leiloados, enquanto a tia Minty... Bom, ela devia estar em algum lugar naquela sala.

Ele examinou os rostos ao redor e se surpreendeu ao constatar que ninguém ali parecia assustado. Todas as expressões que viu eram de extrema dignidade. Aqueles homens e mulheres não eram do tipo que desabava sob pressão. Eles não se acovardavam quando as coisas ficavam difíceis. Talvez nem mesmo reclamassem quando as condições eram desfavoráveis.

Riq sentiu uma ponta de orgulho crescer dentro de si. Pensou em todas as pessoas ao longo da história — e não só as que faziam parte de sua organização — que haviam se sacrificado para ajudar seus semelhantes. A presença de tantos heróis em um único cômodo o motivava a seguir em frente. Ele só precisava dar o fora dali — para o bem de James, além de todos os outros motivos.

Havia duas mulheres negras na sala — uma delas alta e imponente, e a outra baixinha e miúda, do tamanho de Sera. Riq se lembrou das fotos do álbum da vovó Phoebe e reconheceu

que a menorzinha era a tia Minty — Araminta Harriet Ross Tubman —, que estava destinada a grandes feitos não fosse a ação da SQ. Riq atraiu seu olhar e ela piscou para ele, que baixou os olhos, meio sem graça. Quando olhou de novo, ela parecia estar dormindo em pé. Talvez ele tivesse imaginado aquela piscadela.



Enquanto Riq se perdia em seus pensamentos e Dak falava sozinho em seu recém-criado quarto idioma (que incluíam, além de sua língua nativa, a língua do P, uma palavra em italiano e agora uns resmungos abafados), Sera se recriminava por não ter insistido em bolar um plano melhor antes de todos irem parar naquele quartel da SQ. O que eles fariam agora, sem ninguém para ajudá-los? Sem uma chave para abrir aquelas algemas?

Espera aí, ela pensou e levantou a cabeça.

— A sháue! — ela gritou, apesar de ninguém entendê-la por causa da mordança. Ela começou a chutar Dak enlouquecidamente. — A sháue! — ela insistiu. — A sháue!

— Hã? — Dak franziu a testa, tentando entender o que ela dizia. — Shaua?

Sera sacudiu a cabeça, exaltada.

— Sháue! SHÁ-UE. SHÁ-UE. Sháue.

Dak sacudiu a cabeça, confuso.

— Hã? — ele perguntou de novo.

— A sháue u sheush ais!

Riq ergueu a cabeça, parecendo entender o que ela tentava dizer. Ele concordou com a cabeça, tentando outra abordagem.

— U sheu ousho.

— Aaah — Dak falou. — A *sháue*.

Ele assentiu, pensativo. E depois olhou para o bolso... que estava longe do alcance de suas mãos algemadas.

Sera também percebeu que aquilo era um problema. Seus ombros desabaram em sinal de derrota. *E também não tem como essa ser a chave certa*, ela pensou. *Quais as chances?* No entanto, como ela mesma havia dito, os pais sempre davam um jeito de encontrar seus filhos. E os pais de Dak sempre o apoiaram. Sempre.

Sera ouviu o som de metal contra metal entre ela e Dak, e levou um susto. Ao olhar para baixo ela viu James, e uma algema vazia onde antes estava o braço direito do garoto. Ele sacudiu a mão, removeu a mordança da boca e sorriu.

— Consegui — James falou, examinando o pulso libertado e franzindo a testa. — Fiz um arranhão.

— Ah! — disse Sera. — A mia hã-em?

Ela se agachou até a altura de James e tentou dizer: “Você pode tirar a minha mordança também, por favor?”.

James pareceu tê-la entendido perfeitamente, e estendeu o braço o máximo possível, com o outro ainda preso na algema, o suficiente para remover com a ponta dos dedos a mordança de

Sera, que soltou um suspiro de alívio.

— Obrigada — ela sussurrou. — Mas ainda precisamos fazer silêncio, certo?

James assentiu.

— Como foi que você fez isso?

— Eu encolhi a mão e puxei — James contou, com toda a sinceridade. — Mas essa aqui não saiu — ele brandiu a algema para comprovar o que dizia.

Sera sorriu para ele, e se virou para Dak.

— Você consegue alcançar a mordança do Dak?

Dak se inclinou na direção de James, que estendeu o braço.

— Não — James disse, e se virou para Sera. — Mas o bolso dele eu alcanço. Quer que eu pegue a chave que você falou?

Risinhos abafados se espalharam pela sala, o que fez Sera perceber que os outros prisioneiros estavam atentos à movimentação. Ela sorriu para o menino.

— Sim, por favor.

Ao se dar conta de que tinha uma plateia, James ficou ainda mais motivado. Ele se afastou de Sera e enfiou a mão no bolso de Dak. Depois, com um giro, partiu na direção oposta, tentando arrancar mais risadas. Ele ofereceu a chave para Sera, mas não conseguiu alcançar sua mão.

Então ele arremessou a chave.

O sorriso de Sera se transformou em uma expressão de desespero quando a chave bateu em sua mão e caiu tilintando no chão.

Liberdade, enfim?

James não conseguia alcançar a chave no chão. Ele abaixou a cabeça, envergonhado.

— Não tem problema — Sera disse.

Ela fechou os olhos e tentou enxugar o suor da testa com o ombro. Quando abriu os olhos de novo, percebeu que todos os presentes na sala ficaram paralisados ao ouvir a chave caindo no chão. Estavam todos olhando para ela, expressando o incentivo com um brilho no olhar. Sera arriscou uma olhadela para Gamaliel, Dak e Riq, que balançavam a cabeça em solidariedade. Ela se voltou de novo para James, cujo lábio inferior tremia, segurando o choro. — Não se preocupe, garoto — ela falou. — Nós vamos conseguir.

Ela pôs o pé sobre a chave e a arrastou até a parede. Feito isso, respirou fundo e relaxou os músculos, mas logo ficou tensa de novo ao dar início à difícil e dolorosa tarefa de arrastar a chave pela parede até o alcance da mão.

— Ainda bem que estou usando a calça do capitão, senão isso seria bem desagradável — murmurou.

Era preciso fazer tudo com calma e cuidado. Quando sua perna começou a oscilar, Sera fechou os olhos. O suor escorria pelas têmporas e os músculos da coxa tremiam, mas ela reuniu forças suficientes para manter a posição e começar a se mexer de novo, centímetro por centímetro, até finalmente segurar a chave entre o polegar e o indicador. Ela soltou o ar com força, e ouviu-se um murmúrio entre os presentes. *Então é assim que se sente quem joga em um time e não faz besteira*, ela pensou.

Mas o desafio não parava por aí.

Não tinha como enfiar a chave no buraco com as mãos algemadas, então ela puxou o braço acorrentado para perto da boca, inclinou a cabeça e esticou o pescoço para pegar a chave com os dentes.

Com a boca fechada em torno da chave, Sera virou a cabeça devagar, apertou os olhos para ver onde estava a ponta e tentou alinhá-la ao buraco da fechadura. Ela desejou intensamente que seu palpite estivesse certo, do contrário seus esforços não valeriam nada.

O silêncio na sala era tão profundo que dava para ouvir os ratos correndo dentro das paredes. Sera empurrou a chave para dentro da fechadura até sentir metal contra metal. Quando percebeu que estava tudo no lugar, ela respirou fundo algumas vezes e começou a

girar a cabeça na outra direção, com os olhos fechados e os ouvidos atentos até escutar um clique e sentir a algema se abrir, liberar seu pulso e se chocar contra a parede.

— Uhuu! — ela comemorou ao ver a mão livre. Sera limpou o suor da testa, tirou a chave do buraco, soltou a outra mão, olhou ao redor e sorriu. Os outros prisioneiros agitavam as mãos, animados, o que a levou a fazer um gesto pedindo silêncio. Sera sacudiu as mãos para o sangue voltar a circular e saiu pela sala abrindo as algemas dos demais em um ritmo frenético.

Dak se virou para Gamaliel enquanto Sera fazia o serviço.

— Todo mundo aqui é você-sabe-o-quê?

— Todos aqui são Guardiões da História, sim, além de abolicionistas. Não precisamos fazer segredo.

Dak deu uma risadinha.

— Por falar nisso, a organização de vocês não é secreta? Como foi que a SQ conseguiu prender todo mundo?

A mulher negra baixinha deu a resposta enquanto Sera abria suas algemas.

— Foram os lampiões — ela explicou. — Eles descobriram o que os lampiões significavam. Isso nos entregou, um a um.

Riq deu um passo à frente.

— A senhora é a tia Minty? — ele perguntou.

— Você está com a minha sobrinha?

— Ela está no porão com o marido e a bebê. Sua jornada em busca da liberdade deles pode ter sido adiada, mas ainda não acabou, de jeito nenhum.

Harriet Tubman sorriu.

— Suas palavras de incentivo hão de me inspirar.

Gamaliel Bailey caminhou até um homem corpulento e grisalho, vestido de terno.

— Sera, Dak, Riq, este é Thomas Garrett. Foi a casa dele que Ilsa tomou para transformar no quartel-general desta conspiração.

Thomas Garrett sorriu.

— Ao seu dispor. É um prazer conhecer vocês, apesar de a circunstância não ser das melhores.

Ele soltou uma gargalhada alta, censurada por quase todos os presentes na sala.

— Nós agradecemos a hospitalidade — Dak disse, esfregando os pulsos, com um sorriso se insinuando no canto dos lábios. — Sua casa é muito bonita, apesar da falta de mobília.

— Pois é... Fui obrigado a vender tudo para pagar uma multa pesada por ajudar os fugitivos — o homem explicou.

— Isso foi muito legal da sua parte — Dak respondeu, e então fez uma pausa. — O senhor sabe como sair daqui?

Thomas Garrett deu uma risadinha.

— Creio que sim. Mas ainda nos resta um obstáculo.

Riq notou o tom de preocupação na voz do sr. Garrett.

— E qual é? — perguntou.

O homem apontou para a porta.

— Ilsa nos trancou aqui. E não há como destrancar a porta pelo lado de dentro.

E os Guardiões da História são algemados de novo, mas não de verdade

Dak e Sera se entreolharam.

— Bem, vamos ter que dar um jeito de fazer com que eles abram a porta — Dak falou. — A não ser que você tenha um método científico não letal para arrombar essa fechadura também.

— Para com isso, Smyth — Sera resmungou. — Aquela foi a única vez. A única!

— E eu fiquei sem sobrelhas — Dak lembrou.

— Você tem uma obsessão pelas próprias sobrelhas. Isso é bizarro.

— A sua cara que é bizarra.

— Minha nossa — Riq interferiu. — Não dá pra deixar isso pra mais tarde, não? Nós temos um problema sério a resolver.

— Ele tem razão, para com isso — Dak disse.

Sera revirou os olhos.

— Então tá — ela falou, voltando sua atenção para o grupo novamente. — O plano é o seguinte: vamos todos voltar para os nossos lugares e pôr as algemas no pulso, mas, pelo amor, sem fechar. É só para parecer que todo mundo continua acorrentado. As mordanças também voltam para a boca, mas bem folgadas, só para manter as aparências. Eu sei que é meio nojento, mas é para o bem da nossa sociedade.

Todos os presentes, exceto Riq e Dak, voltaram aos seus lugares e reposicionaram as algemas e as mordanças.

— Eu gosto muito desse pessoal. Muito *mesmo* — Sera disse, virando-se para James. — Se acontecer alguma briga, fique bem longe, entendeu? Fique escondidinho ali no canto — ela apontou antes de se dirigir ao grupo mais uma vez. — Ótimo. Ilsa e seus capangas estão com uma coisa que pertence a mim, uma coisa que eles não sabem nem como usar. Vou dizer que posso passar para eles as instruções de uso em troca da liberdade de vocês. Continuem fingindo que estão presos até eu falar a palavra secreta, que é a senha para atacarmos. Quando eles entrarem aqui, vão estar em menor número, e nós levaremos a melhor. *Capisci?*

Riq se inclinou para ela e perguntou:

— Qual é a palavra secreta?

— A palavra secreta é... — Sera pareceu pensativa por um momento.

— Mil-oitocentos-e-qualquer-coisa — Dak disse, tranquilo.

Sera olhou para ele e sorriu.

— Ah, é. Tinha esquecido — ela comentou e se virou para os Guardiões da História. — Mil-oitocentos-e-qualquer-coisa. Entenderam?

Todos confirmaram com um aceno.

Riq sacudiu a cabeça.

— É a palavra secreta mais idiota de todos os tempos — resmungou.

— Bom, pelo menos não é uma coisa que alguém possa dizer por acidente. Agora voltem para os seus lugares e se preparem para a luta.

Naquele exato momento, a porta se abriu. Ilsa entrou na sala pisando firme, seguida por um batalhão de agentes da SQ, inclusive a falsa sra. Beeson. Estavam todos armados, com uma aparência extremamente ameaçadora.

Em uma das mãos Ilsa segurava o Anel do Infinito.

Mil-oitocentos-e-qualquer-coisa!

Sera, Dak e Riq, os únicos que estavam fora de seus lugares, se viraram e arregalaram os olhos ao dar de cara com aquele pequeno exército.

— Por todos os queijos do mundo, no fim das contas tem, sim, uma guerra nessa Fratura — Dak comentou. Ele fez uma careta ao olhar para a sra. Beeson.

Ilsa parecia furiosa.

— Vocês são mesmo muito traiçoeiros. Mas isso não importa. Duvido que consigam ir a qualquer lugar sem isto aqui — ela falou, erguendo o Anel.

Sera sentiu o coração apertado ao ver o dispositivo nas mãos do inimigo, mas sabia que aquela situação ainda era reversível. No entanto, ela preferiu esperar mais um pouco antes de colocar seu plano em prática. O pessoal da SQ tinha armas; os Guardiões da História, não.

— Peguem-na — a mulher ordenou em um tom de voz impassível.

Os Guardiões do Tempo imobilizaram Dak e Riq e os levaram para um canto. Sera arriscou uma olhada para Gamaliel, Harriet Tubman e Thomas Garrett, que pareciam ansiosos para socorrê-la, e sacudiu a cabeça. *Não, não, não*, ela pensou consigo mesma. Ela não podia se precipitar daquela maneira. *Esperem o sinal*.

Quando Stuckey a segurou pelo braço, ela reagiu com um olhar ameaçador.

— Você, de novo? Vê se pega leve aí — ela resmungou.

Stuckey a arrastou até a ruiva.

— Tudo bem, você me pegou. Vou fazer tudo o que você mandar.

Ilsa, desconfiada, estreitou os olhos e encarou Sera por um longo momento.

— Você pode pedir para o animal aqui me soltar, por favor? — Sera pediu.

— Pode relaxar, animal — Ilsa murmurou, virando o Anel do Infinito nas mãos com o máximo cuidado. — Como isto funciona?

— Bom — Sera disse, dando uma cotovelada na barriga de Stuckey e se inclinando para a frente. — É só programar a época e o lugar para onde quer ir e apertar O.K., e quando quiser voltar é só apertar O.K. de novo que você volta automaticamente para casa. É que nem o botão do controle remoto da tevê que volta para o último canal — ela acrescentou e balançou a cabeça positivamente. — É bem maneiro.

Ilsa franziu a testa diante daquelas palavras desconhecidas.

— E como você determina para onde quer ir? — ela perguntou em um tom de voz duro, mas que denotava certa curiosidade.

— Isso exige muita precisão. Eu demorei quarenta anos para aprender a usar essa coisa.

— Quarenta anos? — Ilsa rebateu. — Mas você é uma criança.

Sera encarou Ilsa com um olhar de estranhamento.

— Como assim? Todos temos essa aparência aos sessenta e cinco anos. — Ela deu uma risadinha. — Você, eu imagino, deve ter pelo menos cento e cinquenta. Cento e setenta e cinco, talvez?

O rosto de Ilsa ficou vermelho.

— Ah, não? — a voz de Sera falhou. — Puxa, sinto muito. Me desculpe. Aposto que, hã, você não está tão mal para alguém da sua idade nesta época. Quer um abraço?

— Só quero que me ensine a usar isto — Ilsa rugiu.

— Não dá pra fazer isso assim, de uma hora pra outra. A pessoa precisa estar preparada. Por exemplo, tem o fator magnético — Sera falou, batendo nos lábios com o dedo, pensativa.

— O que... o que é isso?

Sera olhou para Riq.

— Explica pra ela — a garota pediu, dando de ombros.

— O fator magnético — Riq começou, olhando de soslaio para Sera — é... um campo de força.

— E o que ele faz?

— Ah, ele atrai qualquer objeto metálico que estiver por perto durante a viagem. Isso pode ser muito perigoso — ele completou.

— É por isso que nós nunca viajamos com moedas — Sera continuou. — Não dá para usar o dispositivo agora, a não ser que todas as moedas e joias sejam guardadas em outra sala. Assim como qualquer outro tipo de metal.

Riq olhou com desdém para o sabre de um Guardião do Tempo.

— Isso inclui armas também. Mas não se preocupem, afinal vocês estão em maior número.

Ilsa estreitou os olhos.

— Tudo bem — ela disse, sem demonstrar emoção, e ordenou que seus homens depositassem armas, joias e moedas na sala ao lado. Alguns deles hesitaram um pouco, mas ninguém ousou contestar a ordem. Ilsa se virou de novo para Sera. — Agora mostre como isto funciona — exigiu, estendendo o Anel do Infinito a Sera, mas o segurando firme.

A garota não pegou o dispositivo. Em vez disso, encolheu os ombros e inclinou a cabeça para o lado.

— Certo. Para onde você quer ir?

— Quero ir para o futuro e ver a mim mesma... ver tudo o que conquistei.

— Então uns vinte anos no futuro? — Sera sugeriu com um sorriso no rosto. — Precisamos ser bem específicos.

— S-sim. Vinte anos — ela concordou, um tanto insegura.

— Ótimo. Então programe as coordenadas latitudinais e longitudinais, e não se esqueça de levar em conta a curvatura do eixo e a velocidade da Terra, os horários de verão, os anos

bissextos e o Dia da Marmota — Sera instruiu e pôs as mãos nas costas. — Qualquer dúvida é só perguntar.

Ilsa ficou olhando para o Anel do Infinito. Ela apertou os lábios, formando uma linha preta no meio do rosto, e empurrou o Anel para Sera, acertando-a no estômago, o que a garota achou um tanto rude.

— Faça isso você — Ilsa ordenou. — Nós vamos juntas.

Sera pareceu animada.

— Ah! Poxa, obrigada. Será um prazer.

Ela pegou o Anel do Infinito e começou a programá-lo, inserindo números, olhando para o vazio, fazendo contas de adição e subtração, inclinando a cabeça e resmungando alguma coisa sobre o Dia da Marmota. Depois de vários minutos manipulando o dispositivo, Sera deu uma última olhada para o Anel antes de levantar a cabeça.

— Certo. Está tudo pronto — anunciou, toda solene. — Vamos lá?

Ilsa assentiu e agarrou uma das extremidades do Anel.

Sera olhou para Dak e Riq e abriu um sorriso.

— Ótimo, perfeito. Vamos para o dia blá-blá-blá de dezembro de mil-oitocentos-e-qualquer-coisa!

Depois disso, as duas desapareceram.

Uma viagem bem curta

Seguiu-se um momento de silêncio e perplexidade. Até Dak ficou surpreso — ele não achava que Sera fosse *de fato* viajar no tempo com Ilsa. Agora ele só podia imaginar o que se passava na cabeça dos agentes da SQ enquanto olhavam incrédulos para o lugar onde antes estava sua líder.

Mas esse momento não durou muito. James saiu correndo imediatamente e se encolheu em um canto, e os demais Guardiões da História logo partiram para a ação ao ouvir a palavra secreta.

Dak e Riq se juntaram à briga quando Hake — ou Stuckey, Dak não lembrava direito quem era quem — reagiu ao ataque surpresa dando um soco na boca de Thomas Garrett.

— Ei! — Dak berrou. — Não mexe com o meu amigo!

Ele gritou bem no ouvido do capanga, enquanto Riq lhe dava um belo soco no estômago.

Em meio à gritaria e à pancadaria, Sera e Ilsa reapareceram no mesmo lugar em que estavam momentos antes. Ilsa parecia traumatizada. Ela gritou, afastou-se de Sera e se encolheu junto à parede mais próxima. Sera foi atrás e prendeu o pulso da mulher com uma algema antes de praticamente desabar aos pés dela.

— Está tudo bem? — Riq perguntou enquanto algemava Hake com a ajuda de Gamaliel Bailey.

— Só preciso de um minutinho — ela respondeu, ofegante.

Menos de um minuto depois, no entanto, Sera já estava no meio da luta. Enfiou o Anel de volta na bolsa, correu até o pequeno armário que tinha visto antes e apanhou mais dois pares de algemas com correntes. Ela jogou um para Harriet Tubman e, juntas, elas acuraram vários Guardiões do Tempo, girando as correntes acima da cabeça. Os Guardiões se algemaram à barra de ferro por livre e espontânea vontade em troca da promessa de não serem feridos pelas duas.

— Sera! — Dak chamou enquanto dava um chute na canela de um sujeito. — Vocês estão parecendo personagens daquele jogo *Calabouços e mais calabouços*. Lutas com espadas, correntes... Uau, dá só uma olhada na sra. Tubman!

Do outro lado da sala, um agente da SQ ergueu uma cadeira para arremessar na cabeça de Riq.

— Ei! — Thomas Garrett berrou. — Não mexe com o meu amigo!

Ele tinha ouvido o que Dak dissera momentos antes, e pelo jeito gostou da sonoridade da frase. Garrett foi correndo até o sujeito, agarrou-o pelas pernas, tirou seus pés do chão e o chutou na altura dos rins, mandando-o aos tropeções até um espaço vago na parede, onde Sera o acorrentou. O Guardião da História estendeu a mão para ajudar Riq a se levantar.

— Belo golpe, sr. Garrett — Riq elogiou. — Obrigado.

— Por nada, filho. Quem é o próximo?

Ele se virou e viu os inimigos caídos ao redor, a maioria deles já presos à parede. Ao se verem derrotados, os poucos agentes da SQ que ainda restavam saíram correndo. De repente se fez o silêncio.

Encolhido em seu cantinho, James arriscou uma espiada por entre os dedos.

— Já posso sair?

Riq deu uma risada, pegou o menino no colo e o ergueu no ar.

Os Guardiões da História, que haviam sofrido apenas ferimentos superficiais, irromperam em uma comemoração barulhenta. Dak não conseguia parar de sorrir.

— Cara — ele comentou. — Foi a luta mais incrível que eu já vi, e isso porque a guerra só começa em...

— Mil-oitocentos-e-qualquer-coisa — Riq disse, pedindo com um olhar para que Dak ficasse quieto.



Depois de consolidada a vitória, Dak partiu para uma animada confraternização com os Guardiões da História — muitos dos quais só perceberam que eles eram do futuro quando viram o Anel do Infinito em ação. Sera conversava baixinho com uma mulher chamada Susan, que usava um belíssimo broche perto do pescoço. Riq se recolheu a um canto com James e se limitou a observar. Ele tinha um sorriso no rosto, mas por dentro... por dentro estava um pouco aflito. Talvez bastante.

Quando viu que Harriet Tubman olhava para ele, Riq foi até ela.

— Vamos procurar a sua sobrinha — ele disse, e pôs a mão sobre o braço de Thomas Garrett. — O senhor pode me mostrar onde fica o porão?

Juntos eles percorreram o labirinto de corredores até chegar a uma das salas secretas, onde desceram um lance de escadas atrás do sr. Garrett, que levava um lampião.

— Kissy? — Harriet chamou. — Estamos indo buscá-la!

— Tia Minty? — Kessiah gritou, saindo da escuridão com John logo atrás.

— Mamãe! — James berrou. Ele pulou do colo de Riq e foi correndo para a mãe, abraçando-a com força.

— James! — Kessiah soluçou, caindo de joelhos ao sentir o rosto do filho se afundar em seu vestido. Instantes depois, ela olhou para Riq, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Não sei nem como agradecer.

Riq permaneceu em um canto mais escuro do porão enquanto Kessiah e sua tia Minty se

abraçavam. Kessiah contou o que tinha acontecido com eles, capturados em Federal Hill. Riq estremeceu ao ouvir aquilo, pois sabia que por pouco aquele não fora o seu destino também.

— Conseguimos nos encontrar por muito pouco — Harriet Tubman disse, olhando para Riq. — Nós devemos muito a você — ela falou, estendendo a mão e puxando-o para junto do restante da família.

— E eu devo a minha vida a você — Riq respondeu. — Eu me sinto... me sinto parte da família agora. De certa forma.

Ele não conseguiu olhá-los nos olhos. Até aquele dia, ele *de fato* fazia parte da família. No entanto, como o casal agora poderia seguir até o Canadá, Kessiah não voltaria mais para o Sul, e não teria mais o filho que seria o ancestral de Riq. Ela poderia ter mais filhos, mas seriam pessoas diferentes, que levariam outro tipo de vida. Suas histórias não fariam mais parte do álbum de fotos da vovó Phoebe.

O próprio álbum da vovó Phoebe não existiria mais. E nem ela.

O lábio inferior de Riq começou a tremer. Apesar de estar cercado de gente, ele se sentia mais sozinho do que nunca.

Harriet o encarou com ar solene e lhe deu um abraço.

— Depois de tudo o que você fez para nos ajudar, você é o filho que eu nunca tive — ela falou com a voz embargada. — Pronto. Agora você é da família. Certo?

Riq soltou uma risada, apesar da tristeza que sentia.

— A senhora é mesmo demais — ele respondeu.

Um presente de despedida

Thomas Garrett podia já não ter muita mobília, mas sua despensa estava abastecida o suficiente para alimentar um pequeno exército de Guardiões da História. Dak estava em seu habitat natural, cercado de pessoas que viviam para a história. E que participavam ativamente dela.

Alguns deles Dak já conhecia dos livros, outros não. Mas como todos tinham sido vítimas da conspiração da SQ, e participado da captura de sua líder, talvez ficassem famosos dali em diante.

Mas não é isso que importa, Dak pensou. Todos ali estavam lutando para corrigir o curso da história, e conquistariam muito mais em grupo do que sozinhos. Dak e seus amigos também haviam dado uma contribuição.

Assim como os pais de Dak. De alguma forma, onde quer que estivessem, eles sabiam que o filho precisaria de ajuda naquele dia. E apareceram em seu auxílio. Talvez no fim tudo terminaria bem, apesar dos pesares.

Para os abolicionistas, pelo menos, o ambiente seria mais favorável. A SQ ainda estava na ativa, mas com um pouco de sorte eles aproveitariam a segunda chance que haviam recebido e realizariam grandes feitos.

Aquela era a melhor característica da história, afinal de contas: a possibilidade de aprender com os erros do passado.

Erros como queimar as sobancelhas de alguém, por exemplo.



Riq procurou um cantinho vazio na mansão do sr. Garrett, onde se recolheu para consultar o Square. Em vez de tentar resolver o enigma para descobrir o destino seguinte, abriu o diário de atividades do Square, em que Dak vez ou outra registrava suas aventuras. E criou um novo arquivo.

Apesar de ser um amante das palavras, Riq não dedicava muito tempo à escrita. Ele não era do tipo que contava histórias; sempre achava que não tinha nada muito interessante para dizer.

Mas as histórias da vovó Phoebe precisavam ser contadas. Riq se deu conta de que, mesmo

se ele desaparecesse sem deixar vestígios — afinal, ele tinha eliminado a existência de seus próprios ancestrais para corrigir aquela Fratura —, o sacrifício valeria a pena, pois tinha feito tudo aquilo com o intuito de salvar a humanidade. As histórias de sua avó, no entanto, não podiam ser sacrificadas. Elas precisavam continuar existindo.

Riq digitou até tarde da noite. Ele registrou tudo o que conseguia se lembrar de sua árvore genealógica. E também de sua avó. E de seus pais.

Sua esperança era a de que, mesmo que ele não sobrevivesse ao que viria a seguir, Dak e Sera poderiam preservar aquelas memórias.



Sera foi conhecer o resto da casa de Thomas Garrett. Ela ficou impressionada com o fato de ele ser tão humilde, de fazer um sacrifício tão grande e não querer nenhum crédito por isso. Ele fora obrigado a gastar até o que não tinha para pagar as multas recebidas por ajudar escravos fugidos. Precisara admitir perante amigos e vizinhos que, sim, estava ajudando os escravos deles a fugir, e ainda disse, em tom de desafio: “O que vocês querem fazer comigo, me matar? Pois fiquem à vontade”. Mesmo depois de tudo isso, sua dedicação à causa era maior do que nunca. Sua casa sempre fora e sempre seria um refúgio. Enquanto ele estivesse vivo e pudesse ajudar, ele faria isso. Em um momento a sós com ele, Sera lhe perguntou o que ele mais queria no mundo, e a resposta foi: “Liberdade para todos”.

Ela teve vontade de revelar quanto tempo aquilo ainda demoraria, quantos obstáculos ainda haveria pela frente. Queria poder dizer que eles tinham resolvido tudo em um passe de mágica, e que no dia seguinte todos seriam iguais. Mas ela sabia que não era verdade. O desfecho de tudo aquilo ainda era incerto. As verdadeiras mudanças não se davam de uma hora para a outra.

— Comunicação é a chave de tudo — ela disse, afinal. — E manter a SQ bem longe da Ferrovia Subterrânea. Se vocês se unirem e enfrentarem a SQ como hoje, mudanças muito importantes podem acontecer por aqui.

Thomas Garrett sorriu.

— Obrigado — ele disse, com a mão no coração.

Sera tirou algo da calça de marinheiro e ergueu perto da luz do lampião, para que ele pudesse ver. Era um objeto tilintante e reluzente, que refletiu o brilho das chamas inquietas. Ela apanhou a mão ferida do homem e virou a palma para cima, depositando ali sua corrente de ouro.

— Isto é muito, muito antigo — ela contou, mostrando a pequena marca que informava se tratar de um objeto do ano 885. — Um dos elos está quebrado, mas ainda assim ela é muito valiosa. O senhor pode vender para continuar contribuindo com a causa dos abolicionistas, não? Vocês estão precisando muito mais do que eu — Sera disse, fechando os dedos dele em torno da joia.

Thomas Garrett olhou para o punho fechado, e depois para Sera. Ele sabia que não era uma boa ideia negar uma oferta da rainha de *Calabouços e mais calabouços*. Em vez disso, apenas

sorriu e agradeceu.

Caminhos seguros

Gamaliel Bailey e boa parte dos outros abolicionistas estavam ansiosos para voltar para casa depois de um período de ausência tão longo. Mas ainda havia espaço de sobra para alguns dormirem na casa de Thomas Garrett, se fosse preciso. Sera tinha tomado o banho que desejava havia tanto tempo, e Dak e Riq fizeram o mesmo, por insistência dela. Vestida novamente com suas roupas de quacre, ela se juntou aos outros ao amanhecer para levar os agentes da SQ para a cadeia, por terem ameaçado e posto em risco a vida de adultos e crianças. Nem mesmo o Ato do Escravo Fugitivo era capaz de acobertar o que eles tinham feito.

Riq não pôde deixar de notar o efeito que aquela derrota causara sobre Ilsa. Ele imaginava que a líder da SQ fosse resistir e fazer todo tipo de ameaça, mas ela manteve o silêncio. De um jeito quase sinistro.

Depois de se livrarem de Ilsa e companhia, todos se dirigiram para a estação de trem, onde Harriet Tubman e John Bowley, que detinham papéis de alforria, seguiram para uma viagem só de ida para Ontário, no Canadá, levando consigo um enorme caixote de madeira. Harriet prometeu que voltaria, mas antes precisava garantir que Kessiah e sua família chegassem em segurança ao seu destino.

— É uma sensação maravilhosa — Harriet afirmou —, a de ter liberdade. Contemplar suas mãos livres, seus pés livres, seu corpo todo livre. — Ela deu um abraço em Riq. — Vamos nos ver novamente?

— Acho que não — Riq respondeu.

— Bom, se algum dia você for a Nova York, apareça para uma visita — ela disse com um sorriso tímido, entregando a ele um papel. — É nesse lugar que eu construirei a casa dos meus sonhos quando tudo isso terminar.

Riq pegou o papel e abraçou a mulher, bem mais baixa que ele.

— Obrigado — ele disse.

Dak, Sera e Riq voltaram andando para a casa de Thomas Garrett, acompanhados do próprio e da verdadeira sra. Beeson, que voltaria para Cambridge no mesmo cúter que havia trazido Sera e Dak.

— Agradeça a todos eles por mim — Sera pediu. — E, por favor, devolva esta calça ao

capitão Grunder.

Dak deu uma risadinha e cutucou Riq.

— *As calças do capitão*. Sacou?

— Não.

— Aquele livro sobre...

— Não.

— Aqueles dois caras que...

— NÃO.

— Tá bom, tá bom. Vocês dois não têm o menor senso de humor mesmo.

Riq ignorou Dak e se virou para a sra. Beeson.

— Tem uma coisa me intrigando desde que nós chegamos. Aquele depósito perto da sua casa tem um alçapão no assoalho?

— Vejo que vossa mercê é um rapaz inteligente — a sra. Beeson comentou. — Existe um alçapão lá, sim. É um dos meus esconderijos na fazenda.

— Nós vimos o chão se mover — Riq contou. — Será que tinha alguém escondido lá?

— Acho que sim. Antes de ser capturada, instruí um fugitivo a pegar um lampião e ir para lá. Se soubesse o que iria acontecer, teria dito a ele que minha casa não era um lugar seguro. Que bom que ele conseguiu escapar. Quando voltar, procurarei por ele. Obrigada por avisar.

— Só a gente mesmo para fugir de um lugar seguro e ir parar numa armadilha — Dak comentou.

— Ah — Sera disse. — Acabei de me lembrar... Sinto muito pela meleca que fizemos com o refrigerante para fugir do seu porão. Era a nossa única chance de escapar.

— Não se preocupem — a sra. Beeson garantiu, com um sorriso e uma expressão confusa, certamente sem entender direito o que a garota estava falando. — Sua fuga foi muito importante. Para mim é uma honra saber que estiveram em minha casa, apesar de lamentar as circunstâncias.

Sera levantou uma das mãos.

— Toca aqui!

Em vez de responder ao cumprimento da garota com a mão aberta, a sra. Beeson bateu com o punho fechado.

— Vossas mercês são demais!

Uma espiadinha

Os três viajantes do tempo resolveram conversar um pouco em vez de partir direto para a missão seguinte. Eles se reuniram em uma campina ali perto, sentindo o sol fraco aquecer seus ombros.

— Foi uma Fratura difícil, e bem diferente de tudo o que enfrentamos antes — Sera refletiu e olhou para Riq. — Principalmente para você. Teria sido melhor não termos vindo para cá, né?

Riq enrolou uma folha de grama amarelada e comprida nos dedos, arrancou-a do chão e pôs na boca, mastigando a ponta.

— No começo eu estava odiando este lugar. Esta época. E ainda me sinto um pouco assim... Mas quer saber? Foi muito bom ter descoberto que os abolicionistas eram tão... dedicados, sabe? — Ele fez uma pausa. — E dedicados não só aos Guardiões da História, mas à humanidade também. Isso tudo faz... isso ajuda a dar um novo significado às coisas.

Dak assentiu.

— Faz a gente querer se dedicar da mesma forma à nossa missão.

— É verdade — Sera concordou. — Eu queria saber o que eles vão fazer daqui para a frente.

— Já não deu para ver o que o futuro reserva para eles só de olhar para a cara daquela megera da Ilsa quando voltou da viagem no tempo? — Dak perguntou.

— Ah, é. Para onde vocês foram, aliás? — Riq quis saber.

Sera empalideceu.

— Para lugar nenhum, na verdade. Eu, hã, programei o Anel do Infinito para cinco segundos no futuro, então só deu tempo de a gente desaparecer e reaparecer de novo. Era só uma distração para vocês poderem agir.

Dak sorriu.

— Bom, se você não desperdiçou uma viagem naquela hora, que tal a gente fazer isso agora? Sera mordeu o lábio.

— Não sei, não, Dak. O Anel do Infinito não é um brinquedo.

— Eu acho uma boa ideia — Riq disse. — Só desta vez, eu queria saber como tudo terminou — ele falou com um suspiro. — Pelo menos no caso do James.

Dak se virou para Sera.

— Não dá pra negar um pedido desses.

Ela encolheu os ombros.

— Tudo bem. Vamos avançar um pouco no tempo para ver.

— Legal! — Dak exclamou.

— Escuta só, Dak — Riq pediu a atenção do amigo. — Eu já falei isso para a Sera, e vou dizer para você também. No caso de, tipo, *alguma coisa* acontecer comigo quando a gente sair daqui, não é pra vocês fazerem nada... Sigam em frente.

Dak franziu a testa.

— Que cara de enterro é essa? O que está acontecendo?

— É por causa das Reminiscências? — Sera perguntou.

Riq assentiu.

— É. Mas tenho certeza de que elas vão acabar assim que Kessiah chegar ao Canadá. Isso tudo está me deixando meio abalado. Ignorem o que eu disse.

— É isso o que eu sempre faço — Dak disse, e deu um soco no braço do amigo.

Riq virou a cabeça devagar e levantou uma sobrancelha.

— Eu tenho o dobro do seu tamanho, cara, mas isso não me impede de dar umas boas porradas em você se for preciso. Vê se não abusa.

Com um suspiro, Sera se virou para trás e sacou o Anel do Infinito, no instante em que Thomas Garrett apareceu.

— Eu queria me despedir. Foi um grande prazer conhecê-los — ele falou. — Posso perguntar para onde irão agora? Ou isso é segredo?

— Não, nós podemos contar — Dak respondeu. — Vamos avançar alguns anos no futuro, pra ver como tudo terminou.

— Alguma instrução específica, sr. Smyth? Sr. Jones? — Sera perguntou enquanto inseria as coordenadas no Anel.

Riq teve um sobressalto.

— Já que você perguntou, eu tenho um lugar em mente, sim — ele disse, tirando um papel do bolso e entregando a Sera. — A casa de Harriet Tubman, em Auburn, Nova York.

Dak concordou com a cabeça.

— Ótima ideia. Pode ser, tipo, lá por 1875? A tal, hã, guerra-que-a-gente-não-pode-mencionar já vai ter acabado, se é que vocês me entendem — ele falou, erguendo as sobrancelhas. — Vocês podem escolher o dia, qualquer dia.

Riq ergueu a cabeça.

— Que tal 4 de julho?

Dak sorriu.

— É perfeito.

Sera começou a fazer os cálculos.

— Certo — ela falou ao terminar.

Eles se despediram de Thomas Garrett e, em questão de segundos, foram catapultados no tempo e no espaço. Quando abriram os olhos, estavam no meio de uma cozinha calorenta, onde uma mulher baixinha estava de pé sobre um banquinho diante do fogão, mexendo em uma

panela enorme. Ela devia estar esperando visitas.

Condutora, enfermeira, combatente, espiã

A primeira coisa que passou pela cabeça de Riq foi: *Eu ainda estou aqui.*

Ele não tinha certeza se sobreviveria a mais aquela viagem. Sera uma vez tinha dito que, enquanto estivessem se deslocando no tempo, os três estariam livres de qualquer anomalia. As mudanças na corrente do tempo não os afetariam, por mais que a história mudasse ao seu redor.

Riq ficou contente em perceber que ela tinha razão.

Foi quando ele se deu conta de que estava parado no meio da cozinha de Harriet Tubman. Ele olhou feio para Sera, pois sabia que aquele aparecimento repentino iria assustar a pobre mulher.

— Não dava pelo menos para a gente aparecer do lado de fora da casa? — ele murmurou.

Sera o encarou e empurrou o Anel do Infinito na direção dele.

— Quer fazer você mesmo da próxima vez? Fica à vontade, espertalhão.

Riq suspirou.

— Está certo. Desculpa.

Ele bateu de leve na parede e limpou a garganta.

Harriet Tubman, àquela altura uma mulher na casa dos cinquenta anos, virou-se ao ouvir o barulho. Ela deixou cair a colher de pau e levou uma das mãos à boca.

— Ó céus — ela falou, com a voz áspera. — Meu filho adotivo voltou para casa. — Harriet desceu do banquinho e caminhou na direção dos viajantes do tempo, estendendo os braços para pegar as mãos de Riq. — Venham sentar. Eu estava esperando por vocês.

— Ah, é? — Dak perguntou. Ele parecia com medo de ter caído em outra armadilha.

Mas o rapaz que apareceu logo depois trazia um enorme sorriso no rosto.

— Riq! — ele exclamou com uma voz retumbante.

Riq hesitou por um instante.

— É o James! — Sera sussurrou, cutucando o amigo com o cotovelo.

Riq abriu um sorriso enorme.

— Ei! Eu não esperava ver você aqui!

James deu um abraço em cada um dos viajantes do tempo, sob o olhar atento de Harriet Tubman.

— Vocês têm um tempinho? — ela perguntou.

Riq sorriu mais uma vez.

— Acho que temos, sim.



— Então — Dak começou —, a última vez que a gente se viu foi em 1850.

— Ou, se eu bem me lembro, em mil-oitocentos-e-qualquer-coisa — Harriet disse, sorrindo.

Dak sorriu também.

— Bem lembrado. Ei, isso quer dizer que a expressão pegou? Está todo mundo falando isso agora?

Harriet sacudiu a cabeça.

— Não. Ninguém nunca fala isso.

— Ah. — Dak olhou para Sera, que sacudiu a cabeça e caiu na risada. — Certo, o que aconteceu depois da última vez que a gente se viu?

— Bem, a primeira coisa foi que o sr. Garrett me avisou que vocês viriam hoje — Harriet contou. — Eu escrevi um bilhete para mim mesma e guardei no meu chapéu durante todos esses anos. Como sabia que James gostaria de revê-los, pedi que ele viesse do Canadá.

— Isso mesmo — James confirmou, sorrindo.

Harriet contou sobre a viagem de trem para a liberdade, com Kessiah, James e a bebê dentro do caixote de madeira, e Harriet, John e os demais Guardiões da História distraindo todos a bordo quando o bebê chorava ou James reclamava por estar confinado novamente.

— James estava furioso durante aquela viagem, pobrezinho, mas no fim ficou feliz — ela relatou. — Ele se lembra de tudo muito bem, não é, querido?

— Como se tivesse sido ontem — James respondeu. — E também de ter ficado triste porque você não foi com a gente para o Canadá. Ninguém por lá sabia brincar de cavalinho como você... Eles se cansavam muito fácil — ele contou, aos risos. — Eu falava de você para todo mundo que conhecia. Dizia que era o meu melhor amigo. As outras crianças deviam achar que você era um amigo imaginário, mas minha mãe sempre me disse que nos veríamos de novo.

Riq não soube o que dizer. Ele caiu na gargalhada, mas todos notaram que seus olhos não estavam cheios de lágrimas só por causa das risadas.

— Eu também me lembro como se fosse ontem — ele falou, esfregando as costas. — Na verdade, para mim *foi* ontem. Minhas costas ainda estão doloridas.

Sera estreitou os olhos para Riq. Ela ficou batucando com os dedos no joelho enquanto ele limpava os olhos. Riq sentiu que ela estava desconfiada de alguma coisa. Ela abriu um sorriso compreensivo e se virou para Harriet:

— Queríamos saber da Ferrovia Subterrânea. Ela continuou existindo?

Harriet balançou a cabeça afirmativamente, satisfeítíssima.

— Sim, a Ferrovia Subterrânea continuou existindo, para a infelicidade da SQ. Quanto mais eles tentavam acabar conosco, mais lutávamos para nos manter na ativa. E o movimento cresceu. Os escravos continuaram a fugir, a contar suas histórias e a relatar o que realmente acontecia lá no Sul. Eu viajei diversas vezes até lá para conduzir pessoalmente muitos escravos para a liberdade. E, como não podemos esquecer, o que pôs esse assunto na boca do povo foi o livro da minha amiga Harriet Beecher Stowe.

— *A cabana do pai Tomás?* — Dak perguntou.

— Isso mesmo. Seu amigo Gamaliel, que Deus o tenha, foi o primeiro a publicá-lo.

Os três perderam o ar ao mesmo tempo.

— Que Deus o tenha? — Sera perguntou baixinho.

Harriet balançou a cabeça, desolada.

— Ele não viveu para ver o fim da escravidão. Mas lutou pela causa até o último suspiro — ela contou, e acrescentou: — Thomas Garrett também já faleceu. Ele se tornou um grande amigo meu, ajudou centenas de escravos depois que vocês partiram. Ao que parece, ele recebeu um presente muito, *muito* generoso — ela arriscou uma olhadela para Sera. — Uma doação anônima. Foi isso que o manteve na ativa pelos anos seguintes.

Sera mordeu o lábio em uma comemoração silenciosa. Riq tinha certeza de que ela devia ter alguma coisa a ver com aquilo, mas a garota se limitou a dizer:

— Ah, é? Que legal.

— Por acaso nós tivemos um presidente chamado Lincoln? — Dak quis saber.

— Tivemos, sim. Um bom homem, mas foi difícil convencê-lo a banir a escravidão no Sul — ela contou, franzindo a testa. — Ele só decidiu fazer isso depois de alguns anos de guerra.

— Então houve uma guerra civil? — Dak perguntou. — Como foi que ela começou?

— Ah, sim, houve uma guerra civil. Durou de 1861 até 1865. Foi um período muito difícil e turbulento. Mas no fim os abolicionistas venceram.

— Quatro anos? — Dak questionou. — É melhor do que quinze, mas...

— Pois é — Sera completou. — A minha esperança era a de que isso nunca chegasse a acontecer.

James balançou a cabeça.

— Tudo foi destruído... Todos os lugares por onde passamos quando viajamos de Cambridge para o norte. Tia Minty viu tudo isso de perto. Como condutora da Ferrovia Subterrânea durante oito anos, ela fez mais de uma dúzia de viagens para o território escravista para resgatar fugitivos. Ela trabalhou como enfermeira para os feridos, recrutou mais de quinhentos escravos para lutar ao lado das forças do Norte e serviu até como espiã para a União.

Harriet se limitou a sorrir.

— Uau, uma espiã? — Riq disse, sorrindo. — A minha avó Phoebe ficaria... — ele se interrompeu de maneira abrupta e respirou fundo. Depois se levantou e foi até a janela. — Esqueçam isso. Me desculpem.

Depois de trocar um olhar com Harriet, James se levantou e foi até Riq, enquanto Harriet chamava Dak e Sera para a cozinha para provar o ensopado.

James pôs a mão no ombro de Riq.

— Nós somos parentes de verdade, não é?

Riq se inclinou para a frente, segurando a cabeça entre as mãos. Ele engoliu em seco e sacudiu a cabeça.

— Eu não sei — murmurou. — Não sei de mais nada.

Eles ficaram em silêncio por um longo momento.

— Obrigado por salvar minha vida — James sussurrou. — Eu cresci feliz e em liberdade por sua causa. Aconteça o que acontecer, você será sempre um irmão para mim.

Tudo o que Riq pôde fazer foi assentir.

— Obrigado — ele falou com a voz embargada. — Isso significa muito para mim.

Depois de um instante, Riq esfregou o rosto com a mão, respirou fundo e sorriu. Ele e James foram até a cozinha e sentaram com Sera e Dak diante das tigelas fumegantes de ensopado. Riq sentia os olhos de Sera sobre ele.

— O que aconteceu com Ilsa? — Dak perguntou.

Harriet franziu a testa.

— Desapareceu logo depois de vocês — ela contou. — Dizem que ela enlouqueceu. Mas de vez em quando sinto uma sensação estranha, como se ela estivesse atrás de mim. Parece que, se eu me virar, darei de cara com aqueles cabelos ruivos pela rua — Harriet bateu com os dedos nos lábios, pensativa. — Aquela mulher me causou uma impressão muito ruim. Mas é tudo minha imaginação, estou certa disso.

— A SQ tem olhos e ouvidos por toda a parte — Sera disse, recordando as palavras de Mari e Brint. — A senhora causou um sério prejuízo para eles... Com certeza eles devem querer vingança. Tenha muito cuidado, sra. Tubman.

Harriet se limitou a rir.

— A SQ nunca teve sorte comigo.

Quando Riq e os outros se levantaram para ir embora, James e Harriet os abraçaram, um a um.

— Vocês foram uma inspiração para nós em uma época muito, muito difícil... E não só para lutarmos pelos direitos dos negros, mas das mulheres também. O que quer que tenha dito para minha amiga Susan B. Anthony fez com que ela mergulhasse de cabeça na luta. Obrigada pelo serviço que vocês prestaram aos Guardiões da História e pelos sacrifícios que fizeram — ela lançou para Riq um olhar que só poderia pertencer a uma heroína —, sejam eles quais forem.



Sera tirou Dak e Riq da casa de Harriet Tubman de uma maneira bem mais convencional do que na chegada: pela porta da frente, para que tivessem uma última visão do século XIX enquanto Riq tentava decifrar a pista para a Fratura seguinte no SQuare.

— Sabe o que seria divertido? — Sera perguntou enquanto se afastavam. — Ir para uma ilha tropical com muita comida, sabonete e pasta de dente, onde a Fratura pudesse ser corrigida enquanto a gente curtia férias.

— Que tédio — Dak rebateu. — Eu queria voltar para Paris.

— Quê? Vikings de novo, não!

— Não em 885. Estou falando da Paris do século XVIII.

Riq se virou para eles, sem tirar os olhos do SQuare.

— Por quê?

Sera deu risada.

— Eu sei por quê — ela disse. — Ele quer outra garrafa de refrigerante.

— E daí? Sou um colecionador!

Riq sacudiu a cabeça e voltou sua atenção para o SQuare novamente.

— Ora — ele falou —, você acaba de ser premiada com uma ilha, Sera.

Ela suspirou.

— Sério? Sério mesmo? Onde? Taiti? Barbados? Ilhas Canárias? Nova Zelândia? Conta logo! — Ela agarrou o braço do amigo. — Anda!

Riq abriu um sorriso.

— Humm, chegou perto. Que tal... estão prontos? Estão sentados?

Sera sacudiu o braço dele.

— Claro que não. A gente está andando, animal.

— E então? — Dak perguntou, impaciente.

— Muito bem — Riq disse. — Imaginem só: um pôr do sol deslumbrante à beira do mar com...

— Conta logo! — Sera interrompeu. — Ah, já estou até sentindo a areia entre os dedos.

— Deve ser porque você está com as mesmas meias que usou para mergulhar na baía de Chesapeake — Dak comentou.

Riq parecia estar se divertindo pela primeira vez em vários dias.

— Tudo bem, tudo bem. Nós vamos para o Japão. Pode não ser um clima tropical, mas é uma ilha. E haverá samurais. De repente até ninjas. A pista não é muito clara nesse sentido.

Sera ficou boquiaberta, assim como Dak. Só que, logo em seguida, ele abriu um sorriso e saiu socando o ar.

— Legal!

— Ai — Sera disse, sacudindo a cabeça. — Como eu odeio a minha vida. De verdade. Isso foi muita maldade sua, Riq.

— É divertido provocar você — Riq justificou.

Eles chegaram a uma casa de fazenda imponente, ladeada por um grande milharal, com plantas altas e bem verdes. Não sem alguma relutância, Sera sacou o Anel do Infinito e começou a programar as coordenadas da época e do local para onde deveriam seguir.

— Não esquece de levar em conta o Dia da Marmota — Dak provocou.

Sera sentiu um frio na barriga ao perceber que ele estava se referindo à sua viagem no tempo com Ilsa.

Mas ela não tinha contado a verdade sobre aquela viagem.

A verdade era que Sera tinha cometido um erro de cálculo terrível, e como consequência presenciou o Cataclismo com seus próprios olhos.

Controle-se, Froste!, ela pensou consigo mesma, determinada a não demonstrar o quanto estava abalada. Ela não tinha coragem de contar para Dak ou Riq o que havia testemunhado, precisaria ser forte o suficiente para carregar aquele fardo sozinha.

Enquanto ela concluía os últimos cálculos, a porta da fazenda se abriu, e uma mulher enorme, com feições pronunciadas e cabelos brancos — com alguns fios ainda vermelhos — apareceu correndo na direção deles.

Os três viajantes do tempo se entreolharam, alarmados.

— A nossa vida não estaria completa sem uma visita da Ilsa — Sera murmurou.

— Puxa, o sr. Garrett é mesmo um linguarudo — Dak disse.

— Ela parece ter enlouquecido mesmo! — Riq acrescentou.

Acho que eu sei por quê, Sera pensou, mas decidiu guardar o comentário para si.

— Preparem-se, meninos. Vamos partir em cinco, quatro, três, dois, um...

E eles se foram.

Jogos on-line

Infinity Ring é uma série multimídia: após o lançamento de cada volume impresso, você pode acessar nosso site <www.seguinte.com.br/infinityring> e jogar um episódio on-line! Cada episódio é composto por quatro minigames e você entrará na pele de Dak, Sera e Riq para consertar uma Fratura. Conheça os episódios lançados até agora:



Episódio 1: *O rei dos diamantes*

Em 1792, agentes da SQ roubaram o Diamante Azul, principal joia da Coroa, e entregaram ao rei Luís XVI, que o usou como instrumento de suborno para sair da cidade, criar um exército e reprimir brutalmente a Revolução Francesa. Volte no tempo e roube o diamante antes da SQ para garantir o sucesso da revolução.



Episódio 2: *A vingança dos casacas vermelhas*

Washington está sendo atacada pelos casacas vermelhas da SQ. Se você não ajudar a primeira-dama Dolley Madison a fugir, ela será capturada, o que forçará o governo dos Estados Unidos a se render e dará o controle do país à SQ. Viaje até 1814 para auxiliar Dolley a deixar a cidade em segurança.



Episódio 3: *O caminho do guerreiro*

No Japão feudal, o futuro *shogun* Tokugawa Ieyasu está em perigo: ninjas assassinos estão no seu encalço. Aprenda a ser um verdadeiro samurai, derrote os ninjas da SQ e deixe Tokugawa

Ieyasu a salvo para que ele possa cumprir seu destino e unificar o Japão.

Próximo volume

A maldição dos ancestrais

Matt de la Peña

Previsão de lançamento: maio/2014

No quarto volume da série Infinity Ring, os jovens viajantes do tempo Dak, Sera e Riq voltam para a época da civilização maia, mas alguma coisa deve estar errada com o Anel do Infinito, porque eles foram parar quase mil anos antes do que esperavam. Logo eles percebem que a SQ havia distorcido a história dos maias, e caberá a eles resgatar um antigo códice. Será que eles vão conseguir salvar os maias e a si mesmos antes que seja tarde demais?

Próximo jogo on-line

Episódio 4: *Dragão adormecido*

Em 1500, agentes da SQ infiltrados entre os manchus estão tentando invadir a China e derrubar a dinastia Ming. Para isso, eles tentarão atravessar a Grande Muralha — a principal defesa chinesa. Alerta o exército Ming sobre o ataque e ajude-os a defender a muralha!

LISA MCMANN nasceu em Michigan e mora no Arizona, nos Estados Unidos. É autora da trilogia paranormal *Wake*, best-seller do *New York Times*, dos livros *Cryer's Cross* e *Dead to You* e da série de fantasia distópica *Unwanteds*. Ela gosta de ler, cozinhar, nadar e passar o tempo com seu marido e seus filhos.

Copyright © 2013 by Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,

557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Trap Door

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Chris Nurse

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO Keirsten Geise

PREPARAÇÃO Mariana Zanini

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Mariana Cruz

ISBN 978-85-8086-783-1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/edoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

Jogos on-line

Próximo volume

Próximo jogo online